

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO.....	5
2.	OBJETIVOS.....	12
3.	METODOLOGIA.....	12
4.	FORMAÇÃO DE EQUIPE.....	13
5.	FAMILIARIZAÇÃO COM OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
6.	CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO.....	15
7.	ENTREVISTAS.....	19
8.	VIAGENS DE CAMPO.....	20
I.	SANTARÉM NOVO.....	20
II.	QUATIPURU.....	32
III.	IRITUIA.....	50
IV.	MOJÚ.....	68
V.	IGARAPÉ-MIRI.....	78
VI.	ABAETETUBA.....	87
VII.	CAMETÁ.....	92
9.	RESULTADOS PRELIMINARES.....	96
10.	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	102
11.	MATERIAL DE DIVULGAÇÃO.....	106
12.	ANEXOS.....	107
ANEXO I.	QUADRO SÍNTESE COM OS RESULTADOS PRELIMINARES.....	108
ANEXO II.	QUADRO DE BENS POR CATEGORIA.....	108
ANEXO III.	QUADRO GERAL DE GRUPOS VIGENTES E EM MEMÓRIA.....	110
ANEXO IV.	QUADRO SÍNTESE GERAL DE ENTREVISTAS REALIZADAS.....	110
ANEXO V.	LISTA DE TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	111
ANEXO VI.	QUADRO DE REGISTROS AUDIOVISUAIS.....	113
ANEXO VII.	ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	123
ANEXO VIII.	LISTA PRELIMINAR DE POSSÍVEIS ENTREVISTADOS EM SANTARÉM NOVO ENVIADA POR ISAAC LOUREIRO.....	124
ANEXO IX.	LISTA PRELIMINAR DE POSSÍVEIS ENTREVISTADOS ENVIADA PELO SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA DE QUATIPURÚ, CIRLENE DO ROSÁRIO.....	127
ANEXO X.	LISTA DOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE IRITUIA E MOJÚ.....	128
ANEXO XI.	MATERIAL DE DIVULGAÇÃO.....	129
ANEXO XII –	TERMOS DE CESSÃO GRATUITA PARA USO DE DOCUMENTOS SONOROS, VISUAIS, AUDIOVISUAIS E ESCRITOS EM PESQUISAS, INVENTÁRIOS, DOSSIÊS E EDIÇÕES.....	131

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPAS

Mapa 1 - Área total do Levantamento Preliminar: Mesorregiões Marajó e Metropolitana de Belém / Microrregiões: Salgado, Cametá, Tomé-Açu, Guamá e Bragantina).....	11
Mapa 2 - Localização da sede municipal de Santarém Novo em relação à capital do Estado.....	20
Mapa 3 - Localização da sede municipal de Quatipurú em relação à capital do Estado.....	32
Mapa 4 - Localização da sede municipal de Irituia em relação à capital do Estado.....	50
Mapa 5 - Localização da sede municipal de Mojú em relação à capital do Estado.....	68
Mapa 6 - Localização da sede municipal de Igarapé-Miri em relação à capital do Estado.	78
Mapa 7 - Localização da sede municipal de Abaetetuba em relação à capital do Estado.	87
Mapa 8 - Localização da sede municipal de Cametá em relação à capital do Estado.....	92
Mapa 9 - Mapa Folclórico do Estado do Pará elaborado por Armando Bordallo da Silva	98

FOTOS

Foto 1 - Vista panorâmica da frente da cidade de Santarém Novo.....	22
Foto 2 - Alguns dos igarapés que cortam o município servem de balneário para seus habitantes como na localidade de Peri-Meri, localizada a 15 minutos da sede municipal.....	22
Foto 3 - Atual barracão da Irmandade de São Benedito.....	26
Foto 4 - Sr. Antônio Custódio em frente de seu antigo barracão onde realizava os festejos em homenagem a São Benedito ao som de grupos de carimbó...26	
Foto 5 - Localidade de Boa Vista, a 10km de Quatipurú. Imagem do porto e também local de saída para as praias do município.....	33
Foto 6 - Vista da orla da sede municipal de Quatipurú.....	34



Foto 7 - Sr. Raimundo Borges, popularmente conhecido por “Mestre Come-Barro”	39
Foto 8 - O grupo de carimbó “Aratú” da localidade de Boa Vista	40
Foto 9 - Ensaio do grupo de carimbó “Raio de Sol” no quintal da residência do “Mestre Come-Barro”	41
Foto 10 - Sra. Raimunda Conceição dos Santos, dançarina e membro da Marujada de Quatipurú	41
Foto 11 - Barracão Mestre Verequete, erguido em 2009 por membros dissidentes da Marujada de Quatipurú	43
Foto 12 - Barracão de São Benedito da localidade de Boa Vista	43
Foto 13 - Sra. Maria do Rosário segurando a última rabeca confeccionada por seu pai, Manoel dos Santos	44
Foto 14 - Sr. Olivar Lisboa Pereira, responsável pelo grupo de carimbó “Raízes Quatipurenses” e membro da Marujada de São Benedito	45
Foto 15 - Sincretismo: os terreiros de Umbanda de Quatipurú	46
Foto 16 - Pintura na parede da sede da Irmandade Maria Pretinha	47
Foto 17 - A falta de oportunidades e as novas exigências nos formatos dos grupos deixaram o Sr Ivo dos Anjos Siva, o “Tio Minga”, em situação de esquecimento, mesmo sua obra musical sendo celebrada como a mais significativa do município	63
Foto 18 - O “sanfoneiro do carimbó de Itabocal”. O Sr. Solano Antônio de Oliveira. Referência dos antigos bailes e que hoje toca esporadicamente com o grupo de carimbó local	65
Foto 19 - Local de reunião da Irmandade de São Benedito. O terreno onde este barracão está construído sediou boa parte da história das manifestações culturais do município de Irituia	65
Foto 20 - Além de cantor e compositor, Mestre Jorge confecciona vários instrumentos como a flauta e o banjo que, apesar de já ter feito outros, prefere o que o acompanha desde que começou a tocar	76
Foto 21 - Capa do CD gravado em 2009 pelo grupo de Banguê do “Compadre Socó” (na imagem, sentado segurando o banjo)	84
Foto 22 - Na seqüência: “Pim”, “Dona Onete” e “Pinduca”, algumas das principais referências artísticas do Município de Igarapé-Miri, cantores e	



compositores que tiveram parte de seus sucessos alavancados com a gravação de músicas de carimbó.....	85
Foto 23 - Capa do Cd do grupo “Os Muiraquitãs” gravado em 1977.....	90
Foto 24 - Mestre Cupijó durante entrevista em sua residência em Cametá.....	95
Foto 25 - Algumas das capas dos Lp’s lançados por Cupijó guardados em seu acervo particular.....	95

QUADROS

Quadro 1 - Regiões com maior incidência de grupos de carimbó no Estado do Pará.....	6
Quadro 2 - Equipe do Levantamento Preliminar.....	13
Quadro 3 - Cronograma de execução antigo e viagens a campo.....	16
Quadro 4 - Cronograma de execução alterado e viagens a campo.....	18
Quadro 5 - Grupos de carimbó em atividade em Santarém Novo.....	31
Quadro 6 - Grupos de carimbó em atividade em Quatipurú.....	49
Quadro 7 - Grupos de carimbó identificados em Irituia.....	67



1. APRESENTAÇÃO

Este relatório final de atividades é referente à continuação das pesquisas pertinentes ao Levantamento Preliminar da Forma de Expressão CARIMBÓ, como parte da instrução do processo de registro dessa manifestação cultural como patrimônio cultural brasileiro.

O processo de registro deste bem cultural está em curso desde o final de 2008 quando formalizado o pedido por entidades culturais de carimbó localizadas nos municípios de Santarém Novo e Marapanim. Em 2009, depois de o pedido ter sido analisado como pertinente a Superintendência do IPHAN no Pará deu início ao Levantamento Preliminar, finalizado no mesmo ano, na microrregião do Salgado Paraense, o qual envolveu onze municípios. O início da pesquisa nesta região se deu por dois motivos: o primeiro por ser ela a área de maior concentração de grupos de carimbó do Estado do Pará, fato confirmado em pesquisas preliminares, e segundo, pelo fato de nesta região terem sido fecundadas as primeiras discussões sobre o registro do patrimônio imaterial relacionado ao carimbó¹.

Com o intuito de mapear e identificar todas as áreas de incidência do bem cultural Carimbó no Pará, a equipe de pesquisadores – a qual vem sendo a mesma em todas as etapas – a partir dos levantamentos realizados (bibliográfico, documental, audiovisual e de campo), identificou a presença desta manifestação concentrada em uma área que envolve as seguintes meso e microrregiões²:

Quadro 1 - Regiões com maior incidência de grupos de carimbó no Estado do Pará.

¹ A idéia de registrar o Carimbó como Patrimônio Imaterial do Brasil se deu a partir do diálogo estabelecido entre a **Irmandade de Carimbó de São Benedito**, da cidade de Santarém Novo, e o IPHAN ainda em dezembro de 2005, por ocasião da realização do **4º Festival de Carimbó de Santarém Novo**.

² Por ser um Estado de dimensões continentais, os critérios de coleta de dados de campo foram feitos seguindo as divisões regionais do IBGE.



Mesorregião	Microrregião
Nordeste Paraense	• Bragantina • Cametá • Guamá • Salgado • Tomé-Açu
Metropolitana de Belém	• Belém • Castanhal
Marajó	• Ararí • Furo de Breves • Portel

Desta forma, elaborou-se um roteiro de coleta que segue as indicações geográficas acima indicadas, no intuito de verificar *in loco* as especificidades desta manifestação cultural, já que as referências documentais até hoje produzidas não dão conta de tamanha área e as que existem, em sua grande maioria, não tratam especificamente deste objeto de pesquisa. Assim, sendo o INRC um instrumento de registro que prima pela identificação e pela documentação de bens culturais de natureza imaterial, a coleta de campo se torna indispensável.

Com a finalização do levantamento realizado na microrregião do Salgado Paraense, em 2010 o Iphan realizou o levantamento da mesorregião Metropolitana de Belém (envolvendo de uma vez duas microrregiões: Belém e Castanhal, totalizando onze municípios). Esta situação foi possível devido a se ter identificado um menor número de grupos de carimbó nesta área do Estado.

Dando continuidade ao registro do bem cultural carimbó, o Iphan deu início ao levantamento preliminar da microrregião Cametá, com inventário nos municípios de Abaetetuba, Baião, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajurú, Mocajuba e Oeiras do Pará, o qual foi executado pela MIGUILIM – CULTURA, ARQUITETURA, PROJETO, TURISMO E ECOLOGIA, empresa vencedora da licitação para



realização desta pesquisa, e que contratou a mesma equipe que realizou os levantamentos nas regiões anteriormente citadas. Esta etapa, cujo cronograma será discriminado no item 6 (Cronograma de execução), teve início no mês de outubro de 2010 com previsão inicial de finalização para fevereiro de 2011.

As informações e levantamentos preliminares obtidos pelos pesquisadores dão conta de uma quase completa ausência de registros do bem cultural carimbó na microrregião Cametá, com exceção de algumas poucas referências encontradas nos municípios mais próximos à capital do Estado, Belém.

Dentre os principais registros até aqui coletados, que informam sobre as manifestações culturais da área de pesquisa, encontramos em Salles (1969, 1980, 1985, 2002, 2003, 2004, 2005, 2007), uma das maiores fontes de acervo documental sobre as manifestações culturais (folclore, folguedos, festas, etc.) do Estado do Pará. Em suas obras há uma descrição minuciosa da música, da dança e da festa praticadas em algumas áreas da microrregião Cametá. Nelas, há poucos registros sobre o carimbó que estaria localizado entre as regiões do Salgado, Marajó e Metropolitana de Belém.

Nos relatórios da Secretaria Executiva de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e do Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP, há uma descrição das principais práticas culturais de cada município e, na microrregião Cametá, são representativos da cultura local:

- **Abaetetuba** – folias de reis, bois-bumbá, cordões de pássaros, quadrilhas juninas, pastorinhas e carimbó;
- **Baião** – cordões de pássaros e bichos e samba-de-cacete.
- **Cametá** – marierrê, samba-de-cacete, bois-bumbá, pastorinhas, folias de reis, lavadeira, bambaê do rosário e marujada;



- **Igarapé-Miri** – cordões pássaros e de bichos, bois-bumbás e quadrilhas juninas;
- **Limoeiro do Ajurú** – bangüê;
- **Mocajuba** – grupos culturais escolares;
- **Oeiras do Pará** – samba-de-cacete e bois-bumbás.

No dia 16 de novembro de 2010, o coordenador da equipe de pesquisa do INRC/Carimbó, Edgar Chagas, foi convidado a assistir a um vídeo no Instituto de Artes do Pará (IAP), o qual ainda está em fase de finalização, intitulado “Rituais e Festas de Quilombos”, realizado pelo próprio IAP. O convite surgiu pelo motivo de sua procura anterior a respeito das manifestações culturais da microrregião Cametá.

Dos ritmos mostrados neste vídeo, nenhum faz referência ao carimbó, fato que reafirmou a necessidade de rever a execução do projeto nestes municípios. Assim, foram feitos levantamentos bibliográficos e documentais nos relatórios acima citados e contatos com o coordenador da campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro: nós queremos”, Isaac Loureiro, sobre a existência deste bem cultural nas regiões do Estado ainda não pesquisadas pelo INRC/Carimbó, e constatou-se a existência de importantes localidades com tradição no carimbó que mereciam estudo:

- **Irituia** (Guamá) – o carimbó é tradição enraizada na cidade e em algumas comunidades rurais, algumas delas remanescentes de quilombos. Ali acontecem festas tradicionais de carimbó em homenagem a São Benedito e Santo Reis, no mês de janeiro. O carimbó era chamado antigamente de “samba”, razão pela qual até hoje existem comunidades quilombolas que reproduzem o “samba de roda” e há graves conflitos com a igreja católica por



conta da vinculação entre o culto a São Benedito e as festas de carimbó. Existem vários grupos em atividade³;

- **Quatipuru** (Bragantina) – o carimbó é parte do ritual da Marujada mantido pela Irmandade de São Benedito há mais de um século. Além deste, o retumbão, variedade local do samba-de-roda, é a dança característica da Marujada. O grupo “Raio de Sol”, liderado pelo mestre “Come-Barro”, toca carimbó e os demais ritmos da Marujada⁴;
- **Moju** (Tomé-Açú) – antiga área de remanescentes de quilombos, fez parte, durante a fase de ocupação europeia, do mais importante centro econômico da Amazônia fundamentado na mão-de-obra escrava, o que a fez tornar-se, assim, a área de maior incidência da cultura negra da região. Tem um grupo chamado “Mexilhão do Icatú” e ao que tudo indica é um município com tradição no carimbó⁵;
- **Santarém Novo** (Bragantina) – é um dos municípios onde a tradição do Carimbó se manifesta de forma mais autêntica e profunda. Terra do lendário Carimbó de São Benedito, manifestação preservada há mais de um século por uma Irmandade que é mantida pela própria comunidade⁶.

³ ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth et al. Quilombolas de Irituia (Pará) em luta pelo reconhecimento de direitos territoriais no século XXI. Belém: UNAMAZ-INCRA, 2008; SEPOF – Estatísticas Municipais - Irituia, 2008 e informações coletadas em entrevista pré-campo – via internet – com membros do Movimento Cultural “Quem-Te-Dera” de Irituia em janeiro de 2011.

⁴ SALLES, Vicente. O negro na formação da sociedade paraense. Belém: Paka-Tatu, 2004; SEPOF – Estatísticas Municipais - Quatipuru, 2008 e informações coletadas em entrevista pré-campo – via internet – com o Secretário de Cultura do Município Cirlem Lisboa em janeiro de 2011.

⁵ SEPOF – Estatísticas Municipais - Moju, 2008 e informações coletadas em entrevista pré-campo com o músico, compositor, ativista cultural e ex-prefeito de Moju, Erivelton Martins em janeiro de 2011.

⁶ SEPOF – Estatísticas Municipais – Santarém Novo, 2008 e Informações coletadas em entrevista pré-campo com o Presidente da Irmandade de São Benedito de Santarém Novo e Coordenador da Campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro” Isaac Loureiro em dezembro de 2010.

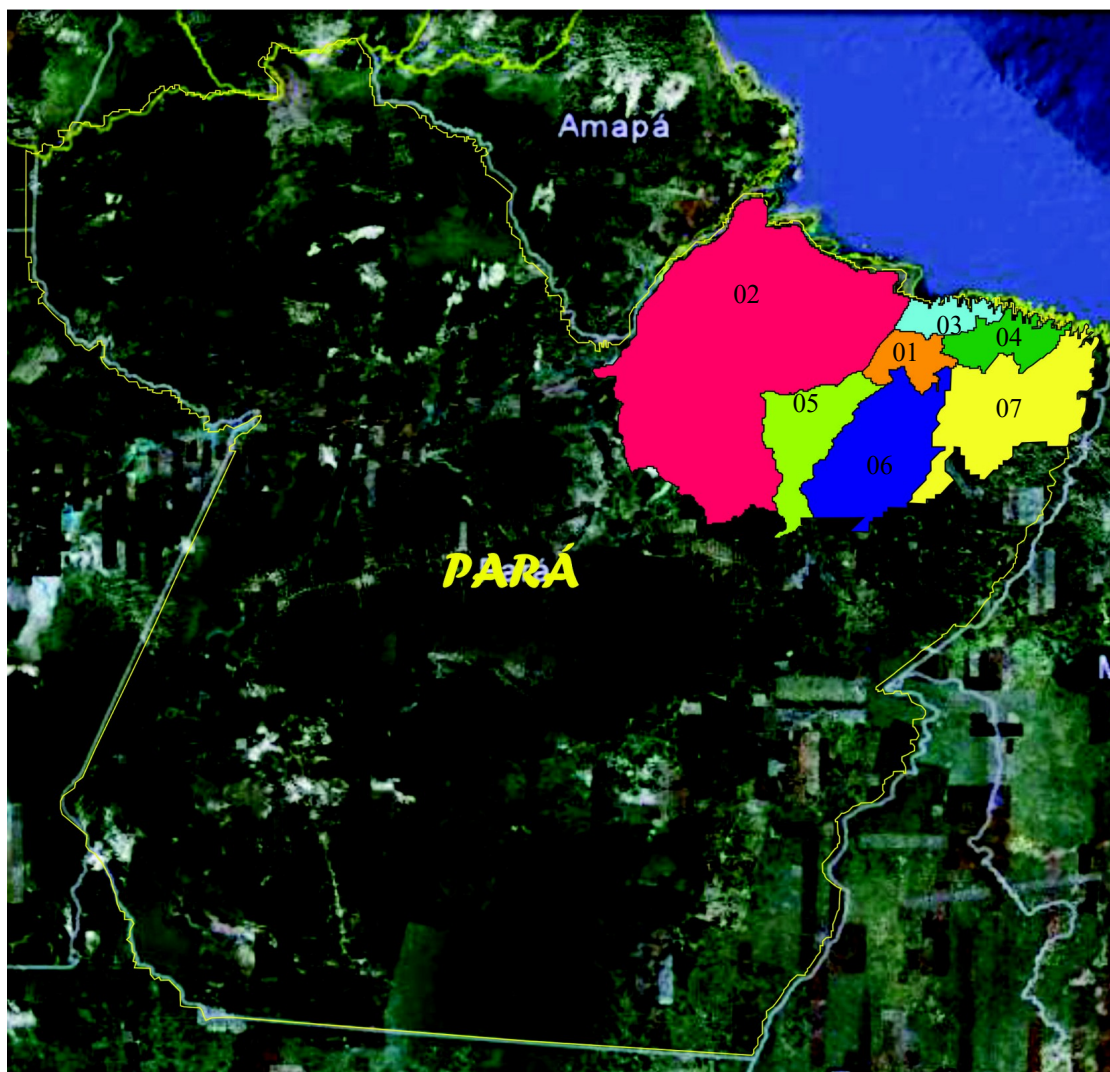


Estes municípios foram propostos como substituição àqueles nos quais não foram encontradas referências sobre o carimbó na microrregião Cametá: Baião, Mocajuba, Limoeiro do Ajurú e Oeiras do Pará.

Desta forma, em entendimentos realizados entre a Miguilim e o Iphan, foi proposta por parte da equipe de pesquisa a substituição de alguns municípios por outros de microrregiões não contempladas e que possuem grande tradição em relação ao bem cultural, de modo que o número de municípios permaneceria o mesmo, conforme o contrato de prestação de serviços e sem custos adicionais. A partir deste acordo, estruturou-se a proposta de um novo organograma (descrito abaixo).

Assim, espera-se que com a etapa em curso se dê o fechamento do levantamento preliminar nas regiões demarcadas como de maior incidência deste bem cultural no Pará e se inicie a fase de identificação, visando o registro desta manifestação cultural como patrimônio imaterial da cultura brasileira.

Mapa 1 - Área total do Levantamento Preliminar: Mesorregiões Marajó e Metropolitana de Belém / Microrregiões: Salgado, Cametá, Tomé-Açu, Guamá e Bragantina)



Fonte: Ministério dos Transportes/Mapa Rodoviário: Tele Atlas. Adaptação Isis Ribeiro

- 01 Metropolitana de Belém
- 02 Marajó
- 03 Salgado
- 04 Bragantina
- 05 Cametá
- 06 Tomé-Açu
- 07 Guamá

Seguindo a orientação geográfica da área de incidência do carimbó no Estado do Pará, a equipe de pesquisa propôs a realização do Levantamento Preliminar nos municípios de: Cametá, Abaetetuba e Igarapé-Miri (05 - Cametá); Moju (06 - Tomé-Açu); Irituia (07- Guamá); Santarém Novo e Quatipurú (04 - Bragantina). Desta forma,

os municípios substituídos foram: Limoeiro do Ajurú, Oeiras do Pará, Mocajuba e Baião, integrantes da microrregião Cametá.

2. OBJETIVOS

O presente texto tem por objetivo prestar informações sobre o trabalho de pesquisa do *INRC/Carimbó – Microrregião Cametá e entornos*, bem como expor os resultados das ações desenvolvidas ao longo do trabalho pela equipe contratada.

As viagens de campo objetivaram a identificação do bem cultural na área delimitada acima.

3. METODOLOGIA

Tendo por diretriz o Manual de Aplicação do INRC, o trabalho realizado teve como princípio básico o contato direto com os membros das comunidades visitadas a partir de entrevistas e registros em meio audiovisual, bem como o levantamento bibliográfico e documental sobre o bem cultural pesquisado em universidades, bibliotecas e acervos pessoais.

O trabalho de campo foi fundamentado na pesquisa de fontes orais. Utilizou-se o método de entrevista qualitativa sobre a história de vida e a relação com o bem da população que faz ou fez do carimbó uma de suas manifestações culturais. A coleta de dados se deu através de entrevistas semi-estruturadas (ver anexo I) que, no entanto, por estarem metodologicamente atreladas à história de vida, abriram espaço para inserções temáticas por parte dos entrevistados.

Como critério de análise e categorização dos bens culturais identificados, foi priorizada a visão dos membros das comunidades e suas próprias formas de análise, na medida em que foi possível



apreender seus sistemas representativos em torno do bem. Tal critério analítico tem como fundamento a valorização do conhecimento tradicional em torno do bem cultural pesquisado, ou seja, os sentidos e valores atribuídos pelos sujeitos envolvidos, interpretes de seu patrimônio.

Todas as viagens a campo foram precedidas pela elaboração de pequenos roteiros com informações gerais sobre os municípios, assim como sobre o bem cultural pesquisado. As informações complementares que surgiram em campo através das pessoas encarregadas de receber a equipe (membros ou não das prefeituras municipais locais) foram de importância substancial para um melhor aproveitamento do tempo em virtude dos deslocamentos internos.

4. FORMAÇÃO DE EQUIPE

Os critérios para a composição da equipe foram definidos pelo projeto básico, anexo ao edital publicado pelo Iphan para este trabalho, respeitando as exigências mínimas indicadas para a contratação de pessoal. Assim, após a definição do coordenador, partiu-se à seleção dos demais pesquisadores que fizeram a composição final da equipe definida conforme o quadro a seguir:

Quadro 2 - Equipe do projeto

NOME / FUNÇÃO	FORMAÇÃO / ÁREA DE ATUAÇÃO	GRAU DE QUALIFICAÇÃO
Edgar Monteiro Chagas Junior / Coordenador	Geógrafo / Atuação na área de Geografia Cultural e experiência em documentação e pesquisa sobre patrimônio imaterial	Bacharel e licenciado pleno em Geografia / Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPa)
Marta Georgea Martins de Souza / Pesquisadora	Antropologia / Formação acadêmica voltada para	Graduada em Educação Artística, com

– documentação / inventário	metodologia de pesquisa cultural de gêneros musicais populares	Habilitação em Música, e Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará
Andrey Faro de Lima / Pesquisador – documentação inventário	Ciências Sociais / Experiência na área de Antropologia, atuando principalmente, nos seguintes temas: Antropologia Urbana; Patrimônio Cultural; Música, Cultura e Sociedade na Amazônia	Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (2005) e Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Antropologia da UFPA. Atualmente (2009) é doutorando pelo mesmo programa.
Isis Jesus Ribeiro – Assistente de pesquisa	Técnica de Edificações (2001), proficiente em softwares básicos e específicos da área de arquitetura (AutoCAD, CorelDRAW). Experiência em banco de dados do INRC – IPHAN - MINC	Graduação em andamento em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Pará, UFPA, Brasil.
Ana Cláudia Gomes – Revisão e formatação de textos	Pesquisadora da área de Patrimônio Cultural	Licenciada (1995) e mestre (2002) em História pela Universidade Federal de Minas Gerais

5. FAMILIARIZAÇÃO COM OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

Sendo grande parte da equipe a mesma que vem realizando os levantamentos anteriores sobre o carimbó, o estudo e familiarização com os instrumentos metodológicos ficaram condicionados a leitura de material (textos, publicações, documentos, etc.) sobre a área de pesquisa/levantamento, bem como aos temas que se referem à política de salvaguarda que envolve a continuidade deste tipo de manifestação cultural além de informações gerais sobre os municípios a serem visitados. Foram feitas reuniões com os membros da equipe para, em conjunto com a empresa contratada e a Superintendência



do Iphan no Pará, elaborar as estratégias, o planejamento e o calendário das viagens de campo conforme cronograma abaixo.

6. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

O cronograma de trabalho foi montado em razão do tempo previsto para execução do Levantamento Preliminar da Microrregião Cametá e Entorno, bem como para os retornos aos municípios visitados para exposição dos resultados preliminares dos levantamentos realizados pelo INRC/Carimbó (Microrregião do Salgado Paraense, Mesorregião Metropolitana de Belém, Microrregião Cametá e entorno e Mesorregião Marajó). A pesquisa preliminar na capital do Estado e a coleta de dados em campo durante o levantamento nas regiões Salgado Paraense, Metropolitana de Belém e Cametá, proporcionaram a identificação da existência ou não do bem cultural Carimbó nos municípios que compõem esta porção do território paraense. A partir disso, foram identificadas diferenciações entre os municípios que possuem uma historicidade sobre este bem, assim como a existência de grupos atualmente em atividade em cada um deles.

Desta forma, a proposição dos retornos, procurou abarcar, a partir do que foi identificado pelo levantamento preliminar, todos os municípios que atendem estes requisitos, já que uma ação em municípios onde não houve identificação do bem ou naqueles em que há um pequeno número de grupos criados recentemente, sem tradição em relação ao carimbó no lugar, demandaria tempo e energia preciosos sem o devido retorno para a pesquisa. Observa-se, no entanto, que estes municípios serão convidados a participar dos encontros em cidades “pólo” de outros municípios, sendo enviados

convites a todos os entrevistados de cada um deles bem como aos representantes oficiais dos órgãos de cultura municipais.

Quadro 3 - Cronograma de execução antigo e viagens a campo

Fase	Produtos	Levantamento preliminar carimbó										Retorno às microrregiões					
		1º Relatório			2º Relatório			3º Relatório		Relatório Final		Material de divulgação		Retornos		Relatório Final	
	Especificação (Discriminação dos serviços)	15	30	45	60	75	90	105	120	135	150	165	180	195	210	225	240
1	Realização de oficina de capacitação da equipe de estudos e metodologia do INRC																
2	Pesquisa bibliográfica e documental																
3	Realização de pesquisa de campo nos municípios inventariados																
4	Cadastro e identificação dos grupos de carimbó nos municípios inventariados																
5	Preenchimento das fichas de sítio, localidades e anexos																
6	Preenchimento do banco de dados																
7	Elaboração de textos para concepção dos banners																
8	Elaboração do projeto gráfico para concepção dos banners																
9	Plotagem dos banners																
10	Tratamento e impressão de fotografias																
11	Realização de encontros nas microrregiões Cametá, Salgado Paraense e Mesorregião Metropolitana de Belém																
12	Complementação e ajustes das informações coletadas																

Viagens a campo

Período	Local
Dezembro e Janeiro	Santarém Novo, Quatipurú e Irituia
Fevereiro	Moju, Igarapé-Miri, Abaetetuba e Cametá

Durante o decorrer do trabalho houve a necessidade de prorrogação do cronograma solicitada a partir dos motivos expostos pela equipe técnica contratada já que o trabalho em campo vinha sendo



prejudicado por conta das fortes chuvas e das condições das estradas vicinais existentes em cada município e que levam até lugarejos, vilas, agrovilas, quilombos, etc, onde existem grupos ou pessoas que interessavam a este levantamento. Em todos os municípios, nas referidas estradas, não existe asfalto e, por conta do período chuvoso, muitas delas estão intrafegáveis, algumas possuindo pontes de madeira com risco de desabamento devido às enxurradas dos rios.

Soma-se a isso o fato de que, no dia 10 de maio de 2011, aconteceu na sede da Superintendência Regional do Iphan no Pará reunião com a superintendente do Instituto, Dorotéia de Lima, a técnica do Iphan responsável pelo acompanhamento da pesquisa Júlia Morim e o coordenador do levantamento Edgar Chagas Jr, provocada pelos representantes da campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro”, e de membros de grupos e associações de carimbó de região nordeste do Estado, na qual foi discutida, entre outros assuntos, a situação dos retornos. Na ocasião, os referidos representantes manifestaram o interesse de que o retorno contemplasse todos os municípios pesquisados. Desta forma, houve uma reavaliação por parte do Iphan e, em concordância com os motivos expostos, o cronograma e o plano de trabalho foram reajustados com o intuito de se proceder os retornos em um número maior de municípios.

Ficou estabelecido que estes iniciariam pela microrregião do Salgado Paraense por ser a área onde foi realizado o primeiro levantamento preliminar e onde se concentra a maior incidência de grupos de carimbó no Estado. Assim, um novo cronograma de execução foi elaborado, conforme alteração de prorrogação, solicitada pela Miguilim Assessoria Cultural Ltda e aprovada pelo Iphan, relativo ao prazo de entrega dos produtos finais do *Levantamento Preliminar do Carimbó na Microrregião Cametá e Retornos aos municípios pesquisados para exposição de resultados e complementação de*

dados a respeito do bem cultural Carimbó. Assim, o cronograma foi reajustado e prorrogado por três meses conforme segue a tabela abaixo

Quadro 4 - Cronograma de execução alterado e viagens a campo

Fase	Cronograma de Execução	INRC-Carimbó – Pesquisa no âmbito da Microrregião Cametá											
	Produtos	1º Relatório			2º Relatório			3º Relatório		Mat. de divulgação/ Relat. final		Início Retorno	Retorno/ Relat. final
	Especificação (Discriminação dos serviços)	15	30	45	60	75	90	105	190	255	265	270	330
1	Realização de oficina de capacitação da equipe de estudos e metodologia do INRC												
2	Pesquisa bibliográfica e documental												
3	Realização de pesquisa de campo nos municípios inventariados												
4	Cadastro e identificação dos grupos de carimbó nos municípios inventariados												
5	Preenchimento das fichas de sítio, localidades e anexos												
6	Preenchimento do banco de dados												
7	Elaboração de textos para concepção dos banners												
8	Elaboração do projeto gráfico para concepção dos banners												
9	Plotagem dos banners												
10	Tratamento e impressão de fotografias												
11	Realização de encontros nas microrregiões Cametá, Salgado Paraense e Mesorregião Metropolitana de Belém												
12	Complementação e ajustes das informações coletadas												

Viagens a campo

Período	Local
Dezembro e Janeiro	Santarém Novo, Quatipurú, Irituia e Mojú
Maio	Igarapé-Miri, Abaetetuba e Cametá



7. ENTREVISTAS

As entrevistas foram feitas a partir de um roteiro⁷ que, no entanto, foi caracterizado por uma flexibilidade em função do método da história de vida. Em geral as pessoas entrevistadas não conheciam este levantamento e, durante os primeiros contatos, eram-lhes explicado o sentido deste trabalho e também eram entregues os folders com mais informações sobre o levantamento. Em todas abordagens era solicitado a permissão para se gravar as conversas, bem como para se fotografar o entrevistado, desta forma, solicitava-se a assinatura de um *Termo de Cessão Gratuita para uso de documentos sonoros visuais audiovisuais e escrito* conforme modelo nos anexos.

Durante o período de preparação para os trabalhos de campo executaram-se por telefone contatos prévios e agendamentos de entrevistas com membros de grupos de carimbó dos municípios que foram pesquisados.

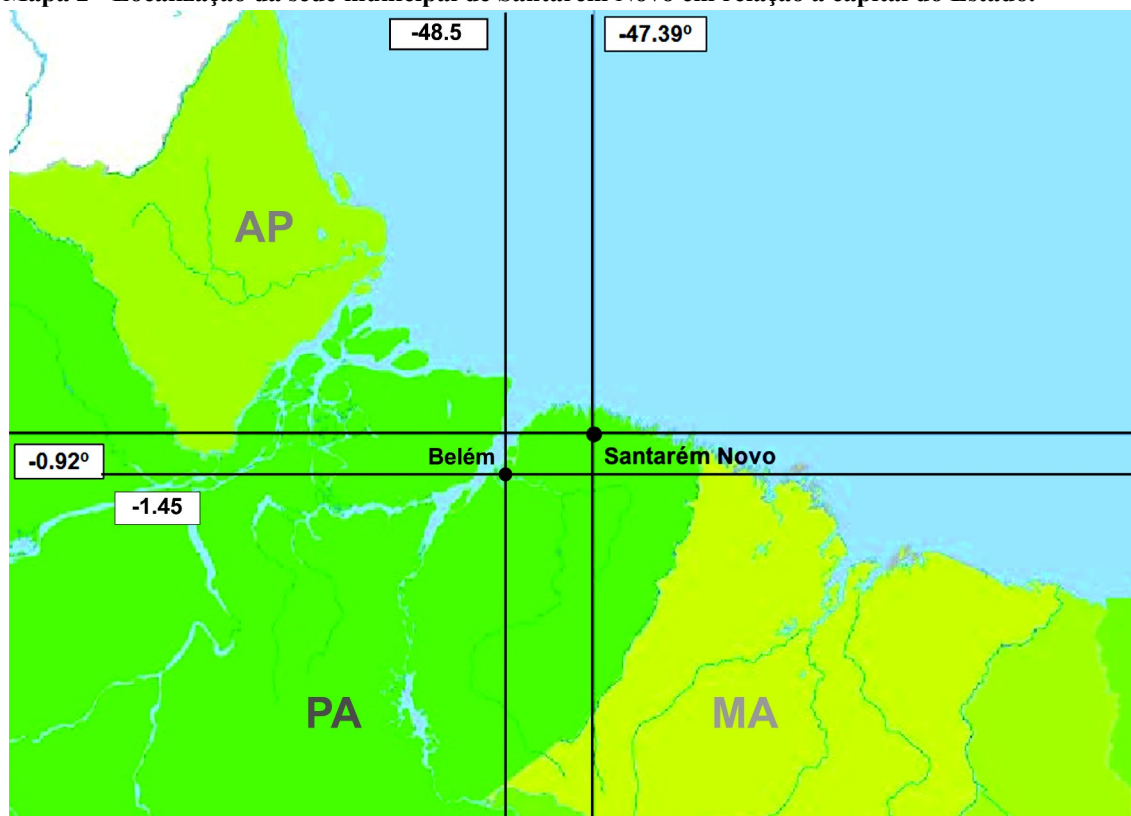
⁷ Ver anexo 1.

8. VIAGENS DE CAMPO

I. Santarém Novo

O município de Santarém Novo, fundado em 1961, está situado a 137 km da capital paraense, fazendo parte da mesorregião Nordeste Paraense e da microrregião Bragantina. Possui uma população de 6.145 habitantes (IBGE, 2010) e uma área territorial de 230 Km², representando 0,02% do Estado do Pará. Seu índice de desenvolvimento humano é de 0,64 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano – PNUD (2000).

Mapa 2 - Localização da sede municipal de Santarém Novo em relação à capital do Estado.



Fonte Ministério dos Transportes/Mapa Rodoviário; Tele Atlas. Adaptação Isis Ribeiro

A economia do município está baseada na agricultura e na pesca. O setor de comércio e serviços é pequeno e a maior parte dos

empregos formais está concentrada na administração pública municipal.

Os principais atrativos naturais do lugar são orla da sede municipal, banhada pelo rio Maracanã, e os balneários localizados em lugarejos um pouco mais afastados como Jutaí Grande, rio Chocare (vila de Fortaleza) e Peri-Meri. O município faz parte de uma Reserva Extrativista denominada Chacoaré-Mato Grosso, criada em 2002 pelo Governo Federal. Esta abrange uma área de 2.785 hectares e está localizada entre os municípios de São João de Pirabas, Maracanã e Santarém Novo, estendendo-se até o leito do rio Maracanã⁸.

A infra-estrutura básica do município é incipiente, não havendo rede de esgotamento sanitário e apenas 56,05% dos domicílios possuem água encanada. A maior parte do lixo é queimada (56%) ou depositada em terreno baldio (35%), enquanto o coletado representa apenas 1,53%⁹.

A dimensão cultural do município é representada por grupos de folguedos e autos populares, como cordões de bichos, a representação do "Rei Cariongo" e os "Pretinhos", quadrilhas juninas e grupos de carimbó. Os principais eventos festivos são as festas de santo, com destaque para Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município, e São Benedito, cuja celebração é protagonizada por uma irmandade centenária, quando acontece o maior número de apresentações de grupos de carimbó, ambas no mês de dezembro. Além destas, há festivais que acontecem ao longo do ano, destacam-se o Festival do Caranguejo, em julho, e o Fest Rimbó (Festival de Carimbó) em dezembro. Em relação aos equipamentos culturais, a cidade possui uma biblioteca pública municipal.

⁸ Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Santarém Novo, 2011.

⁹ Fonte: IBGE/SIDRA, 2000.



Foto 1 - Vista panorâmica da frente da cidade de Santarém Novo.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, janeiro de 2011



Foto 2 -Alguns dos igarapés que cortam o município servem de balneário para seus habitantes como na localidade de Peri-Meri, localizada a 15 minutos da sede municipal.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, janeiro de 2011

O campo

A viagem ao município de Santarém Novo contou com a participação de todos os membros da equipe de pesquisadores e



durou 4 dias (de 6 a 10 de janeiro de 2011). A saída de Belém se deu por voltas das 20h do dia 6 (quinta-feira) e o retorno no dia 10 (segunda-feira). A equipe optou pela saída noturna para que o dia seguinte pudesse ser aproveitado na íntegra.

O município é um dos mais importantes desta etapa de trabalho, por ter sediado a iniciativa de solicitar ao Iphan o pedido de registro do bem cultural carimbó como Patrimônio Cultural do Brasil, através da Campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro”. Neste sentido, em uma entrevista preliminar pré-campo com o coordenador desta campanha, Isaac Loureiro (que também é natural de Santarém Novo), nos foram repassadas informações sobre o bem cultural pesquisado e uma listagem de possíveis pessoas a serem entrevistadas no município com significativa relação com o carimbó e com a festividade de São Benedito (ver anexo II). A partir desta lista, a equipe montou uma estratégia de ação que pudesse desenvolver a coleta de dados tanto na sede municipal quanto na zona rural. Ao tempo em que as entrevistas iam sendo realizadas com base na referida lista, surgiam novos contatos que, em sua maioria, foram visitados pela equipe.

Em Santarém Novo a equipe foi recepcionada por um membro da Campanha, Alderi Dias, dançarino, percussionista e coordenador da Orquestra de Carimbó de Santarém Novo, que gentilmente nos ciceroneou em nossa estada no município.

No dia 7, pela manhã, partimos em direção à zona rural do município, seguindo um roteiro traçado por Alderi, o qual, devido às distâncias e estradas diferentes, foi dividido em dois momentos: no período da manhã, faríamos a área que batizamos de “zona norte”, correspondente às localidades de Fortaleza, Faustina e Peri-Meri, e pela tarde a “zona sul”, correspondente às localidades de Pacujá,

Santo Antônio, Amapazinho e Bacuriteua. Ao final do dia, somadas as sete localidades da zona rural, foram realizadas 15 entrevistas

Os dias 8, 9 e 10 foram dedicados à sede do município onde se concentra o maior número de pessoas ligadas direta ou indiretamente ao carimbó e à Irmandade de São Benedito, bem como aos cordões e autos populares. No total, foram realizadas 27 entrevistas.

Ao todo, portanto, foram realizadas 42 entrevistas, então transcritas para as fichas de bens culturais, e os dados dos entrevistados para as de contatos. Em quase todas as entrevistas houve registros em áudio e fotografias e, nos casos de amostras, como cantorias ou grupos se apresentando, houve registros em pequenos formatos de vídeo, feitos por câmeras digitais. Todo este material foi identificado com legendas e códigos para inserção na ficha de Registros Audiovisuais.

Principais evidências levantadas

O carimbó em Santarém Novo constitui um bem cultural enraizado no cotidiano dos seus habitantes. Grande parte destes participa ou participou de alguma forma de grupos de músicos ou de dança, principalmente durante os festejos em homenagem a São Benedito, que acontece anualmente, sempre de 21 a 31 de dezembro. Neste sentido, há uma particularidade em relação à prática do carimbó na sede do município, devido a sua associação com esta festa de santo, sendo a mesma promovida por uma Irmandade que conta atualmente com 170 membros.

A festividade de São Benedito acontece durante 10 dias e em cada um deles há um “festeiro” que a promove, doando bebidas e comidas que serão consumidas pelos participantes. Há apresentações de grupos de carimbó que tocam durante toda a noite e madrugada no Barracão da Irmandade. A indumentária é outra particularidade, já



que é obrigatório o uso de paletó pelos homens e saias rodadas pelas mulheres; quem desobedece a esta regra é convidado a se retirar do salão.

Sendo este o principal festejo do ano, a Irmandade de São Benedito construiu um barracão para suas atividades, que também abriga o “Festival de Carimbó” do município no mês de dezembro, que, em 2010 esteve em sua nona edição. Segundo os relatos dos entrevistados mais antigos, a construção deste barracão foi positiva por um lado, já que a Irmandade ganhou um espaço próprio, mas por outro fez com que se deixasse de realizar as comemorações nas casas dos “festeiros”, nas suas salas ou nos barracões construídos ao lado das mesmas especialmente para este momento. Atualmente, na cidade, são raros os barracões particulares ainda existentes, porém não mais utilizado para fins festivos.

Segundo o Sr. Antônio Custódio da Silva, também conhecido por “Farol”, antigo “festeiro”, ex-membro da Irmandade e proprietário de um dos poucos barracões remanescentes na cidade (já bastante deteriorado e servindo de depósito), houve também uma transformação na forma como aconteciam os festejos e as celebrações em louvor ao santo. Segundo ele, cada “festeiro” era apanhado em sua residência por uma comissão de foliões e levado até a Igreja onde eram cantadas folias e rezadas ladainhas. Posteriormente o mesmo era reconduzido até sua residência, onde se realizava a festa, com o detalhe de que, além das bebidas e comidas mais comuns, era servido café e beiju até o dia amanhecer.

Atualmente, todos os dias de festa são realizados no barracão da Irmandade, sem o ritual relatado pelo Sr. Antônio. Complementando esta informação, Isaac Loureiro informa que antes os grupos de carimbó não possuíam nomes ou títulos como os atuais e “nem possuíam formação permanente”. Os grupos se organizavam

em função de alguma celebração e/ou comemoração, como os festejos de santo ou o término dos trabalhos nas roças.

No restante do município, o carimbó acontece em várias localidades com a presença de pelo menos um grupo em atividade. Na localidade de Peri-Meri é realizada anualmente, no dia de Reis, em janeiro, uma festividade de carimbó em um barracão feito para este evento.



Foto 3 - Atual barracão da Irmandade de São Benedito.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, janeiro de 2011



INRC: INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS



Foto 4 - Sr. Antônio Custódio em frente de seu antigo barracão onde realizava os festejos em homenagem a São Benedito ao som de grupos de carimbó.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, janeiro de 2011

Em geral, os grupos de carimbó do município estão em plena atividade e, por conta de novos eventos como o “Festrimbó” e a campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro”, iniciada no município em 2005, novos grupos surgiram como o “Herdeiros da Tradição - HT” e o “Aracê da Amazônia”, além de grupos mirins como o “Trinca-Ferro Mirim”, que já realizou várias apresentações fora do município. Segundo Isaac Loureiro, estes grupos se apresentam de forma sazonal em função dos eventos que ocorrem principalmente na sede do município.

A grande repercussão da campanha tem ajudado a mobilizar grupos e a sociedade em geral tanto na capital, Belém, quanto no interior do estado através de apresentações e promoções de conjuntos de carimbó, encontros festivos, oficinas, palestras e cursos, matérias jornalísticas e publicitárias, além de abaixo-assinados sobre o processo institucional que visa promover o carimbó à Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Segundo seu idealizador Isaac Loureiro,

(...) é uma iniciativa que busca envolver e mobilizar a sociedade em torno da valorização e do reconhecimento do Carimbó como expressão importante da cultura brasileira, sendo uma continuidade do processo organizado a partir das discussões promovidas no Festival de Carimbó de Santarém Novo desde 2005. Organizada por grupos de carimbó e entidades culturais de vários municípios, esta Campanha faz parte do processo iniciado pela Irmandade de Carimbo de São Benedito junto ao IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – para registrar o Carimbó Paraense como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil¹⁰.

¹⁰ Extraído de <campanhacarimbo.blogspot.com> acessado em 16 de fevereiro de 2011.



A atividade desta campanha vem colaborando com a promoção e maior visibilidade do carimbó dentro e fora do estado além de incrementar novas formas de sociabilidades no município de Santarém Novo, local onde houve sua mobilização inicial. Desta forma, desde o momento de sua criação, a campanha passa a fazer parte da dinâmica organizacional dos eventos de final de ano do município como o “Festirimbó” e os festejos em homenagem a São Benedito, ambos tendo o carimbó como base musical das festas e celebrações.

O Festival de Carimbó de Santarém Novo – FESTIRIMBÓ foi criado em 2002 pela Irmandade de São Benedito em parceria com a Prefeitura Municipal. Segundo seus organizadores, o objetivo era (e segundo eles ainda é) buscar uma maior valorização e reconhecimento da manifestação na região. A partir de então, a primeira quinzena de dezembro tem sido a demarcação temporal de realização do evento sempre em um final de semana determinado.

Dentro do Festival há uma vasta programação onde são realizados encontros, rodas de conversas, oficinas de cultura popular, arrastões, exposições e o grande concurso de carimbó denominado “Troféu Mestre Celé” homenagem a um respeitado e reverenciado compositor, músico, cantor e artesão de instrumentos de percussão de carimbó de Santarém, Novo falecido em 2007.

Assim, Santarém Novo tem se destacado no cenário do carimbó paraense como um dos locais onde a manifestação está em plena atividade, reelaborando suas práticas e criando novas possibilidades de se compreender sua dinâmica sócio-cultural.

No que se refere às principais dificuldades encontradas pelos grupos, há uma queixa constante quanto ao apoio do poder público e



à falta de recursos para se comprar instrumentos ou mesmo material para construí-los. Os grupos cobram cachês que variam de 50 a 200 reais que, divididos pelos membros de cada grupo, se tornam irrisórios, já que estes possuem em média dez músicos.

O grupo de carimbó “Quentes da Madrugada” tem se destacado no município devido, dentre outras coisas, a um documentário realizado pelo grupo paulista “A Barca”¹¹, que resultou em um CD e DVD. A partir disso, e com o apoio do presidente da Irmandade e coordenador da campanha, Isaac Loureiro, o grupo passou a fazer constantes viagens para outros estados do país.

Em uma leitura preliminar em relação à reprodução do carimbó no município de Santarém Novo, a equipe de pesquisa constatou uma grande mobilização por parte dos que participam dos grupos em atividade no sentido de manter o aspecto mais “tradicional” deste bem cultural, o chamado carimbó “pau-e-corda”¹².

A relação demarcada com a festividade de São Benedito é uma característica importante e singular na medida em que já se constitui fato raro se encontrar o carimbó associado a uma festa de santo no estado, e ainda comandado por uma Irmandade como é o caso do grupo “Quentes da Madrugada”, na sede municipal. Sobre este aspecto, Isaac Loureiro atenta para o fato de que a história do carimbó sempre (até onde a memória da comunidade alcança) foi associada à festividade e à Irmandade de São Benedito. Ao longo do tempo, a população e o clero local entraram em conflito quanto à maneira de cultuar São Benedito. Mais recentemente, com a criação do “Fest-Rimbó” (Festival de Carimbó de Santarém Novo), que

¹¹ Grupo paulista de pesquisa sobre gêneros tradicionais brasileiros.

¹² Em geral, os grupos chamados de “pau e corda” fazem o uso de instrumentos rústicos confeccionados com a matéria-prima disponível do meio natural, como curimbó, banjo, flauta artesanal, maraca, tambor-onça, dentre outros, e não se permite o uso de instrumentos elétricos.



acontece dias antes da festividade, as divergências têm de algum modo se agravado, porém, segundo o entrevistado, a comunidade vem tentando negociar uma pacificação com a Igreja para que a tradição permaneça. Foi-nos relatado que a Irmandade está encontrando dificuldade de conseguir uma autorização da Igreja para construir uma capela para São Benedito. As igrejas existentes na cidade são vinculadas à adoração de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município, e a São Sebastião.

Foram apontadas pelos grupos da zona rural um possível “separatismo” existente em relação aos da sede municipal. Situação exemplificada através dos relatos dos entrevistados pertencentes a grupos do interior no que se refere aos convites para apresentações nos eventos do calendário cultural oficial do município, além dos problemas apontados anteriormente, comuns a praticamente todos os grupos.

As transformações associadas à prática do carimbó e relacionadas aos festejos em homenagem a São Benedito são motivos de muitas controvérsias entre os participantes da festa, sobretudo os mais idosos. A maioria das divergências envolve a presença de adolescentes e a venda de bebidas e comidas, pois, conforme relatam Martinho de Souza (tocador e cantador de ladainha e folias), Ramira Dias e Irailde Rayol (antigas *festeiras*), em outros tempos (sem data específica) os mais jovens não possuíam permissão para participar da festa, considerada uma diversão de adultos. A mudança teria ocasionado uma maior ênfase à festa de carimbó, em detrimento dos aspectos religiosos da festividade, como as novenas, ladainhas e folias, o que, conseqüentemente, acarretou certas divergências com o pároco local.

Outra insatisfação concerne à situação de possível proscrição na qual se vêem alguns antigos cantadores, como Néri de Almeida, que

afirma nunca mais ter cantado na festa, haja vista que a formação do conjunto de carimbó se tornou permanente, impedindo o revezamento entre os vários cantadores e tocadores do município.

Em Santarém Novo foram identificados os seguintes grupos de carimbó em atividade:

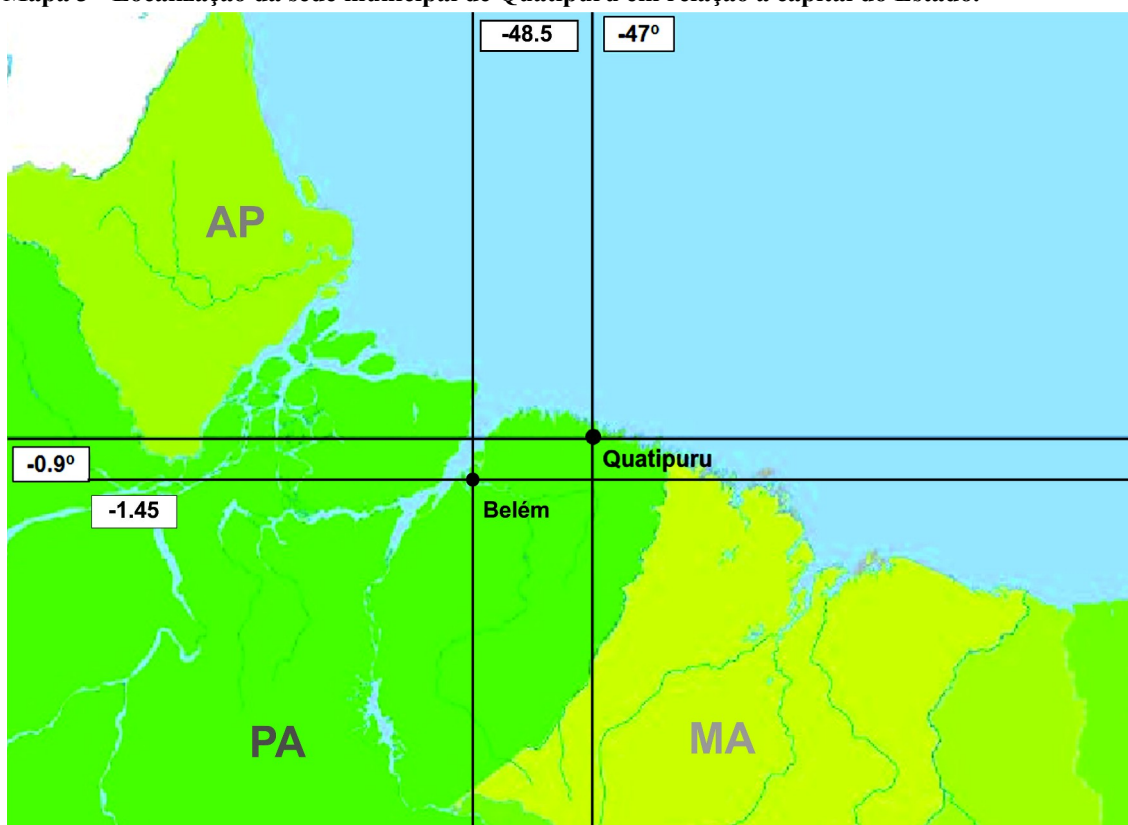
Quadro 5 - Grupos de carimbó em atividade em Santarém Novo

Nome do grupo	Localização
Conjunto de Carimbó Raio de Sol	Vila de Pacujá
Conjunto de Carimbó Cheiro do Pará	Sede municipal
Conjunto de Carimbó Unidos de Peri-Meri	Vila de Peri-Meri
Conjunto de Carimbó Trinca Ferro	Vila de Bacuriteua
Conjunto de Carimbó Passarinho	Vila Amapazinho
Conjunto de Carimbó HT (Herdeiros da Tradição)	Sede municipal
Conjunto de Carimbó Unidos da Liberdade	Sede municipal
Conjunto Os Quentes da Madrugada	Sede municipal
Conjunto Trinca Fero Mirim	Sede municipal
Conjunto Rouxinol (antigo Ouro Negro)	Vila de Fortaleza
Conjunto Renascer (antigo Relampeando)	Vila Faustina

II. Quatipuru

O Município de Quatipuru foi fundado em 1997 e está situado a 178 km da capital do Estado, fazendo parte de mesorregião Nordeste Paraense e da microrregião Bragantina. Possui uma população de 12.411 habitantes (IBGE, 2010) e uma área territorial de 324 km² representando 0,03% do Estado do Pará. Seu índice de desenvolvimento humano é de 0,62 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano – PNUD (2000).

Mapa 3 - Localização da sede municipal de Quatipurú em relação à capital do Estado.



Fonte Ministério dos Transportes/Mapa Rodoviário; Tele Atlas. Adaptação Isis Ribeiro

A economia do município está quase toda concentrada na pesca e coleta do mexilhão e do caranguejo, sendo este município um dos maiores produtores do crustáceo. O emprego formal se concentra nos

cargos públicos da administração municipal e, em menor escala, na estadual. O setor terciário é pequeno, existem poucos estabelecimentos comerciais que servem apenas para o abastecimento básico da população tanto da sede municipal como da zona rural¹³.

O município possui uma pequena infra-estrutura no que concerne aos serviços básicos. Não existe rede de esgotamento sanitário e apenas 18,27% dos domicílios possuem água encanada. A maior parte do lixo é queimada (48,95%) ou depositada em terreno baldio (28%), enquanto o coletado representa apenas 0,83%¹⁴.

A paisagem natural do município é um dos seus principais atrativos. A orla da sede municipal, banhada pelo rio de nome homônimo ao da cidade, proporciona uma bela paisagem e serve de lazer principalmente para as crianças. A dez quilômetros, a vila de Boa Vista é outro local que possui uma exuberante paisagem dinamizada pelo movimento das embarcações de pescadores. As praias são um convite à apreciação. Quase sempre desertas, só se chega de barco em um percurso que dura em média meia hora. As mais visitadas são as praias do Peruquara, De Fora e Utelina.



Foto 5 - Localidade de Boa Vista, a 10km de Quatipurú. Imagem do porto e também local de saída para as praias do município

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, jan de 2011

e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Quatipurú, 2011.

¹⁴ Fonte: IBGE/SIDRA, 2000.

Foto 6 - Vista da orla da sede municipal de Quatipurú.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, jan de 2011



A rica cultura do município é caracterizada por dezenas de manifestações populares como bois-bumbá, cordões de bichos, quadrilhas juninas e festividades de santo com destaque para a de São Benedito em dezembro, quando acontece a Marujada em sua homenagem, considerada pelos habitantes como o momento mais esperado do ano. Além destas, há outras festividades que fazem parte do calendário oficial do município como o Festival do “Tororomba” em junho e o Festival do Caranguejo em julho.

O campo

A viagem ao Município de Quatipuru foi realizada entre os dias 13 e 17 de janeiro de 2011, e contou com a participação de todos os membros da equipe.

Permaneceu a estratégia da saída noturna (na quinta-feira), devido à distância até aquele município, visando o maior aproveitamento do dia seguinte em campo.

Durante o período de preparação da viagem, a equipe entrou em contato com o Secretário de Cultura do Município, Cirillem Lisboa



do Rosário, que foi bastante solícito ao enviar um pequeno, porém importante roteiro de possíveis pessoas a serem entrevistadas, tanto na sede municipal quanto na localidade de Boa Vista e que tinham alguma relação com o bem cultural objeto desta pesquisa (ver anexo III). Este roteiro nos proporcionou uma maior agilidade no trabalho de campo na medida em que, a partir dele, surgiram importantes novos contatos que detinham significativo conhecimento sobre o bem cultural carimbó e os bens associados a ele como: artesãos, músicos, membros da Marujada, cantadores de folias e rezadores de ladainhas, dentre outros.

Devido à grande quantidade de chuvas e à péssima condição da estrada que dá acesso à localidade de Boa Vista (localidade que também possui – segundo entrevista com o Secretário de Cultura – importantes referências culturais do município), a equipe optou por iniciar os trabalhos na cidade/sede e aguardar melhores condições climáticas para a visita naquela localidade, fato que só foi possível no dia seguinte (dia 15) pela manhã.

Na cidade de Quatipuru, em companhia de um guia cedido pela Secretaria de Cultura, a equipe partiu para a coleta de dados junto aos primeiros indicados da referida lista que, a partir dos primeiros contatos, logo foi estendida com novas indicações que iam surgindo ao longo das entrevistas. Ao término do primeiro dia, haviam sido realizadas sete entrevistas. Ressalta-se que houve vários contratempos por conta de ainda estarmos em “dia de semana” e boa parte dos contatos estavam fora de casa trabalhando na pesca ou na roça.

No dia 15, ainda com o tempo nublado, mas sem chuvas, a equipe partiu para a localidade de Boa Vista, distante 10 km da sede municipal em uma estrada bastante esburacada e enlameada, o que fez com que a viagem durasse um tempo além do previsto.



Como na sede do município, a partir das primeiras entrevistas em Boa Vista, a lista, que era até então de três contatos, logo se estendeu, fazendo a equipe mudar o cronograma de permanência naquela localidade. Por conta das chuvas e da estrada, havia a necessidade de retorno para a sede municipal de Quatipuru até o final da manhã. No entanto, a equipe optou por prolongar o tempo em Boa Vista, devido ao aumento significativo de indicações importantes a serem entrevistadas. Ao final do dia, a equipe retornou a Quatipuru, por sorte, sem chuvas.

Nos demais dias de pesquisa no município, o trabalho se concentrou em entrevistas na cidade com os novos contatos além daqueles que não haviam sido encontrados no primeiro dia de campo. Ao término do trabalho, foi realizado um total de vinte entrevistas.

Principais evidências levantadas

O Carimbó é um dos aspectos que caracteriza a Marujada de São Benedito de Quatipuru. Presente tanto no Ritual de Danças das Marujas e Marujos, quanto no Baile Comunitário. A dança da Roda, que abre e fecha a ritualística dançada, e tem por base o Lundu, ao final acelera transformando-se em Carimbó, chamado aqui de “Foguinho”; A dança do Peru – grande atração do ritual – é um carimbó de conquista-sedução de parceiros no centro da roda, onde a maruja-perua tenta cobrir o marujo-peru com sua saia, e o marujo-peru à maruja-perua com sua grande asa-camisa; os parceiros vão se revezando no centro da roda até o momento em que um dos pares é dominado-coberto.

(Mana-Maní – Ponto de Cultura: Danças Circulares da Amazônia, caderno de anotações, 2010 - <[www. Manamani.org.br](http://www.Manamani.org.br)> acessado em 10 de janeiro de 2011).

Em Quatipuru, assim como em Santarém Novo, o Carimbó está associado ao calendário festivo de homenagens e celebrações a São



Benedito. No entanto, diferem nas nomenclaturas e na forma de organização das associações culturais que promovem os festejos. Em Santarém Novo, existe a “Irmandade de São Benedito” e em Quatipuru, a “Marujada de São Benedito”. Ambas possuem similaridades na forma de organização (associações culturais), nos espaços utilizados (barracões do Santo) e no período da festa (dezembro). Ressalta-se também que, em Santarém Novo, não há a manifestação Marujada e sim a Associação denominada “Irmandade de São Benedito” que organiza a festa.

Em linhas gerais, a Festa da Marujada em Quatipuru é uma manifestação cultural que consiste em um cortejo dançado nas ruas e nos barracões. Marujos e Marujas, vestidos com as cores do Santo (azul e vermelha) e chapéus enfeitados com adornos de panos e fitas também com as cores do Santo, dançam diversos ritmos como o lundu, a roda, o chorado, o retumbão, a mazurca e a valsa até que se inicie o carimbó, quando este preside a festa até o dia amanhecer. A festa também possui a “levantação” e a “derrubada” dos mastros, distribuição de bebidas e comidas gratuitamente pelos juízes¹⁵ da festa, trocas de presentes, entre outras atividades.

Segundo os registros da Associação da Marujada de Quatipuru – AMAQUAT, a Marujada completou 172 anos em 2010. O Secretário Municipal de Cultura, Cirlem do Rosário relatou que esta manifestação possuía em seus primórdios uma estreita relação com a Igreja católica local e que, aos poucos, os festejos relacionados à Marujada foram sendo separados da programação realizada pela Igreja. Tal fato contribuiu, segundo o entrevistado, para uma dissidência entre o que a população local reconhece como “religioso” e “profano”, além de instaurar uma situação desconfortável para os

¹⁵ Responsáveis pela organização dos mastros (derrubada e preparação do tronco de árvore, ornamentação e distribuição de comida e bebida aos carregadores e participantes). São selecionados anualmente por sorteio ou indicações dos membros da Marujada.



dois lados, fato este que pôde ser verificado nos relatos de boa parte dos entrevistados que fazem parte da Marujada.

Em entrevista com os mais antigos participantes dos festejos em homenagem a São Benedito, como a Sra. Luiza, atual “Capitôa” da Marujada (quem organiza e comanda as Marujas), obteve-se a informação de que nos “primeiros tempos” a Marujada era acompanhada por um grupo de tocadores. Os músicos eram normalmente os responsáveis pela “esmolação” do Santo no interior da região, cantando folias e rezando ladainhas. Este relato foi endossado pelo Sr. Raimundo Borges, popularmente conhecido por “Come-Barro”, responsável pelo grupo de carimbó “Raio de Sol”, que afirma serem estes tocadores os que iniciaram os “batuques” em Quatipuru.

Sobre este assunto, a história oficial do município registra a presença negra em alguns pontos situados ao longo do rio Quatipuru e afluentes, além de algumas praias que serviam de pontos pesqueiros. Há um mito de origem do “batuque” e dos festejos a São Benedito no local, onde atualmente está localizada a sede municipal. Segundo dona Luiza, São Benedito chegou pelo rio vindo de uma fazenda que era povoada por negros libertos, transferidos ao local onde está situada a sede municipal, trazendo junto seus tambores e suas violas. Com o passar do tempo, as celebrações para o Santo passaram a ficar concentradas no referido local onde sempre, em dezembro, eram realizados os “batuques”. Hoje são conhecidos pelas denominações de retumbão, lundu, mazurca, chorado, entre outros, com a particularidade de que alguns dos mais antigos entrevistados fazem alusão à palavra “samba” para definir a festa que se realizaria ao som de “batuque”. Boa parte deles afirma que é neste contexto que surge o carimbó, como resultado de uma organização festiva em que um grupo de pessoas se reunia para tocar e festejar São Benedito.

Todas estas afirmações precisam ser aprofundadas em fontes documentais que possam existir. No entanto, é importante frisar que algumas linhas retóricas possuem uma concordância mais geral no que se refere ao mito de origem do “batuque” em Quatipuru descrito acima. Somente com a análise mais precisa da história oral e dos documentos históricos se pode ensaiar dar vazão a estas questões.

No que concerne ao atual processo de reprodução do carimbó no município, foram identificados poucos grupos que estão em plena atividade. Por outro lado, segundo o Sr. Raimundo Borges, nunca houve grupos em grande quantidade no município, apesar de “sempre existirem”.

Mestre “Come-Barro”, título que passou a referendar o Sr. Raimundo Borges, é um conhecido “ativista” cultural do município. Atuando em vários segmentos das manifestações culturais do lugar, como cordões de bichos, boi-bumbá, quadrilhas juninas, carnaval e carimbó, é tocador de tambor, cantor e compositor de dezenas de letras para cada segmento citado. É um autêntico artista de cultura popular reconhecido por onde anda na região. É fundador do Conjunto de Carimbó “Raio de Sol”, um dos mais atuantes da região. Além deste, foi identificado o grupo de carimbó “Raízes Quatipurenses”, de responsabilidade do Sr. Olivar Lisboa Pereira, popularmente conhecido por “Mestre Olivar”. Ambos os grupos estão localizados na cidade/sede.

Foto 7 - Sr. Raimundo Borges, popularmente conhecido por “Mestre Come-Barro”

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, jan de 2011



Na localidade de Boa Vista, onde também existe uma Marujada e um Barracão de São Benedito, foi identificado o grupo “Aratú” de responsabilidade do Sr. Gustavo. Como este não estava na localidade quando da visita da equipe, as informações referentes ao grupo nos foram repassadas preliminarmente pelo Professor João Batista, morador local e colaborador do grupo.

Mesmo de formação recente, o grupo “Aratú” é composto por músicos antigos da localidade que, em muitas ocasiões, também são cantadores de folias, rezadores de ladainhas, dançarinos da Marujada, tocadores e cantadores de carimbó.

Para a grata surpresa da equipe de pesquisadores, no período da tarde, localizamos o grupo reunido se preparando para um ensaio na casa do Sr José Balbino, o “Mestrinho”. Participavam desta reunião/ensaio: Antonio Bagre, Mestrinho, Figuerôa e Domingos, todos com larga história de participações nas manifestações culturais da localidade. Antes do ensaio, de forma bastante espontânea, falavam quase que ao mesmo tempo, cada um querendo dar sua contribuição à pesquisadora, responsável pela coleta de informações sobre o grupo. Ao término da entrevista, fizeram questão de tocar e cantar carimbó para que se pudesse registrar.



Foto 8 - O grupo de carimbó “Aratú” da localidade de Boa Vista.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, jan de 2011

Fato parecido também ocorreu quando da entrevista com o Sr. Raimundo Borges, o “Come-Barro”. Sua entrevista foi pré-agendada pelo Secretário de Cultura Cirlem do Rosário; por conta disso, o Sr. Raimundo marcou para que o visitássemos no período da noite, assim poderia reunir o grupo “Raio de Sol” para que também pudéssemos registrar. A entrevista rendeu além do esperado, pois também participou a Sra. Raimunda Conceição dos Santos, dançarina da Marujada, segundo ela, bisneta de escravos que migraram para a região onde está localizado o município de Quatipuru¹⁶.

Foto 9 - Ensaio do grupo de carimbó “Raio de Sol” no quintal da residência do “Mestre Come-Barro”.

Imagem:Equipe INRC/Carimbó, jan de 2011



Foto 10 - Sra. Raimunda Conceição dos Santos, dançarina e membro da Marujada de Quatipurú.

Imagem:Equipe INRC/Carimbó, jan de 2011

¹⁶ Ver ficha de Bens Culturais de Quatipurú



Foram identificados importantes espaços de reprodução de manifestações culturais em Quatipuru e na localidade de Boa Vista. Na cidade-sede existem dois barracões onde ocorrem os festejos de São Benedito, um deles pertencente à Associação da Marujada de Quatipuru, erguido no centro da cidade. Inicialmente construído de forma simples com madeira e palha, aos poucos foi sendo transformado até chegar ao estágio atual, feito de alvenaria. É neste barracão que se realiza a mais antiga Festa da Marujada do município.

Em 2009, por conta de dissidências entre alguns membros da Associação, foi erguido na cidade um novo barracão de madeira e palha denominado “Mestre Verequete”, homenageando um dos mais conhecidos cantores e compositores de carimbó do Estado do Pará (falecido em 2009 em Belém, deixou vasta obra musical gravada principalmente em LP’s). Esta homenagem foi proposta por membros da Marujada dissidente, pois, segundo os mesmos, “Verequete” teria nascido neste município.

Este fato pode ser considerado como um aspecto das transformações culturais do local dinamizadas por disputas políticas. A criação de uma nova Marujada, segundo o Sr. Raimundo “Come-Barro”, se deve à discordância pelo que estaria acontecendo no festejo oficial. Segundo ele, “a festa está sendo totalmente desvirtuada e já não mais atende as suas reais finalidades, já que prioriza apenas a festa pela festa e a Marujada; por conta disso, estaria perdendo em significado”. Esta situação é referendada por antigos membros da Marujada que, por não concordarem também com a situação, resolveram abraçar a idéia de se recriar a Marujada no seu formato mais “tradicional”. Ressalta-se que o Sr. Raimundo “Come-Barro” é o responsável pelo grupo de carimbó que tradicionalmente se apresentava nos festejos oficiais. Desde o início desta situação, o mesmo tem se dedicado à finalização do novo

barracão e à reorganização da Marujada. Assim, atualmente na cidade de Quatipuru, existem dois festejos em homenagem a São Benedito que acontecem no mesmo período.



Foto 11 - Barracão Mestre Verequete, erguido em 2009 por membros dissidentes da Marujada de Quatipurú

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, jan de 2011

Na localidade de Boa Vista, também existe um barracão de São Benedito gerenciado pela Marujada local. Seus festejos também acontecem em dezembro, e normalmente o grupo de carimbó "Aratú" faz o acompanhamento musical com os mesmos ritmos tocados na Marujada, que acontece na sede municipal e sempre termina ao som do carimbó.



Foto 12 - Barracão de São Benedito da localidade de Boa Vista.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, jan de 2011

Os bens culturais associados ao carimbó no Município de Quatipurú não estão apenas localizados nos festejos e homenagens a São Benedito. Além dos barracões, existem músicos artesãos que produzem seus próprios instrumentos, dentre eles o curimbó (tambor usado pelos grupos de carimbó), o reco-reco e o maracá. Um dos mais atuantes nas manifestações culturais do município, o Sr. Olivar Lisboa Pereira, ainda mantém a prática de confeccionar os tambores que são usados por seu conjunto de carimbó “Raíces Quatipuruenses” e outros usados pelos foliões de São Benedito. Alguns entrevistados citaram por várias oportunidades o nome de Manoel Raimundo Reis dos Santos, falecido tocador de rabeca e o único, segundo os mesmos, que sabia confeccioná-la. Levou consigo um dos mais preciosos conhecimentos sobre a arte de se construir um instrumento cada vez mais raro de se encontrar entre os grupos da atualidade. Segundo sua filha Maria do Rosário, não havia interesse em se aprender a fazer e tocar este instrumento, fato que é confirmado pelos demais entrevistados que o conheciam. Em geral os grupos de Quatipuru não possuem músicos de instrumentos de sopro (flauta, clarinete, saxofone), os quais normalmente são convidados, nos períodos de apresentações, de outros municípios como Capanema, Bragança e até de Marapanim, fato este relatado como uma das maiores dificuldades encontradas pelos grupos que ainda estão em atividade no município.



Foto 13 - Sra. Maria do Rosário segurando a última rabeca confeccionada por seu pai Manoel dos Santos.
Imagem: Equipe INRC/Carimbó, jan de 2011

Foto 14 - Sr. Olivar Lisboa Pereira, responsável pelo grupo de carimbó “Raízes Quatipurenses” e membro da Marujada de São Benedito.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, jan de 2011



Há vários membros da Marujada, bem como pessoas que produzem outras manifestações como os cordões de pássaros, bois-bumbá e quadrilhas juninas, que estão associadas aos cultos realizados em terreiro de Umbanda. Estes espaços fazem parte do cotidiano de celebrações e cultos de parte significativa da população local; desta forma, é comum encontrar “batuqueiros” que tocam nos terreiros, nos tambores da folia de São Benedito e no carimbó. Esta situação abre um leque de possibilidades para o entendimento da complexidade que envolve os elementos estéticos, ritualísticos, artísticos e rítmicos das manifestações culturais que têm por base o toque do tambor no município de Quatipuru. Estas possibilidades expõem uma forma associativa de ritmos e cultos praticados em uma área que envolve, além de Quatipurú, os municípios de Traquateua, Primavera, Bragança e Irituia onde o culto a São Benedito também envolve vários tipos de batuques e performances festivas como cortejos, danças e cantos.



Foto 15 - Sincretismo: os terreiros de Umbanda de Quatipurú

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, jan de 2011

Os cultos, associados às celebrações a São Benedito, que acontecem anualmente no mês de dezembro, nos foram relatados pela atual “Capitoa” da Marujada, Sra. Luiza Brandão, como algo que acontece há muito tempo, sem possibilidades de definição de suas origens. No entanto, afirma que em geral esta associação acabou por ser, em determinado momento da história da festividade, um dos fatores de conflito entre a Igreja Católica local e a Marujada. Todavia, tal situação “era sempre camuflada”, pois se dizia que a festa em si, como estava sendo feita, com danças ao som de equipamentos sonoros e distribuição de bebidas alcoólicas, era o principal motivo que afastava a Igreja.

Entre as principais dificuldades apontadas pelos representantes dos grupos de carimbó existentes no município, estão aquelas que, como dito acima, fazem referência às transformações das celebrações festivas relacionadas a São Benedito. Segundo o Sr. Raimundo

“Come-Barro”, as celebrações dão ênfase cada vez maior à festa dançante, que sempre iniciava depois das apresentações da Marujada, finalizando com o carimbó: “atualmente as pessoas pedem para que logo se termine a Marujada para começar a festa deles”.

Outros importantes aspectos com relação às dificuldades apontadas pelos entrevistados estão relacionados à falta de apoio por parte do poder público, à ausência de músicos de instrumentos de sopro, ao baixo valor dos cachês, que não supre o que se cobra com o frete de veículos para transportar os grupos, dentre outros.

Em Quatipuru, apesar das dificuldades, alguns grupos culturais estão buscando alternativas de sobrevivência em torno de associações culturais como a da Marujada – AMAQUAT e a Irmandade Maria Pretinha, fundada em outubro de 2005:



A

tradição oral de Quatipuru, Nordeste Paraense – Amazônia Brasileira, tem o registro de que “Maria Pretinha” foi a primeira Capitôa da Marujada de São Benedito – iniciada em 1838, na antiga “Ilha de Titica”, localizada no atual município de Quatipuru.

Hoje, “MARIA PRETINHA” é uma iniciativa de caráter cultural e arte-educativa, recentemente nomeada “Irmandade Maria

Pretinha”, nascida em Out/2005, em Quatipuru, como resultado da oficina "Remexendo a Memória Cultural Brasileira", focalizada pela Arte-Educadora "Esperança Alves", com jovens, educadores e mestres da Marujada, a convite da Fundação Curro Velho.

(Fonte: <http://maria-pretinha.blogspot.com/> acessado em 15 de janeiro de 2011)

Foto 16 - Pintura na parede da sede da Irmandade Maria Pretinha.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, jan de 2011

Maria Pretinha – segundo as narrativas do Sr. Saturnino Marques da Costa, já falecido, mas que deixou alguns documentos escritos, porém sem registro bibliográfico – vivia em um povoado chamado Titica, uma ilha comandada pela Sra. Henriqueta, dona de quatorze escravos, dentre eles Maria Pretinha, considerada a primeira “Capitoa” da Marujada.

O levantamento preliminar sobre o carimbó no Município de Quatipuru, assim como em Santarém Novo, serve de importante complementação de dados sobre esta manifestação, na medida em que surgiram novas informações de bens culturais associadas até então bastante residuais no que confere às demais regiões pesquisadas (Salgado Paraense, Metropolitana de Belém e Marajó). Tal fato se deve, entre outros aspectos, à associação com as festividades de São Benedito, sendo o carimbó parte ainda integrante da celebração e dos festejos.

As informações até aqui coletadas sobre o carimbó, nos municípios de Santarém Novo e Quatipuru, estão contribuindo para um entendimento mais amplo do que tem sido relatado pela oralidade de seus habitantes em todo o litoral nordeste do Estado do Pará sobre as possíveis origens de “batuques” nesta região. Nela têm se apontado os núcleos onde habitaram (e na maioria dos casos ainda habitam) populações negras, seja onde existiram fazendas

governadas por missionários ou em aglomerações mais interiorizadas onde foram fundados quilombos ou mocambos de negros fugidos das fazendas da região que compreende todo o litoral norte da então Capitania do Grão-Pará e Maranhão.

Estas informações vão ao encontro das levantadas por autores que se dedicaram à questão negra na Amazônia e mais especificamente na referida Capitania¹⁷. Abordando os processos migratórios de negros alforriados ou fugidos, estes autores demonstram o panorama cultural de uma região até então única (Pará e Maranhão) onde os batuques passaram a exercer forte influência nas formas celebrativas-festivas das populações que nela residiam. No entanto, importa ressaltar que a integração entre fontes escritas e orais vem sendo trabalhada por meio de processos comparativos e associativos de dados, corroborando com o pensamento do oralista italiano Alessandro Portelli (1981: 96), “a primeira coisa que diferencia a história oral é que ela nos diz menos a respeito dos acontecimentos em si do que do seu significado”. Desta forma, há ainda um longo caminho a ser percorrido para se alcançar as devidas elucidações de tais acontecimentos históricos; se o presente texto conseguir dar diretrizes para novas investigações, já cumpre parte significativa do que se propõe este projeto.

Em Quatipuru foram identificados os seguintes grupos de carimbó em atividade:

Quadro 6 - Grupos de carimbó em atividade em Quatipurú

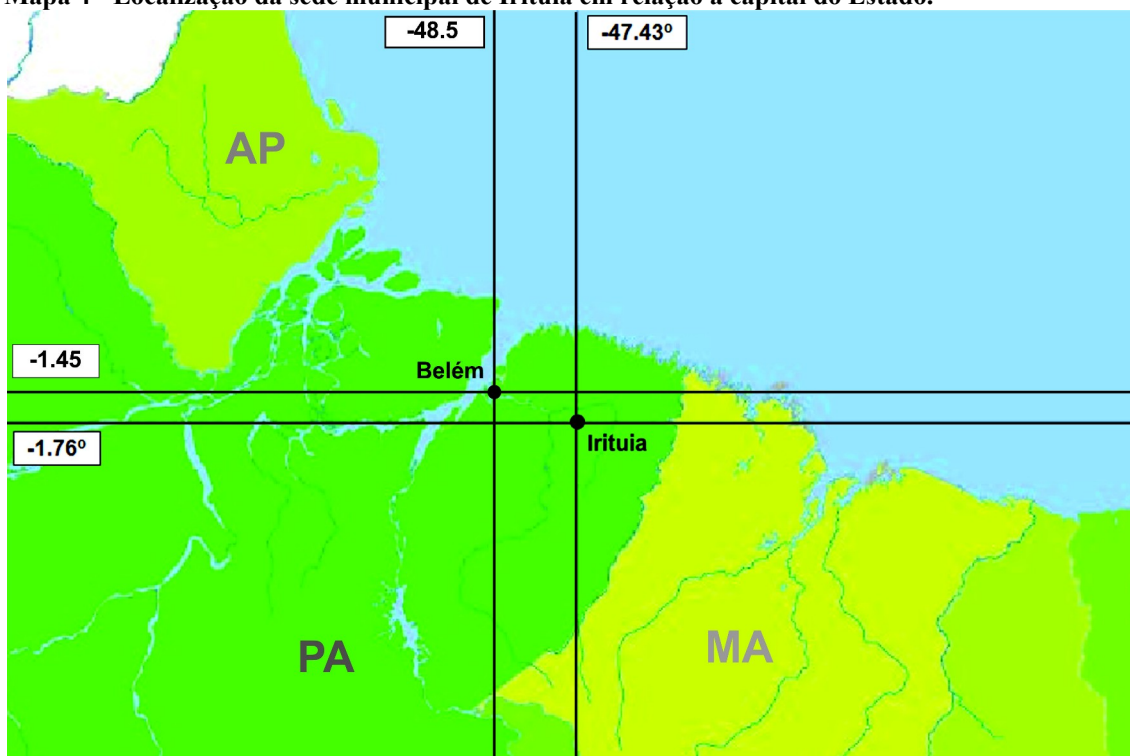
Nome do grupo	Localização
Conjunto de Carimbó Raio de Sol	Sede municipal
Conjunto de Carimbó Raízes Quatipuruenses	Sede municipal
Conjunto de Carimbó Aratu	Boa Vista

¹⁷ Sobre o assunto ver ACEVEDO MARIN, 2004; CASTRO, 2006; SALLES, 2004, 2003, 2005; SILVA, 1997, VERGOLINO-HENRY e FIGUEREDO, 1990.

III. Irituia

O Município de Irituia foi fundado em 1961 e está situado a 124 km da capital do Estado, fazendo parte de mesorregião Nordeste Paraense e da microrregião Guamá. Possui uma população de 31.382 habitantes (IBGE, 2010) e uma área territorial de 1.380 km² representando 0,11% do Estado do Pará. Seu índice de desenvolvimento humano é de 0,67 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano – PNUD (2000).

Mapa 4 - Localização da sede municipal de Irituia em relação à capital do Estado.



Fonte Ministério dos Transportes/Mapa Rodoviário; Tele Atlas. Adaptação Isis Ribeiro

A base econômica do município está concentrada para a maior parte de sua população na agricultura com destaque para a mandioca; além desta, a agropecuária e o comércio contribuem com o estoque de empregos do município, porém, é o setor público que possui o maior número de empregos formais¹⁸.

Por estar localizado em uma área mais afastada da borda litorânea do Estado, o município de Irituia não possui praias de água salgada; no entanto, é totalmente entrecortado por rios e igarapés que servem para o transporte, lazer e alimentação de sua população. O rio Irituia é o principal curso d'água que banha o município e também atrativo natural da cidade-sede¹⁹.

A cultura do município é representada por festividades como as celebrações em homenagens a santos católicos que ocorrem em praticamente todos os seus lugarejos. O destaque fica por conta dos festejos em homenagem a padroeira Nossa Senhora da Piedade que acontece anualmente no mês de outubro e a São Benedito e ao Divino Espírito Santo em janeiro, envolvendo novenas, foliões, rezadores de ladainha e grupos de carimbó locais que movimentam as sedes e os barracões montados para os dias de festa, sendo característica a grande participação popular.

O campo

¹⁸ IBGE, 2010

¹⁹ Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Irituia, 2011.



A viagem ao Município de Irituia aconteceu entre os dias 20 e 24 de janeiro de 2011 e contou com todos os membros da equipe. Foi realizada em veículo alugado em sistema de diárias, procedimento adequado a um melhor aproveitamento do tempo em campo já que são várias as localidades como lugarejos, vilas e comunidades quilombolas que estão sendo visitadas além da sede municipal pela equipe de pesquisadores.

As poucas referências bibliográficas e documentais sobre as manifestações culturais do Município de Irituia até então encontradas não dão conta de maneira específica sobre o carimbó. Partiu-se então para a tentativa de contatos diretos com a Prefeitura local, em especial a Secretaria de Cultura, onde as informações também eram poucas. Nas buscas feitas à internet, nos *sites* e *blogs* relacionados, foi localizado um *blog* denominado “Gengibirra Digital” produzido por um grupo de ativistas culturais habitantes da sede municipal de Irituia. Nele, são postadas importantes indicações sobre os aspectos da cultura local em formatos de pequenos textos e entrevistas neste *blog* com músicos, artesãos, professores, dançadores, foliões, etc. A partir destas informações, formulamos uma lista preliminar de pessoas a serem contatadas no município, assim como os participantes desse grupo que detinham significativo material audiovisual sobre o que consideravam as principais referências culturais daquele município.

A equipe foi recepcionada por Rufino da Rocha e Helton Jones, membros do Movimento Artístico e Cultural “Quem-Te-Dera”, produtores do referido *blog* consultado preliminarmente pela equipe. Em uma reunião prévia, discutiu-se o roteiro de entrevistas e coleta de dados a serem realizados na sede municipal e nas localidades mais



afastadas. Assim, além da cidade, seguimos em direção das Comunidades Família Unida, Lago Grande, Vila Nova, Itabocal e Santo Antônio do Maneta.

É importante ressaltar que, a cada entrevista realizada, novos contatos foram surgindo redirecionando as estratégias de campo para um maior aproveitamento de tempo. Desta forma, a equipe foi dividida em pontos da cidade e contou com o apoio de Rufino e Elton que gentilmente se disponibilizaram a transportar os pesquisadores de moto quando o veículo estava deslocado para alguma localidade mais afastada. Com isso, mesmo com as chuvas intensas, todas as entrevistas que interessavam a esta pesquisa foram realizadas.

Principais evidências levantadas

“O carimbó começou com a chegada de São Benedito que foi recebido pelos negros tocando o carimbó. Os instrumentos eram o pandeiro, o tambor, a viola e a lata (...) só que os negros chamavam samba...”

(Luzia Cordeiro Bastos – relato coletado em entrevista à equipe INRC/Carimbó em janeiro de 2011).

A formação e ocupação histórico-geográfica da área onde atualmente está localizado o Município de Irituia teve dois períodos: o primeiro deles relacionado ao da ocupação colonial portuguesa no norte do país, e o segundo após a abertura da BR-010, a Belém-Brasília. No primeiro momento a ocupação da área se deu por via litorânea através dos entrepostos comerciais e pontos de paradas de embarcações em portos localizados no litoral dos atuais Estados do Pará e Maranhão. As fazendas de missionários ocuparam a parte interiorana da região inserindo a agricultura como fonte de sustento e recursos para os que ali se instalaram. É neste contexto que alguns grupos de negros advindos forçadamente de várias partes do Brasil e da África, ou fugidos das fazendas de colonizadores portugueses da



região, foram ocupando a área e instituindo novas formas territoriais como as aglomerações em quilombos. Já a abertura da BR-010 na década de 1960 propiciou uma maior integração da região nordeste paraense na medida em que possibilitou um maior fluxo migratório de pessoas de várias partes do Brasil.

As poucas referências quanto às possibilidades do surgimento do carimbó em Irituia foram encontradas através dos relatos de entrevistados mais idosos. Desta forma, existem algumas histórias sobre a origem desta manifestação enraizada na memória dos habitantes do lugar. A Sra. Luzia Cordeiro Bastos, filha de Américo Brasil Cordeiro, o “Américo Gago” – falecido cantador e brincante de folguedos do município, reconhecido pela população local como um dos mais emblemáticos artistas da cultura popular em Irituia – conta que o ritmo que atualmente chamam carimbó passou a ter essa denominação por conta da influência da música que tocava no rádio principalmente durante a década de 1970, mas que antes, segundo a entrevistada, “tudo era samba”, que era tocado e dançado por negros que moravam em um quilombo chamado Aramucú (interior de Irituia). Ainda segundo a Sra Luzia, “na época, Nossa Senhora da Piedade era a santa dos brancos e São Benedito dos negros, desta forma, este último era festejado sempre com muito batuque”, afirma.

A prática do carimbó em Irituia se mostrou, através dos relatos, como uma manifestação celebrativa/festiva descendente de uma forma de execução rítmica notadamente percussiva que ao longo do tempo se forjou em diversos ritmos. O “samba” era definido, ainda segundo os entrevistados, como o momento do festejo; eram comuns as frases de convites para ir à festa do santo depois da missa: “vamos ao samba”. Fato similar foi relatado no Município de Quatipuru onde era esta a denominação que prevalecia para se indicar que em determinada localidade aconteceriam festejos ao som de tambores. Reiteram esta informação, os dados levantados sobre o



Município de Vigia onde a palavra “zimba” possui a mesma referência festiva aqui dada ao nome de “samba”. Percebe-se nestes relatos uma combinação de situações nas quais a “festa” possuía denominações próprias dos lugares e, no caso específico das manifestações populares, tais denominações ganham significados próprios oriundos dos falares de cada região. Ressalta-se ainda que todas as referências até aqui encontradas dizem respeito a formas de execução musical com base no que convencionalmente se denominou como “batuque”, ou seja, formatos rítmicos comandados pelos tambores. Por fim, cada uma dessas denominações possui seus significados já largamente estudados por folcloristas e historiadores²⁰ e aqui esta questão foi levantada apenas com fim elucidativo.

Atualmente, o Município de Irituia possui sete povoados (comunidades) e dois sítios remanescentes de quilombos, organizados na Associação Quilombola São Miguel Arcanjo, que ainda lutam pela legalização de suas terras, vivendo principalmente da agricultura²¹. Estas comunidades reproduzem manifestações festivas que também são comuns às que acontecem nas demais localidades interioranas do município como as festas de santo, os torneios de futebol, danças que fazem representações do trabalho na lavoura como a da “Farinhada”. No entanto, não foram identificados grupos específicos de carimbó nas comunidades municipais. Em Nova Laudicéia existe um grupo de músicos que, dentre outros ritmos, tocam o carimbó²². As informações coletadas dão conta de que se ouviu falar a palavra “carimbó” em Irituia a partir da chegada do rádio

²⁰ Sobre o assunto ver: SOEIRO, Francisco Siqueira. **Zimba**. Vigia: [s.n.], s/d; SALLES, Vicente. **Vocabulário Crioulo**: contribuição do negro ao falar regional amazônico. Belém: IAP, Programa Raízes, 2003; CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1993.

²¹ Ver anexo lista dos Territórios Quilombolas do Município de Irituia.

²² ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth Et al. Quilombolas de Irituia (Pará) em luta pelo reconhecimento de direitos territoriais no século XXI. Belém: Associação das Universidades Amazônicas – UNAMAZ; Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Superintendência Regional do Pará (SR-o1), 2008.



e principalmente com a abertura da rodovia Belém-Brasília que colocará o município no trajeto dos transportes de pessoas, mercadorias e culturas. Porém, há indicações feitas pelos relatos dos entrevistados da presença dos “batuques” nas referidas comunidades, os quais eram tratados por outras denominações, dentre elas, o “samba”.

No Relatório Histórico-Antropológico de Identificação de Comunidades Remanescentes de Quilombos no Município de Irituia realizado pelo INCRA em convênio com a UNAMAZ, identificou-se a existência do “samba de pau e corda” formado por um grupo de dançarinas (somente mulheres) acompanhadas de tocadores de tambor, a onça, o xeque-xeque, a viola e o rapa-pau. O samba de pau e corda faz parte do patrimônio étnico “(...) Lugar de luta, mas também de apropriação e expropriação (...) uma das principais expressões artísticas da localidade”. Ainda segundo o referido relatório, houve uma retomada desta prática como forma de reforço do sentido de pertencimento e sobre “ser quilombola” que,

De um lado, esse pertencimento surge nas narrativas sobre a origem, na compreensão dos direitos, descortina em processos culturais como a retomada do samba de pau e corda, da comédia. De outro, apreende-se nas falas, as dificuldades que interferem na construção das identidades (2008, pg. 230).

Este estudo dedica um capítulo às manifestações culturais deste território. Chama a atenção o aspecto da re-vivência de experiências culturais relacionadas agora ao processo de (re)construção identitária como forma de integrar o leque patrimonial que informa sobre a herança histórica destas populações. Neste sentido, as nuances do samba de roda se apresentam a partir de uma configuração performática através da dança com a contribuição (não menos importante) de tocadores antigos que trazem novamente à tona as informações de um batuque que há muito tempo teve que ser



abafado por conta das ingerências da Igreja. As contribuições destes antigos tocadores podem proporcionar uma valiosa fonte de informação para a compreensão dos caminhos percorridos pelo que se convencionou chamar de samba.

A partir dos dados coletados e das poucas fontes escritas, formulamos uma possível interpretação da dinâmica cultural no município de Irituia que nos leva a algumas hipóteses quanto às possibilidades de surgimento ou chegada do carimbó na sua área. A primeira delas se refere à transformação sofrida por uma espécie de “batuque” inicial, o qual era denominado de “samba”, e que a partir de suas ramificações teria originado o carimbó. Esta hipótese surgiu por conta das repetidas referências dos entrevistados ao território quilombola como o local originário dos batuques. A segunda delas tem a ver com a massificação do carimbó (notadamente o praticado no município de Marapanim e que se expandiu para a capital) principalmente através dos programas de rádio das décadas de 1960 e 1970, quando o ritmo se consolida como gênero musical e passa a ser divulgado pela mídia e assim, apreciado pela população urbana da capital do Estado. Desta forma atinge os repertórios das bandas e aparelhagens sonoras que circulavam pelo Estado tocando nas sedes dos municípios. Esta hipótese pôde ser apreciada nos depoimentos de entrevistados que fizeram referência às músicas do Pinduca como sendo “os primeiros carimbós escutados no município”²³.

Todas estas hipóteses necessitam de uma apuração mais cautelosa e aprofundada, no entanto, as questões surgidas neste levantamento preliminar podem indicar caminhos a serem percorridos como forma de aperfeiçoar as informações até aqui coletadas.

O carimbó em Irituia

²³ Na década de 1970, Pinduca se tornou um dos primeiros artistas a gravar e popularizar o ritmo carimbó nas rádios se tornando um dos mais conhecidos cantores do gênero.



O carimbó em Irituia é manifestação da cultura popular das mais importantes e participativas de sua população. As apresentações estão demarcadas temporalmente em janeiro (diferentemente do que acontece nos municípios até aqui pesquisados que realizam a grande maioria dos festejos no mês de dezembro), mês em que há as celebrações em homenagem a São Benedito e a Santos Reis. Neste período, também acontecem os festivais de carimbó aos finais de semana em várias partes da cidade, sendo a Praça Matriz é o lugar dos principais eventos.

São nove dias de festa de carimbó, dividida em três momentos e espaços diferentes: no primeiro final de semana acontecem no Complexo Dona Carmem (espaço privado de festas da cidade), três noites de carimbó, em que vários conjuntos contratados no município e fora dele tocam revezando-se com uma *aparelhagem* de som a qual só pode executar este ritmo. Ainda no primeiro final de semana, ocorrem festejos de carimbó na finalização da Festa de Santos Reis (organizada por Alcenir Bastos e Léo Medeiros, fundadores do grupo de carimbó "Lagoanos"). Já no segundo final de semana, a Praça Alírio Almeida Moraes é o palco do "Festival de Carimbó", organizado pela Prefeitura (na data em que ocorria o extinto Festival de São Benedito, que foi proibido pela Igreja devido a divergências com ex-festeiros) e o "Carnarimbó", que acontece no terceiro final de semana de janeiro no espaço cultural "Biru-Biru". Cabe destacar que a Festividade de São Benedito é realizada no dia 19 de janeiro com atividades cumpridas somente pela igreja.

A interferência da Igreja foi determinante para um distanciamento entre os rituais de celebração a São Benedito e os festejos que faziam o encerramento das celebrações sempre com apresentações de grupos musicais e de danças, e com comidas e bebidas.



O grupo “Lagoanos” é o único em plena atividade; os demais tocam esporadicamente. O “Bota Mais Um” faz parte da memória da comunidade.

A possível diminuição das atividades da maioria dos grupos de carimbó vem sendo observada de perto pelos membros do Movimento Artístico e Cultural “Quem-Te-Dera” que atribuem a falta de perspectiva de estes grupos serem valorizados e reconhecidos por parte do poder público municipal à “maior importância [dada à] cultura importada para os eventos festivos oficiais do município com a contratação de *aparelhagens* sonoras e bandas que levam uma fortuna que poderia ser investida aqui”, conforme afirma Helton Jones.

Mesmo a afirmativa acima sendo corroborada pelos participantes não só de conjuntos de carimbó, mas também dos demais grupos culturais do município, existem outras situações que podem ser levadas em conta para um melhor entendimento desta realidade.

O carimbó em Irituia constituía, como dito acima, uma manifestação intimamente associada às homenagens a São Benedito e aos Santos Reis. Os festejos que aconteciam sempre depois das missas eram animados por grupos de “samba” que tocavam até o dia seguinte. Estes festejos tinham a duração de uma semana e eram, segundo entrevistados, o único meio pelo qual os habitantes se divertiam depois das celebrações religiosas. Com o passar do tempo e as transformações inerentes aos aperfeiçoamentos técnicos como a chegada da energia elétrica, os festejos ganham novos elementos musicais advindos dos pequenos aparelhos sonoros, mas que mesmo assim, ainda não deslocavam completamente a importância do carimbó quanto aos festejos em homenagem aos santos. A mudança



maior acontece quando da proibição por parte da Igreja Católica local em se manter as celebrações associadas aos festejos de carimbó. Este fato foi relatado com profundo sentimento de decepção e tristeza por parte dos participantes mais antigos destes festejos que não se conformam com esta separação já que, para eles, “é a forma que o povo tem de agradar ao santo” afirma o Sr. Bento dos Santos Oliveira, da Vila de Itabocal, antigo organizador do grupo de carimbó “Bota Mais Um”.

Mesmo com todos estes percalços, há uma situação bastante peculiar em Irituia: durante o mês de janeiro, momento em que o município celebra e festeja São Benedito e Santos Reis, os finais de semana são tomados por eventos de carimbó. O principal deles, o “Festival do Carimbó”, reúne na Praça Matriz grupos de carimbó de Irituia e grupos convidados de outros municípios. Nos finais de semana seguintes são realizadas festas de carimbó em locais privados como o carimbó do “Biro-Biro” e o carimbó do Complexo Dona Carmem. Chama a atenção o fato de que em geral as festas são programadas para só tocar este ritmo, não sendo permitido a execução de outros como o “tecnobrega”, que nas últimas duas décadas se tornou uma febre nas festas do Estado. Os grupos ficam se revezando e nos curtos intervalos o aparelho de som continua tocando o ritmo, ou seja, a festa começa e termina sempre ao som do carimbó. Outro fato marcante é o da maciça participação popular: desde o momento em que os grupos começam a tocar, os salões ficam abarrotados de pessoas dançando em círculo. Um destes momentos pôde ser comprovado pela equipe de pesquisadores durante a realização do carimbó do “Biro-Biro” que aconteceu no dia 22 de janeiro, sábado, à noite. Durante os dias que antecedem os eventos, a cidade fica tomada por carros de propaganda chamando a população para as festas de carimbó.



Toda esta efervescência do carimbó no mês de janeiro em Irituia possui uma peculiaridade, pois esta realidade é bastante singular do local. Nos levantamentos realizados em outras regiões, a equipe ainda não havia se deparado com este tipo de realidade em que o carimbó é praticado durante um mês inteiro e com uma grande participação popular.

Cabe aqui a seguinte questão: como os grupos de carimbó do município estariam supostamente diminuindo – conforme os relatos – se há toda esta movimentação em torno deles e que transforma a cidade inteira durante o mês de janeiro, sendo um dos momentos mais aguardados pela sua população residente e também pelos filhos do lugar que moram em outras paragens?

Para responder esta questão procuramos entender como a população observa, entende e pratica o carimbó. Devido ao curto tempo de estada no município, nossas atenções estavam voltadas para o que conseguíamos absorver de informações nas entrevistas que iam sendo realizadas e nos festejos que estavam acontecendo.

De uma forma geral, percebeu-se que a população atualmente apreende simbolicamente o carimbó como uma festa em si demarcada temporalmente no mês de janeiro como sendo o “momento do carimbó na cidade”. Este fato pôde ser vislumbrado nos relatos dos entrevistados que, em geral, dão maior ênfase em falar sobre os eventos onde ocorrerão festas de carimbó do que propriamente dos festejos relativos às homenagens aos santos. Há uma revalorização da tradição que, mesmo com a determinação do afastamento por parte da Igreja, não impediu, ao contrário, intensificou a festa do carimbó irituiense no mês de janeiro. O “Festival de Carimbó” promovido pela prefeitura ganhou status de grande evento onde, durante os dias de realização, grupos de carimbó são chamados apenas para tocarem na abertura da



programação musical de cada dia, o encerramento é feito normalmente com uma “grande atração musical”, como bandas famosas que tocam variados ritmos ou cantores(as) consagrados da música popular paraense. Esta situação tem colaborado para um maior apelo da participação popular e, segundo os organizadores, contribui para uma melhor divulgação do evento. No entanto, os festejos de carimbó que acontecem em paralelo ao evento promovido pela prefeitura em pequenos barracões tem se caracterizado como um momento de espontaneidade festiva com participação massiva de público, o que acaba por desmontar o discurso do apelo midiático como forma única de “venda cultural” do município.

Os grupos de carimbó mais atuantes são os que conseguiram se organizar em torno de uma manutenção de ensaios e participações em pequenos eventos, enquanto que nos demais nota-se uma perda gradativa de estrutura e manutenção das atividades por conta da diminuição das possibilidades de se apresentar em locais privados ou nos palcos dos eventos oficiais. Dentre os principais fatores desta situação estão a não adesão aos atuais modelos de apresentações que exigem cada vez mais a organização dos grupos através de uniformes, uso de instrumentos elétricos e exigências administrativas como o cadastro de um CNPJ.

Neste contexto, um dos principais expoentes da cultura irituiense, o Sr. Ivo dos Anjos Silva, popularmente conhecido como “Tio Minga”, cantor e compositor com dezenas de músicas tocadas e cantadas pelos demais grupos do município e também de fora, sofre com o descaso, a falta de oportunidades e até mesmo com a possibilidade de assegurar suas necessidades básicas. Ivo mora em um pequeno sítio afastado da cidade, em um precário barraco sem energia elétrica e sobrevive de pequenos trabalhos e doações. Tenta atenuar sua situação acompanhando as festas de carimbó onde fica na espreita aguardando ser chamado para dar uma “canja”. Seu

grupo, “Vaticano”, não existe mais. Mesmo considerado o maior compositor de carimbó do município, segundo ele com música gravada até por Pinduca, não possui registros de suas composições.



Foto 17 - A falta de oportunidades e as novas exigências nos formatos dos grupos deixaram o Sr Ivo dos Anjos Siva, o “Tio Minga” em situação de esquecimento, mesmo sua obra musical sendo celebrada como a mais significativa do município.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó (jan, 2011)

Esta situação parece comum aos compositores, cantadores e tocadores do município. Na Vila de Itabocal, mais precisamente no lugarejo de Santo Antônio do Maneta, vive em uma situação similar à de “Tio Minga” o Sr. Solano Antônio de Oliveira, tocador de sanfona do conjunto de carimbó “Os Populares”. Sua entrevista foi motivada exatamente pelo fato inusitado de se ter um grupo de carimbó com um sanfoneiro, situação até então inédita para este levantamento. Para a realização desta entrevista, foi mobilizado o carro para primeiro encontrar o Sr. Solano e uma moto para buscar sua sanfona em uma localidade a três quilômetros de Itabocal. Feito isto, alguns membros do grupo de carimbó “Os Populares de Itabocal” se reuniram em um açougue que estava fechado cujo dono, Charles



Dantas, é o atual organizador do grupo e lá fizeram uma breve apresentação do “carimbó sanfonado” para que a equipe pudesse registrar.

A introdução da sanfona neste grupo de carimbó aconteceu, segundo os entrevistados, por dois motivos. O primeiro deles se refere à ausência de instrumento melódico que pudesse acompanhar o grupo em suas apresentações. O segundo pelo fato de se ter à disposição um músico “que toca praticamente todos os ritmos e que estava meio esquecido, já que os antigos bailes com música ao vivo são acabaram”, afirma o Sr Dantas. O encontro do ritmo do carimbó com o toque cadenciado da sanfona proporcionou o surgimento de uma célula rítmica diferenciada, porém a adaptação feita pelo sanfoneiro segue os ritmos mais tradicionais utilizados neste instrumento como o baião e o forró. Conclui-se que a criatividade desta junção informa sobre mais uma das peculiaridades inerentes aos processos adaptativos a que o carimbó está sujeito sem perda de autenticidade.

Ainda em relação às curiosidades ou singularidades visualizadas nos grupos de carimbó de Irituia, alguns deles, como o descrito acima, fazem o uso de um instrumento de percussão conhecido das outras regiões de incidência do carimbó, o “tambor-onça”, feito de um tronco de madeira escavado coberto por um couro de animal, tendo no seu interior uma fina vara que é esfregada com pano úmido produzindo um som grave. Ele normalmente é tocado em compasso binário sempre seguindo o tempo da música. No entanto, em Irituia este instrumento possui dimensões muito superiores às verificadas nas demais regiões pesquisadas. Seu tamanho é proporcional ao de um curimbó (tambor tocado na horizontal devido a seu peso e tamanho, sentando o tocador sobre o instrumento) e o tocador executa o ritmo sentado em um banquinho na extremidade do instrumento, com uma bacia de água do lado para umedecer os

panos e esfregá-los na vareta que fica na parte interna, em um movimento que é um verdadeiro exercício físico. O som repercutido, de tão grave, se assimila ao de um contrabaixo.

Foto 18 - O “sanfoneiro do carimbó de Itabocal”. O Sr. Solano Antônio de Oliveira. Referência dos antigos bailes e que hoje toca esporadicamente com o grupo de carimbó local.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó (jan, 2011).



Os barracões onde se realizavam as festas de carimbó também constituem locais de significativa importância para esta manifestação no município. São poucos os que ainda existem e normalmente são utilizados para outros fins. Na Comunidade Família Unida, berço do antigo grupo de carimbó “Bota Mais Um”, ainda há um barracão que era usado nas festividades do santo local, porém seu uso se restringe a reuniões comunitárias. Na sede do município, os barracões mais antigos fazem parte da memória dos antigos moradores. Foram erguidos outros em alvenaria para fins diversos. O barracão de São Benedito, localizado ao lado de sua capela, é o único que funciona para o uso apenas de sua Irmandade, porém já sofreu várias alterações no seu formato original. O atual foi erguido em alvenaria com grades e telhas de barro.



Foto 19 - Local de reunião da Irmandade de São Benedito. O terreno onde este barracão está construído sediou boa parte da história das manifestações culturais do município de Irituia.

Imagem: Equipe INRC/ Carimbó (jan, 2011)

Os grupos que hoje se encontram em atividade promovem suas reuniões e ensaios na própria residência de seus membros, como é o caso do grupo “Lagoanos”, que realiza os seus na casa de seu responsável, Alcemir Cordeiro Bastos, que também é filho da Sra. Luzia Bastos, citada anteriormente como uma das principais conhecedoras do carimbó “de antigamente”, filha de “Américo Gago”.

Dona Luzia, além de exímia dançarina de carimbó, também detém o conhecimento do preparo de uma das bebidas mais tradicionais dos festejos de carimbó em Irituia: a gengibirra, bebida feita de gengibre com aguardente, largamente apreciada pelos tocadores e dançadores de carimbó do local. Esta bebida possui uma historicidade com relação aos festejos da região, pois, segundo Dona Luzia, “era a única bebida que se consumia por aqui”. É comum, durante o mês de janeiro, sua venda em barracas espalhadas pela Praça Matriz. Seus consumidores a consideram como a “bebida do carimbó”.

Em suma, se constatou a prática do carimbó no município de Irituia como uma das que possuem um grande dinamismo na região, com peculiaridades próprias principalmente ao que concerne à grande participação popular. Esta singularidade se desenvolve consoante com suas formas de permanência e mudanças.



As culturas não vivem de forma estanque, mas em constante relação umas com as outras, trocando, negociando, redelimitando-se. Portanto, tanto as políticas públicas, interferem no perfil das práticas culturais da região. Espaço onde coabita o moderno e o tradicional (VERGOLINO-HENRY, 1994 apud ACEVEDO MARIN, 2008 p. 124).

O levantamento preliminar realizado neste município possibilitou um maior entendimento das trocas simbólicas que ocorrem no carimbó em uma área geográfica tão extensa como o Nordeste Paraense. A ingerência desta manifestação em uma área mais afastada daquela onde há uma maior densidade de grupos de carimbó como a microrregião do Salgado, informa sobre as peculiaridades que o bem cultural vai adquirindo conforme sua adaptação e assimilação. Soma-se a isso a continuidade de informações a respeito das possíveis gêneses dos “batuques” da região estarem associadas às manifestações negras de povoações espalhadas pelo interior do município. As celebrações a São Benedito continuam sendo o marco temporal dos festejos onde o carimbó é presença marcante. No caso de Irituia, São Benedito é festejado em janeiro, mês em que, na maior parte no nordeste paraense, se festeja São Sebastião que, assim como o primeiro, é também cultuado em praticamente toda a faixa litorânea que vai do Maranhão até o Amapá.

Em Irituia foram identificados os seguintes grupos de carimbó:

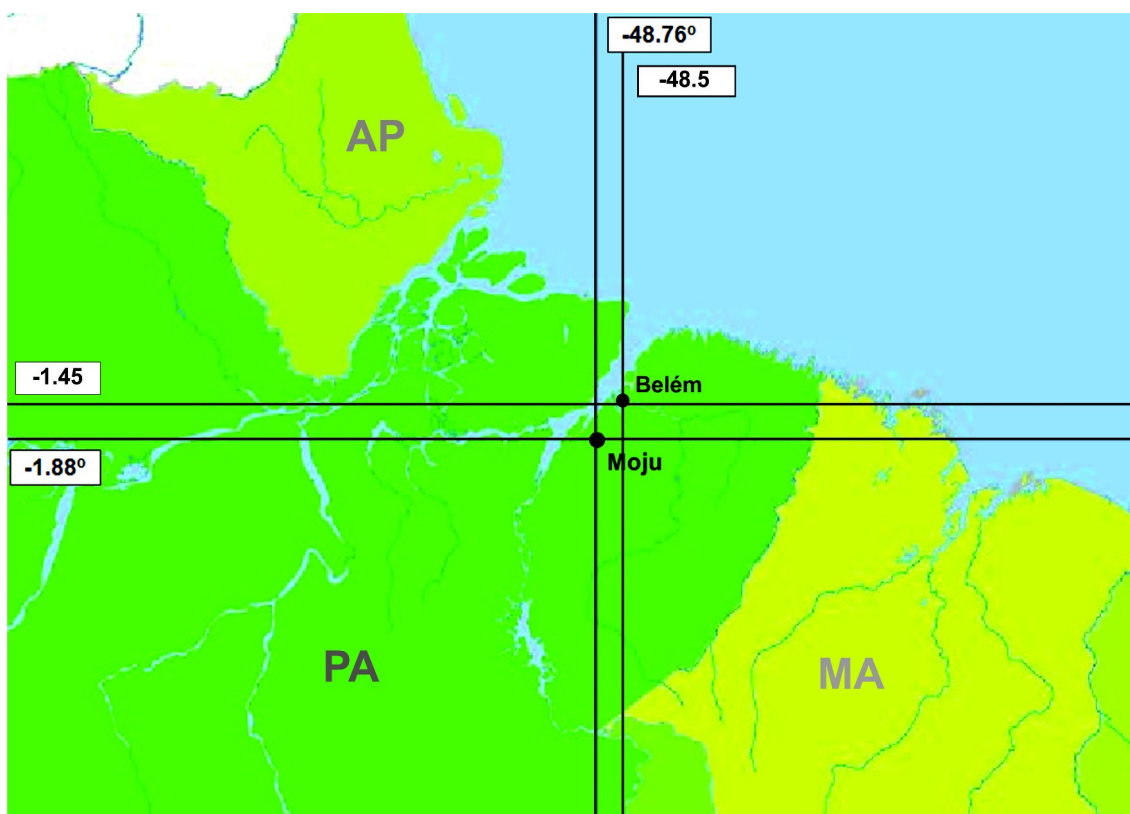
Quadro 7 - Grupos de carimbó identificados em Irituia

Nome do grupo	Localização
Vaticano (parado)	Sede municipal
Os Populares (esporádico)	Vila Itabocal
Bota Mais Um (memória)	Comunidade Família Unida (Itabocal)
Lagoanos (em atividade)	Sede municipal e Comunidade Lago Grande

IV. Mojú

O município de Moju, fundado em 1935, está situado a 61km da capital do Estado fazendo parte da mesorregião Nordeste Paraense e da microrregião Tomé-Açú. Possui uma população de 69.921 habitantes (IBGE, 2010) e uma área territorial de 9.094 km² representando 0,73% do Estado do Pará; seu índice de desenvolvimento humano é de 0,64 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano – PNUD (2000).

Mapa 5 - Localização da sede municipal de Mojú em relação à capital do Estado.





Fonte Ministério dos Transportes/Mapa Rodoviário; Tele Atlas. Adaptação Isis Ribeiro

A economia do município está baseada nos cultivos do arroz, pimenta-do-reino e mandioca, sendo esta última produzida em maior escala pela população do município. O coco-da-Bahia e o dendê fazem parte dos produtos que passaram a ser industrializados no município. A lenha, o carvão e a madeira em tora ainda são largamente explorados e a criação e engorda de bovinos é o principal produto da pecuária local. Os empregos formais concentram-se no comércio e setor de serviços localizados na sede municipal, bem como no funcionalismo público responsável pelo incremento mensal do comércio e circulação de divisas no município²⁴.

Os atrativos naturais de Mojú estão localizados ao longo das dezenas de rios e igarapés que cortam o seu território, largamente usados como meio de transporte de pessoas, mercadorias e madeira, além de servir de fonte de alimentação para a população ribeirinha. Um dos locais mais visitados pela população local é o Balneário do Levi, localizado às margens do rio Ubá, a 5 km da cidade. O município também possui um bem cultural arqueológico denominado Sítio Jaguararí, localizado na margem direita do rio Mojú, próximo à confluência com o rio Acará. Nele existem ruínas de uma igreja e de um engenho de cana-de-açúcar datados pelo Museu Paraense Emílio Goeldi como do século XVII²⁵.

Na dimensão cultural do município, têm destaque as festividades religiosas, sendo a principal a do padroeiro Divino Espírito Santo que acontece sempre no segundo domingo de

²⁴ Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Mojú, 2011.

²⁵ Fonte: www.pmmaju.com.br



pentecostes, portanto nos meses de maio ou junho. Destaca-se também o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no mês de dezembro, que é realizado há mais de cem anos. Na cultura popular, existem no município grupos de quadrilhas juninas, um boi-bumbá comandado pelo Sr. Germano e os grupos para-folclóricos “Mexilhão do Icatú” e “Arauetê”. Há referências de grupos de bangüê e samba-de-cacete nas comunidades quilombolas localizadas no alto rio Mojú e um grupo de música no Quilombo África-Laranjituba, comandado pelo “Mestre Jorge”

O campo

A viagem ao Município de Mojú, realizada pelos pesquisadores Edgar Chagas e Andrey Faro aconteceu entre os dias 27 e 31 de janeiro, permanecendo o sistema de locação de veículo em regime de diárias. O trajeto foi feito através Alça Viária²⁶ em um percurso com duração de 1 hora e 30 minutos até a sede do município.

Esta viagem fez parte de outro roteiro geográfico, diferente do que até então vinha sendo realizado na região Nordeste do Estado. A partir de Mojú, a equipe começou a adentrar em uma região de influência de outros grandes rios, mais ao sul desta região (rios Pará, Guamá, Mojú e Tocantins). Nesta área, estão localizados quatro dos municípios que fazem parte deste levantamento: além de Mojú, Abaetetuba, Igarapé-Miri e Cametá.

Esta mudança geográfica traz consigo não só uma nova paisagem natural, mas também cultural, pois se trata de uma região com traços distintos de manifestações culturais populares marcadas por uma maior influência negra, na medida em que esta área se

²⁶ Complexo de pontes e estradas que totalizam mais de 74 km de rodovias e 4,5 km de pontes, construídas para integrar a região Metropolitana de Belém permitindo o acesso ao sul e ao sudeste do Pará o que antes só era possível atravessando vários rios de balsa ou pela BR-010 – Belém-Brasília, o que aumentava o trajeto e o tempo de viagem.



notabilizou historicamente por sua grande incidência de fazendas de engenhos de cana-de-açúcar e outros subprodutos agrícolas que fizeram o uso da mão-de-obra escravizada trazida de outras paragens, tanto do Brasil quanto da África. Segundo Vicente Salles:

Desde o início da ocupação européia do Grão-Pará foi a zona fisiográfica Guajarina – que abrange o Guamá, Capim, Acará, Moju, vizinhança de Abaetetuba e Igarapé-Miri, e vaza para o baixo Tocantins – o mais importante centro econômico da Amazônia com base na lavoura de gêneros exportáveis – sobretudo arroz, fumo, cacau e cana-de-açúcar. Aí se estabeleceram os maiores engenhos, as maiores fazendas agrícolas. Aí, portanto, se despejou numerosa escravaria negra. (Salles, 2004: 159)

O percurso das transformações históricas ocorridas nesta região transbordará na atualidade para novas formas de organizações sócio-territoriais em torno dos processos expropriativos de posse e controle da terra. Neste contexto, a organização política e a busca das reminiscências históricas da formação dos lugares servirão de base para a instrução de processos oficiais de reconhecimento de comunidades quilombolas sendo estas alternativas legais da proteção e manutenção dos atuais e antigos domínios de terras frente à intensa e contínua tentativa de ocupação por parte das grandes empresas agropecuárias e mineradoras, como a Vale do Rio Doce.

No Município de Mojú existem atualmente 14 (quatorze) territórios quilombolas titulados pelo Instituto de Terras do Pará – ITERPA, sendo que algumas comunidades foram aglomeradas em títulos coletivos como no Quilombo Centro Ouro que envolve as Comunidades de Bom Jesus Centro Ouro, Nossa Senhora das Graças e São Bernardino. Ainda existem outras em processo de titulação²⁷.

As influências e as marcas da ocupação histórica da área também estão registradas nos marcos edificadas dos séculos XVII e

²⁷ Ver anexo lista dos Territórios Quilombolas do Município de Mojú.

XVIII que estão atualmente em ruínas como os antigos engenhos de açúcar.

Principais evidências levantadas

As ingerências no processo de ocupação podem ser demonstradas pelas manifestações culturais dos lugares que foram aos poucos transmutadas e adaptadas para atender as imposições culturais da classe dominante da época assim como serviram de sustentação identitária dos grupos sociais (SALLES, 2004). A vida cultural das comunidades quilombolas de Mojú é envolta em um movimento que obedece ao calendário de celebrações aos santos católicos de cada uma delas. É comum que mais da metade das comunidades levem nomes de algum deles, sendo a festividade mais movimentada pela população local a do padroeiro do município Divino Espírito Santo, que acontece anualmente na cidade-sede entre os meses de maio e junho.

Sobre este aspecto, as entrevistas realizadas informam a memória da diversidade de manifestações associadas a estes festejos e celebrações que envolviam comissões de esmoladores que cantavam folias e rezavam ladainhas (algumas delas em latim) pelas comunidades vizinhas e outras mais longínquas. Estes momentos, segundo os relatos, eram sempre acompanhados de tamboreiros e demais músicos que tocavam violas e rabecas, mas que ao passar dos anos, a manifestação foi perdendo espaço e deixando de existir por conta das dificuldades de se repassar os conhecimentos, bem como os conflitos com a Igreja Católica local.

Além destas, as atividades culturais consideradas mais tradicionais continuam a perder espaço principalmente na sede da cidade de Moju e nas localidades mais próximas a ela.



Dentre as principais referências que ainda podem ser encontradas, merece destaque na cidade-sede o grupo de boi-bumbá “Caprichoso” do Sr. Germano Costa Santos – seu “Gení”, que “coloca” boi há mais de trinta anos. Germano conta que antes existia uma grande quantidade de grupos que brincavam e rivalizavam na cidade e no interior como o “Asa Branca” e o “Sete Estrelas”. Além deste, ainda na cidade, existe um grupo de música e dança regional denominado “Mexilhão do Icatú”, fundado em 1987 por um grupo de amigos, músicos e professores que buscavam colaborar com a divulgação das manifestações da cultura popular do Estado nas escolas e eventos culturais do município. O professor Itamar Aracatí, um dos fundadores do grupo, lembra que existiam vários grupos de pastorinhas e, assim como seu “Gení”, novamente faz referências aos grupos de boi-bumbá que anualmente se apresentavam na Praça Matriz durante a quadra junina. Sobre o carimbó, o mesmo relatou que não há uma tradição de grupos no município, ressaltando que esporadicamente surgiam grupos musicais que, entre vários ritmos, tocavam o carimbó. Segundo ele, na comunidade do Luzo²⁸ existiu um grupo de carimbó que durou cerca de quatro anos durante a década de 1970, porém seu responsável voltou para sua terra natal, o município de Cametá, deixando assim de existir o carimbó naquela localidade.

Nos relatos da Sra. Carmem Helenice de Souza, Secretária Interina de Cultura²⁹, nascida na cidade e pesquisadora da cultura local, afirma que “não há grupos de carimbó no município e mesmo as manifestações culturais dos quilombolas são desconhecidas da grande maioria dos habitantes da cidade”. Ao falar das lembranças de sua infância, enumera uma relação de grupos culturais que faziam parte do calendário festivo e religioso do município como as festas de

²⁸ Interior do município a aproximadamente 1 hora da sede

²⁹ Nos dias de estada da equipe INRC/Carimbó no município a Secretaria de Cultura estava em processo de transição de cargo.



santo, as comissões de foliões e rezadores de ladainhas, os bois-bumbá, as pastorinhas e as quadrilhas juninas, e lembra que estas últimas são as que ainda mantêm suas apresentações.

O coordenador das Associações Quilombolas do Território do Jambuaçu – Bambaê, Max Santana Assis, comentou a respeito do que conhece sobre as manifestações das comunidades quilombolas, porém ressaltou que só mora há seis anos na área e que ainda conhece pouco sobre o assunto. Segundo ele, existem festas juninas, festividades de santo com ladainhas (não especificou a localidade) e que os mais antigos falam da existência do Samba-de-Cacete em tempos pretéritos. Sobre este, o entrevistado indicou a Comunidade São Manoel, a 50 km da sede municipal em estrada sem asfalto na fronteira com o Município de Abaeté, onde, segundo ele, existe um grupo denominado “Bambaê” que ainda toca o Samba-de-Cacete.

O ex-prefeito de Moju, que também é músico, compositor, presidente da Escola de Samba Bole-Bole do bairro do Guamá em Belém, além de ativista cultural e filho do município, Herivelton Martins, o “Vetinho”, em entrevista concedida durante os levantamentos pré-campo, na própria sede da Escola de Samba que preside, fazendo um exercício de memória afirmou não recordar da existência de grupos de carimbó em Moju “como os de Marapanim”. Fez referência ao que “se escutava antigamente” como o Banguê e o Samba-de-Cacete que eram, segundo ele, “batuques” praticados na localidade de Tambaí-Miri, na atual Comunidade Quilombola do Centro-Ouro, onde existia o “Grupo do Ouro”, na localidade de Jacundaí e no alto (rio) Moju, na localidade de Nova Itália. Todas as manifestações eram relacionadas a alguma festividade religiosa. Assim, eram comuns grupos de cantadores de folias e rezadores de ladainhas que faziam as esmolações pela região.



Em entrevista com a Sra. Waldirene Castro, representante da Associação Iorubá e também da Comunidade de Santa Luzia do Bom Prazer – Poacê, surgiram informações sobre a possibilidade da existência de grupos de carimbó nas localidades interioranas do município. Segundo a entrevistada, existiam grupos que não estão mais em atividade. “As aparelhagens sufocaram a tradição”, afirma. Mas em seguida complementa que “estes grupos tocavam nas festas o pagode, o carimbó e o merengue”, ou seja, provavelmente grupos musicais de bailes. Segue afirmando que “existia um carimbó que só as mulheres dançavam e os homens tocavam”, depois se confunde com o que, segundo ela, chamavam antigamente de “pagode”, provavelmente uma variante do samba já vastamente descrito pelo folclorista Vicente Salles que era executado na região desde o século XIX. Existia ainda, segundo a entrevistada, a “fofóia”, que eram “músicas cantadas na roça ao som do batuque de cacete”. Este fato pode revelar uma simbiose entre as cantorias e o Samba-de-Cacete que é caracterizado por uma:

Variação coreográfica de mineiro-pau, dança dos pauliteiros, como em Portugal, em que os dançarinos simulam uma luta de cacete.
(Salles, 2004:217)

Através de várias indicações de entrevistados, chegou-se à comunidade quilombola África-Laranjituba, localizada a 50 minutos da sede municipal, onde reside o Sr. Jorge Trindade da Silva, o “Mestre Jorge”, músico, compositor e artesão de instrumentos musicais de 84 anos de idade, que durante sua entrevista mostrou-se um exímio artista da cultura popular. Bastante conhecido, é corriqueiramente chamado para apresentações com seu grupo chamado “Conjunto dos Quilombolas”, grupo musical composto por membros da comunidade que executam diversos ritmos como boleros, valsas, xotes, forró, carimbó, etc. Desta forma, não constitui um grupo específico de carimbo. No entanto, Mestre Jorge compõe letras com este ritmo o

qual, segundo ele, chegou até o município de Moju através das rádios que tocavam “os carimbós do Pinduca”.

A formação do “Conjunto dos Quilombolas” tornou-se possível graças a trabalhos realizados na localidade pela Fundação Curro Velho (Fundação mantida pelo governo do Estado) que levou oficinas e cursos de aperfeiçoamento artístico. Ressalta-se, no entanto, que Mestre Jorge é artista de longa data e seus conhecimentos vêm desde criança quando ainda morava no Município de Acará, onde nasceu. Ao longo da sua história, aprendeu a confeccionar instrumentos como pequenos tambores, banjo e flauta; além disso, tornou-se brincante e, em seguida, “amo” de boi-bumbá e cordões de pássaros. Atualmente, vive em um barraco de madeira em um terreno baldio da comunidade sem a infra-estrutura adequada para sua habitação.



Foto 20 - Além de cantor e compositor, Mestre Jorge confecciona vários instrumentos como a flauta e o banjo que, apesar de já ter feito outros, prefere o que o acompanha desde que começou a tocar.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó (jan, 2009)

De uma forma geral, os relatos coletados expostos acima dão um panorama sobre algumas das manifestações culturais do Município de Moju, em que se observa a ausência de grupos que executem o ritmo e a dança do carimbó como os observados nos demais municípios até então pesquisados. As referências sobre o ritmo estão associadas ao período em que o carimbó, já transformado em gênero musical, ganha notoriedade e passa a ser executado nas



rádios da capital e interior do Estado, principalmente durante a década de 1970. A partir disso, alguns grupos formados nas escolas e por ativistas culturais locais colocam o carimbó em seus repertórios de apresentações, porém como mais um entre os demais executados.

Observou-se, no entanto, que a rica diversidade cultural do município, apesar de pouco conhecida, é demarcada por manifestações que estão distantes da sede municipal e advêm das comunidades quilombolas que estão localizadas ao longo dos rios. Ali, associadas às celebrações de santo, existem formas de expressão bastante peculiares como danças e batuques denominados de Banguê e Samba-de-Cacete. Infelizmente por falta de estrutura de transporte fluvial, não houve a possibilidade de visitá-las.

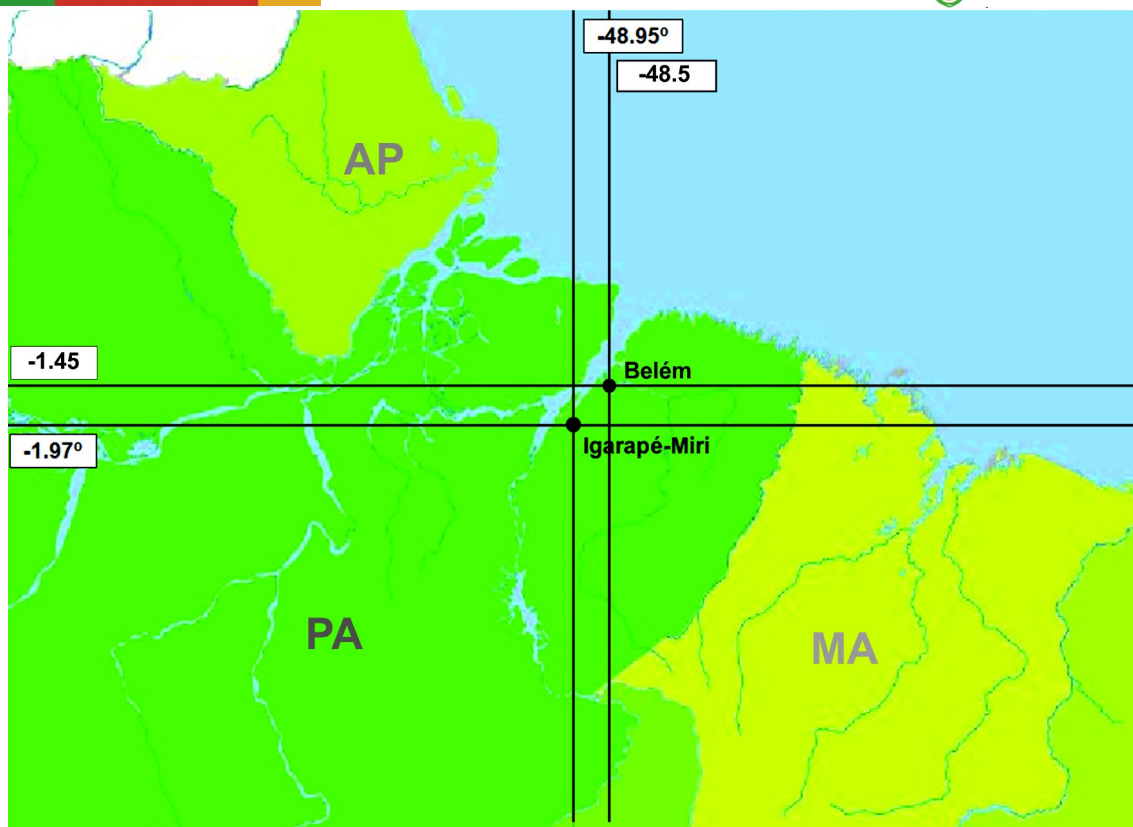
Estas manifestações fazem parte de um leque de atividades culturais desenvolvidas por populações negras da região. Tanto o Banguê quanto o Samba-de-Cacete se caracterizam por formas festivas/celebrativas que envolvem rituais, batuques e danças demarcadas pelo calendário religioso de cada localidade. Estão presentes também nos municípios vizinhos de Moju como Igarapé-Miri, Abaetetuba, Acará, Cametá e alguns mais distantes como Mocajuba.

Na bibliografia consultada sobre Moju não há indicações sobre o carimbó no município.

V. Igarapé-Miri

O Município de Igarapé-Miri foi fundado em 1930 e está situado a 76,75 km da capital do Estado, fazendo parte de mesorregião Nordeste Paraense e da microrregião Cametá. Possui uma população de 58.077 habitantes (IBGE, 2010) e uma área territorial de 1.996 km² representando 0,16% do Estado do Pará; seu índice de desenvolvimento humano é de 0,67 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano – PNUD (2000).

Mapa 6 - Localização da sede municipal de Igarapé-Miri em relação à capital do Estado.



Fonte Ministério dos Transportes/Mapa Rodoviário; Tele Atlas. Adaptação Isis Ribeiro

A base econômica do município está assentada, quanto ao emprego, no setor comercial e de serviços, onde está empregada a maior parcela da população economicamente ativa. Estas atividades são seguidas pelo emprego na administração pública onde estão localizados os empregos com maior estabilidade. Na zona rural o destaque fica por conta da agricultura da mandioca e da cana-de-açúcar e da extração vegetal do açaí. O comércio madeireiro também responde por uma importante fatia da economia do município³⁰.

Igarapé-Miri possui um importante patrimônio natural, mas que necessita de preservação, como os rios que cortam o município e as ilhas de Serraria, Cueca e Cuequinha. O principal rio é o Meruú, coletor de quase toda a bacia hidrográfica do município.

³⁰ Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Igarapé-Miri, 2011.



No que tange às manifestações culturais do município, há um extenso calendário de festividades seculares e religiosas que duram o ano todo. A principal delas é a da padroeira Nossa Senhora de Santana que acontece no mês de julho. Além desta, há grupos de cordões de bichos, bois-bumbá e quadrilhas juninas. O patrimônio histórico edificado é identificado pela Igreja de Nossa Senhora de Santana, fundada em 1714.

O campo

Nos levantamentos pré-campo sobre o município de Igarapé-Miri, observou-se uma especificidade cultural do lugar, relacionada ao processo de ocupação histórica da região. Esta especificidade vai ao encontro das manifestações populares que se cristalizaram, principalmente relacionadas às celebrações festivas em homenagem aos santos católicos – marca da imposição religiosa dominante do período colonial na Amazônia e no Brasil. E também se reflete nas formas de expressão oriundas das populações negras e ribeirinhas que habitaram esta área para trabalhar como mão-de-obra na produção canavieira, notadamente nas inúmeras plantações e alambiques de aguardente que movimentavam a economia das áreas circunvizinhas à sede administrativa do estado³¹.

Neste contexto, algumas das matrizes culturais do município estão relacionadas a formas de batuques realizados pelos grupos de Banguê³² que, segundo Salles (2004), se caracterizava por festejos que aconteciam após as rezas e cultos aos santos e entidades, dependendo da localidade.

³¹ Salles, Vicente. O Negro na formação da sociedade paraense. Textos reunidos. Belém: Paka-Tatu, 2004.

³² Do dialeto africano que significa “engenho de açúcar” (ver dicionário Aurélio) e que ficou conhecida na região como “dança dos engenhos”.



Após a ladainha é servido café ou chocolate de cajutim (bebida feita com amêndoa do fruto do cajueiro, torrada, pilada e fervida com água e açúcar, sendo servido morno) e na maioria das vezes é “armado uma Banguê” (violão, cavaquinho, flauta, banjo, colheres de alumínio e pandeiro, este feito de latas onde são fixadas tampas de cerveja ou guaraná). A música é sempre executada de “enversada” ou seja, composições musicais com versos de improviso (SALLES, 2004).

No entanto, as referências sobre estes grupos obtidas em campo dão conta de um distanciamento cada vez maior de motivações religiosas relacionadas a estes batuques como a perda gradativa desta manifestação por conta da extinção de antigos grupos. No município de Igarapé-Miri, há referências de poucos grupos, um na sede municipal denominado “Banguê da Ilha do Compadre Socó” e outros localizados distantes da sede municipal com acesso apenas via fluvial. Em entrevista concedida à equipe de pesquisadores nos levantamentos pré-campo em Belém, o historiador e escritor autodidata que também é nascido no município de Igarapé-Miri, Dagoberto Sinimbú, enumera alguns dos grupos de Banguê que existiam no município entre as décadas de 1940 e 1970 como: o “Banguê do Chibiu” e o “Banguê do Raimundo Pretinho”, todos já extintos. Quando interpelado sobre grupos de carimbó no município, o entrevistado informou que a música de carimbó é “estrangeira para os igarapemirienses” e que só passou a ser executada na cidade após o ritmo ter “estourado em Belém, quando as grandes bandas de *jazzi*³³ começaram a executá-lo nas festas pela região” e cita como referência as músicas gravadas de carimbó em Lp’s por “Pinduca”, que viria a se tornar o mais famoso cantor deste gênero no Pará.

A atual secretária de cultura Benedita dos Santos Miranda (cujo pai organizava a festividade de São Benedito) afirma também que houve um declínio da prática cultural dos banguês, principalmente a partir da desativação dos engenhos da região, que já eram poucos na

³³ Bandas de baile que entre as décadas de 1950 e 1970 eram as responsáveis por embalar as festas e bailes que ocorriam pelo interior do estado.



década de 1970. Entre outros motivos, afirma que a construção das estradas e outros “adventos da modernidade”, como luz elétrica e surgimento de aparelhos sonoro-eletrônicos, teriam promovido a decadência dos banguês. A respeito do carimbó, dona Benoca destaca que não existe uma prática “tradicional” no município (embora afirme que o banguê tenha influenciado o carimbó que é reproduzido em Igarapé-Miri), tal como o samba-de-cacete (expressão musical de características marcadamente afro-brasileira), ali atualmente desenvolvido pela professora Eurídice Marques Soares de Souza. O carimbó, segundo a secretária, é tocado por todas as bandas de baile da cidade (Açaí Jazz, Massara & Banda e Os Combinados), sempre no final das festas, e o banguê, com seu repertório, ritmo e melodia, encontra-se fortemente presente no modo como o carimbó é tocado e dançado, conforme observado na obra de músicos do município como Pinduca, Pim e o conjunto Os Populares.

Estas informações se confirmam com as prestadas também em entrevista à equipe por Aurino Quirino Gonçalves, o “Pinduca” que, vindo de uma família de músicos que moravam em Pindobal (lugarinho pertencente ao município de Igarapé-Miri na fronteira com o município de Cametá), se tornou um dos artistas mais conhecidos do Estado e fora dele. Segundo ele, há a possibilidade de que seu local de nascimento seja uma comunidade remanescente de quilombo. Neste local, o seu avô era proprietário de um barracão (dividido entre compartimentos assoalhados com madeira de “pachiúba” e outro de chão batido) onde as pessoas dançavam o Banguê, ritmo tocado por um senhor conhecido como “Chibiu”, “neto do velho Sérgio, negro que havia sido escravo. Além do Banguê, os negros também tocavam o Samba-de-Cacete”, ritmo no qual, segundo ele, um tocador “cavalgava” no tambor, pela frente, e o outro, ao lado, batia os “cacetinhos”. Fazendo referência ao tocador “Chibiu”, afirma que este foi o responsável por levar o Banguê para a cidade e que foi pela voz



dele que teria ouvido o primeiro carimbó. O cantor explica que “o Banguê e o Carimbó são praticamente o mesmo ritmo”, observando que, ainda na época de “Chibiu”, “o Banguê passou a chamar-se carimbó”.

Estas informações ensejaram boas indagações à equipe quanto à possibilidade de existência de grupos de carimbó neste município, em algum momento entre as décadas de 1950 e 1970, bem como desta possibilidade levantada por Pinduca (e também por outros antigos moradores de Igarapé-Miri) de que o Banguê e o Carimbó se confundiam em um ritmo só.

Durante a viagem ao município, que aconteceu entre os dias 13 e 15 de maio de 2011, a equipe de pesquisadores pode constatar algumas das afirmações feitas por Dagoberto Sinimbú sobre os “banguês”, hoje praticamente extintos da sede municipal. Uma referência dada por ele e que pudemos encontrar em Igarapé-Miri foi de um ainda não reconhecido mestre de cultura popular e um dos poucos membros que ainda restam dos antigos grupos de Banguê no local. Raimundo Farias de Souza, popularmente conhecido por “Socó”, 83 anos de idade, banjista, cantor de folias e de banguê, compositor, rezador de ladainhas e artesão de instrumentos é uma referência viva da cultura local. Durante sua entrevista cantou folias, e banguês para a equipe.

*Ai moça deixa de prosa
Me dá meu lenço que eu já vou embora*

*Teu lenço eu não te dou
Teu lenço eu não te dou
Teu lenço tá guardado no fundo do meu baú*

*Oh! Mana, minha mana, minha mana
Tenho um segredo para lhe contar*

*Banha eu não tenho outra na pia,
Meu filhinho vai chorar*

*Como é bonito Iaiá, como é bonito
Como é bonito meu bangüê cantar³⁴*

Atualmente, “Socó” comanda o grupo “Banguê da Ilha”, o qual possui um CD artesanal gravado em Igarapé-Miri. A apresentação de Banguê feita por “Socó” durante a entrevista proporcionou uma audição do tipo de andamento rítmico executado neste gênero musical, bastante diferenciado e bem distante do ritmo do carimbó, fato já antes observado em audições feitas em Belém nos acervos pessoais dos pesquisadores membros da equipe. Desta forma, apreende-se que os relatos de Pinduca e de outros antigos moradores do local sobre a unicidade entre o Banguê e o Carimbó no município se devem ao fato de esses ritmos tocados na região faziam uso de tambores, também chamados de batuques. No entanto, sabe-se que ambos são bem distintos no que se refere a suas células rítmicas, andamentos, toques e mesmo instrumental e que, a partir de determinado momento, fundem-se apenas no rótulo, confusão essa que não causa perda nenhuma a autenticidade de cada um.



Foto 21 - Capa do CD gravado em 2009 pelo grupo de Banguê do “Compadre Socó” (na imagem, sentado segurando o banjo).

³⁴ Banguê cantado por Raimundo Farias de Souza – “Socó”, em entrevista realizada ao INRC/Carimbó no dia 15 de maio de 2011.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, maio de 2011.

Conforme o andamento dos levantamentos de campo, foram sendo confirmadas algumas das hipóteses em relação à existência esparsa de grupos de carimbó na microrregião Cametá, na qual está inserido o município de Igarapé-Miri. Não foi identificado nenhum grupo de carimbó no local, assim como referências quaisquer de grupos antigos. A referência da relação deste ritmo/dança com o lugar é encontrada através dos nomes de Pinduca³⁵ e seu irmão, também cantor e compositor de grande sucesso nas décadas de 1970 e 1980, Paulo Gonsalves, o "Pim", que gravou músicas de carimbó em vários de seus Lp's lançados no Norte e Nordeste do País, mas que, depois de grande sucesso principalmente no Nordeste, no final dos anos 1980, já estava no anonimato morando novamente em Igarapé-Miri.

Outra importante referência é Ionete da Gama, também conhecida por "Dona Onete", que mesmo não sendo nascida, morou muito tempo em Igarapé-Miri onde casou, foi Secretária de Cultura e formou o grupo "Canarana" que executava músicas de carimbó, bangüê e lundu. Seu primeiro marido promovia várias festividades em Igarapé-Miri, contexto este que levou Dona Onete a se envolver com pesquisas em torno da cultura do município. Depois de ter morado mais de quarenta anos em Igarapé-Miri, Dona Onete se mudou para Belém em 1999, onde vive atualmente.



Foto 22 - Na sequência: “Pim”, “Dona Onete” e “Pinduca”, algumas das principais referências artísticas do Município de Igarapé-Miri, cantores e compositores que tiveram parte de seus sucessos alavancados com a gravação de músicas de carimbó.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, maio de 2011.

A divulgação do carimbó na região esteve relacionada à execução deste gênero musical por parte de grupos e bandas que animavam as festas e bailes do município. Neste sentido, o conjunto “Os Populares de Igarapé-Miri” foi um dos mais expressivos, tendo surgido na década de 1970, primeiramente com as denominações respectivas de “Os Positivos de Vila de Maiautá” e “Os Invencíveis”. Inicialmente, o repertório do grupo era composto por gêneros tais como a lambada, o brega “solado”, o samba e o bolero. Tocavam os sucessos de cantores reconhecidos nacionalmente, como Odair José, Reginaldo Rossi, Amado Batista e Waldick Soriano. Com o advento do mercado fonográfico e a projeção do ritmo carimbó, no qual se destacou o cantor Pinduca, o conjunto decidiu gravar um disco com composições próprias de carimbó. O grupo alcançou destaque na cena cultural e chegou a gravar sete discos (seis Lp’s e um compacto), pela gravadora Copacabana. Segundo Odivaldo Castelo Branco (compositor e guitarrista), o grupo, extinto há quinze anos, fez muito sucesso e vendeu grande quantidade de discos no Nordeste.

Em suma, o município de Igarapé-Miri, embora tenha “conhecido” o carimbó somente a partir da década de 1970, tornou-se parte significativa de seu desenvolvimento como expressão musical, sobretudo no que compete à sua popularização e “modernização”. Igarapé-Miri possui relevante vocação artística,

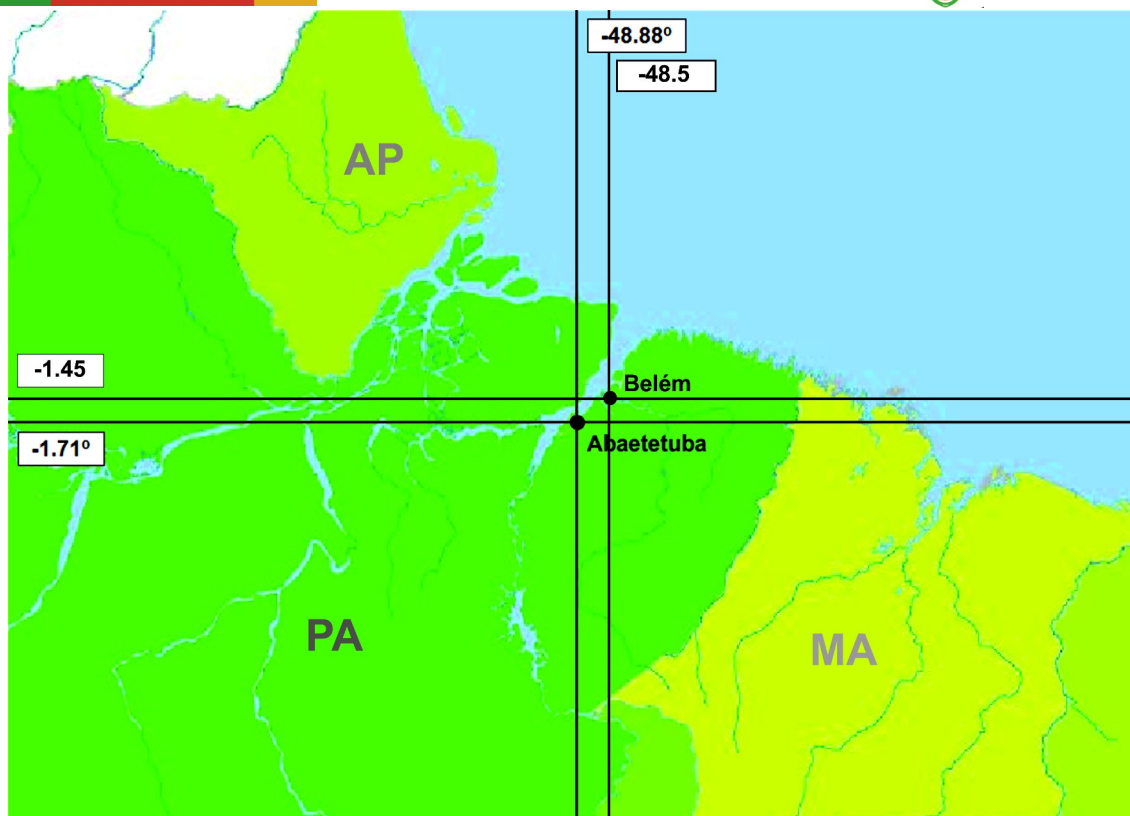


participando diretamente da história musical da região (sobretudo nesta segunda metade do século XX), por meio de diversos músicos que contribuíram de modo expressivo para a divulgação do carimbó, como os citados neste texto.

VI. Abaetetuba

O Município de Abaetetuba foi fundado em 1880 e está situado a 51,18 km da capital do Estado, fazendo parte de mesorregião Nordeste Paraense e da microrregião Cametá. Possui uma população de 141.100 habitantes (IBGE, 2010) e uma área territorial de 1.610,74 km² representando 0,13% do Estado do Pará. Seu índice de desenvolvimento humano é de 0,71 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano – PNUD (2000).

Mapa 7 - Localização da sede municipal de Abaetetuba em relação à capital do Estado.



Fonte Ministério dos Transportes/Mapa Rodoviário; Tele Atlas. Adaptação Isis Ribeiro

Abaetetuba se destaca por ser um importante entreposto comercial da região. Na sede do município está localizado um importante porto de chegada e saída de mercadorias de todas as ordens. Desta forma, o comércio e o setor de serviços são os maiores geradores de empregos; no entanto, a grande maioria dos trabalhadores vive na informalidade. Os empregos na administração pública respondem pelo maior número de trabalhadores com direitos garantidos. A pesca e a agricultura são outras fontes importantes de ocupação da população local³⁶.

Os atrativos naturais do município estão espalhados por todo o seu território. São mais de 45 ilhas com destaque para as ilhas do Capim, Sirituba e Campopema. A praia de Beja é um dos pontos turísticos mais freqüentados do município.

³⁶ Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Abaetetuba, 2011.

O movimento cultural de Abaetetuba, como em todos os municípios paraenses, expressa-se principalmente nas festividades religiosas sendo a mais importante o Círio de Nossa Senhora da Conceição, celebrado desde 1812 e que inicia anualmente sempre no mês de novembro. Nas manifestações populares, têm destaque alguns poucos grupos de bois-bumbás e quadrilhas juninas. O incremento cultural que dá ao município o reconhecimento internacional está relacionado ao ofício de pequenos artesãos que transformam a tala de miriti³⁷ em brinquedos e dezenas de outros objetos que são a marca de Abaetetuba.

O campo

A viagem ao município de Abaetetuba aconteceu entre os dias 20 e 22 de maio de 2011 e contou com todos os membros da equipe. As informações levantadas pré-campo sobre as peculiaridades culturais deste município estão relacionadas, como em Igarapé-Miri, à influência negra que, em contato com as populações nativas e de colonos, geraram singularidades culturais expressas em batuques e danças que se espalharam pela região, notadamente o Banguê e o Samba-de-Cacete. Os raros grupos que ainda existem estão localizados na parte interiorana do município, principalmente na fronteira com o município de Cametá.

A presença do carimbó em Abaetetuba, e também noutros municípios próximos – Igarapé-Mirim e Cametá, remete à projeção que este, como expressão musical, assumiu nas décadas de 1970 e 1980, sobretudo por meio de artistas como Pinduca, Mestre Lucindo, Mestre Cupijó e Verequete.

³⁷ O miriti, material utilizado na fabricação dos brinquedos, é retirado da palmeira de mesmo nome, que cresce na região de várzea da Amazônia. Trata-se de um material leve e maleável, mas que exige uma técnica especial para ser trabalhado (Círio de Nazaré. – Rio de Janeiro: Iphan, 2006)



Embora sua presença no município seja relativamente recente e, de certa forma, atribuída ao papel das rádios e da discografia, o carimbó se estabeleceu de modo significativo nesta cidade, através dos vários conjuntos musicais surgidos naquele período. Com a atuação desses grupos – dentre os quais se destacou (pela proeminência regional que obteve) o grupo Os Muiraquitãs – o carimbó, manifestação típica da porção litorânea do estado, assumiu contornos diferenciados. Ao ser absorvido pelos muitos músicos de Abaetetuba e proximidades, o carimbó passou a agregar outras tradições musicais características das porções mais interioranas do estado, como o *samba de cacete*, os conjuntos de *jazzi*, além de gêneros musicais como o *mambo* e a *comanchera*, bastante populares na época (décadas de 1970 e 1980).

De acordo com o radialista Teodolino Maués (notório conhecedor da cultura local, conforme indicações), os conjuntos de *jazzi*, vigentes entre as décadas de 1920 e 1950, eram compostos por músicos oriundos das bandas marciais militares e civis e possuíam orquestra constituída por rabeca, banjo, cavaquinho, trompete, pistons e clarinete. Apresentavam-se nos coretos da cidade ou em sedes festivas e clubes, tocando, sem o uso de amplificadores sonoros, sambas-canções, valsas, boleros, dobrados e mambos. Segundo relata Teodolino Maués, após a popularização das vitrolas e dos alto-falantes, os conjuntos de *jazzi* foram gradualmente substituídos pela sonorização mecânica. As festas passaram a ser animadas pelos toca-discos e os repertórios caminhavam *pari passu* com os sucessos das rádios e da discografia da época. Este período, início da década de 1970, marcou então a penetração do carimbó, tocado principalmente por Pinduca (músico de Igarapé-Miri que já realizava suas inovações com o carimbó associado a ritmos da região) e o surgimento de bandas mais “modernas”, que utilizavam

instrumentos elétricos como baixo e guitarra, além de bateria, mas mantendo os metais (sax, trompete) dos conjuntos de *jazzi*.



Foto 23 - Capa do Cd do grupo “Os Muiraquitãs” gravado em 1977.

Imagem: Equipe Inrc/Carimbó, maio de 2011

Ainda segundo Teodolino Maués, as bandas de Abaetetuba tiveram muita influência de Pinduca e de Mestre Cupijó (músico de Cametá tido como “modernizador” do *samba de cacete*), além, dos já citados, conjuntos de *jazzi*, o que teria levado o carimbó a adquirir matizes específicos, sendo comumente referido como *sirimbo*, haja vista sua “mistura” com o siriá, dança típica do *samba de cacete*, popularizado na década de 1970 pelos músicos acima citados. As referidas transformações no carimbó teriam também levado ao surgimento de um gênero musical que se tornou bem popular em Abaetetuba, a *lambada*, que adquiriu projeção internacional na década de 1980. Mesmo nos dias atuais, o carimbó ainda mantém forte presença nas festas locais de Abaetetuba, marcando esse capítulo da evolução regional desta manifestação cultural, porém não foi identificado nenhum grupo especificamente de carimbó ativo no município.

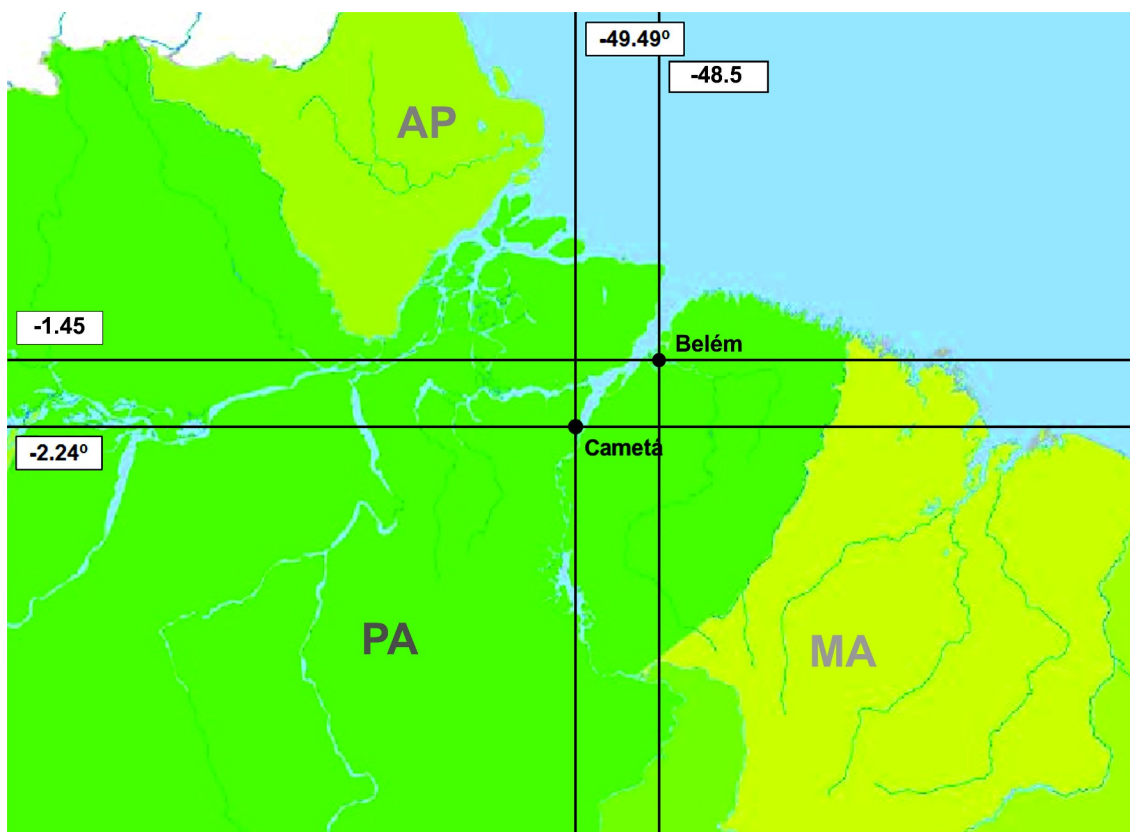


VII. Cametá

O Município de Cametá foi fundado em 1635 e está situado a 140,73 km da capital do Estado, fazendo parte da mesorregião Nordeste Paraense e da microrregião Cametá. Possui uma população de 120.896 habitantes (IBGE, 2010) e uma área territorial de 3.081,36 km² representando 0,25% do Estado do Pará. Seu índice de

desenvolvimento humano é de 0,67 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano – PNUD (2000).

Mapa 8 - Localização da sede municipal de Cametá em relação à capital do Estado.



Fonte Ministério dos Transportes/Mapa Rodoviário; Tele Atlas. Adaptação Isis Ribeiro

A economia do município é sustentada pela agricultura familiar relacionada principalmente ao cultivo da mandioca para a produção de farinha, seguida do extrativismo vegetal de açaí, palmito e cacau. Além destes, a pesca artesanal é fonte importante de alimento da população cametaense. O estoque de emprego está centralizado respectivamente na administração pública, no comércio e no setor de serviços. Há ainda pequenas fábricas de beneficiamento de gêneros alimentícios, dentre os quais destaca-se o palmito, que contribui para a manutenção de empregos relativamente estáveis no município³⁸.

³⁸ Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Cametá, 2011.



São vários os atrativos naturais do município, a iniciar pelo principal rio que corta sua área de Norte a Sul, o Tocantins, que também banha a cidade. No seu curso, existem mais de noventa ilhas, com furos e igarapés que formam a paisagem típica da região tocantina. As praias da Aldeia e Cametá-Tapera são os pontos turísticos mais procurados pelos habitantes da sede municipal e por seus visitantes. A importância do rio Tocantins, no município, é enfatizada pela ligação que mantém com inúmeros braços de rios que se interpenetram no grande número de ilhas, onde se concentram povoados e aglomerações relativamente habitados.

Cametá possui uma diferenciada paisagem cultural marcada principalmente pelo processo histórico de constituição deste município, um dos mais antigos do estado, identificado pela riqueza de seu patrimônio arquitetônico (Cametá possui a maior quantidade de monumentos históricos da região, sendo o mais antigo, a Catedral de São João Batista datada de 1757), e pelas dezenas de manifestações culturais populares espalhadas por todo seu território com destaque para os grupos de Samba-de-Cacete e as celebrações Bambaê do Rosário e Marierrê. Além destas merecem destaque os grupos de bois-bumbá, pastorinhas, folias de reis, cordões de pássaros, entre outros.

O campo

A visita de campo ao município de Cametá aconteceu entre os dias 26 e 29 de maio de 2011 e contou com todos os membros da equipe. Devido à distância até aquele município, foram gastos pelo menos doze horas de ida e volta no traslado de Belém – Cametá – Belém.

Conforme vem sendo exposto, em relação ao contexto cultural dos municípios que compõem esta microrregião, na medida em que

nos afastamos da área mais litorânea do Nordeste do Estado, o carimbó, enquanto gênero musical e rítmico executado por grupos específicos, foi se tornando mais rarefeito até a sua quase inexistência enquanto manifestação singular dos festejos populares atrelados a grupos “tradicionais”. No entanto, sua execução em festas e rádios é comum principalmente nos eventos relacionados, nesta região, à quadra junina.

A grande expressão da musicalidade regional do município é a do maestro e advogado Joaquim Maria de Castro, popularmente conhecido como “Mestre Cupijó”. Na década de 1970, com a projeção do carimbó (tradição musical de procedência rural característica da região nordeste do estado do Pará) nas rádios e nas festas sobretudo através do sucesso adquirido pelo músico Pinduca, de Igarapé-Miri, mas que só alcançou o auge quando passou a morar em Belém, Mestre Cupijó percebeu a oportunidade de também promover o siriá, originariamente dança e música do Samba de Cacete, manifestação tradicional das populações negras das localidades situadas às margens do rio Tocantins. O Samba de Cacete era tocado com instrumentos artesanais percutidos (dois tambores e baquetas grossas de madeira). Dentre as canções típicas havia o siriá que, segundo Mestre Cupijó, era de melhor adequação às “modernizações” empreendidas pelo mesmo, como a inserção de instrumentos eletrificados (baixo e guitarra) e “misturas” com outros ritmos (mambo, carimbó) que o tornou um gênero específico. Logo o siriá experimentou grande projeção nas rádios, sendo gravado e tocado por artistas como o próprio Pinduca que, assim como Mestre Cupijó, passou também a promover o “sirimbó”, resultado das intersecções musicais realizadas entre o carimbó e o siriá.



Foto 24 - Mestre Cupijó durante entrevista em sua residência em Cametá.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, maio de 2011



Foto 25 - Algumas das capas dos Lp's lançados por Cupijó guardados em seu acervo particular.

Imagem: Equipe INRC/Carimbó, maio de 2011

Mestre Cupijó gravou seis discos durante sua carreira, o primeiro ainda em Cametá, o segundo em Belém através de uma gravadora local e os quatro últimos pela gravadora Continental. Os discos possuem canções não apenas de siriá (além de músicas de banguê, outra tradição musical da porção tocantina do estado), mas também de outros ritmos que faziam sucesso nas rádios (Marajoara, PRC-5), como mambos, carimbós e, posteriormente, bregas. Mestre Cupijó não toca mais desde 2007, devido a problemas de saúde; até então, realizava algumas eventuais apresentações em blocos de carnavais e pela banda Euterpe Cametaense, da qual é regente (assim como do coral da igreja de São João Batista) desde que seu pai faleceu, em 1971.



9. RESULTADOS PRELIMINARES

O Levantamento Preliminar do Carimbó na Microrregião Cametá (municípios de Cametá, Abaetetuba e Igarapé-Miri) e nos municípios de Santarém Novo, Quatipurú, Irituia e Moju, finaliza o mapeamento deste bem cultural na região Nordeste do Estado do Pará, área onde se identificou a maior concentração de grupos e onde foram encontradas referências históricas de sua existência desde de tempos coloniais.

Conforme foi amplamente exposto neste relatório, o mapa de localização e existência desta manifestação cultural foi constituído a partir do processo de povoamento da costa litorânea até o delta dos grandes rios da região guajarina no entorno da sede administrativa da então Capitania do Grão-Pará e Maranhão. Nesse sentido, cabe aqui uma rápida, porém importante discussão em torno do que se tem de mais importante escrito e documentado sobre a distribuição geográfica do carimbó na região norte do país, mas precisamente no Estado do Pará.

Nos estudos realizados pelo folclorista Vicente Salles, e que há muito servem de norte para pesquisadores e demais interessados sobre as manifestações culturais na Amazônia, há vários dados sobre o carimbó, sobretudo no que se refere à musicalidade, à rítmica e à dança do que o estudioso denomina “folguedo”. Em seu artigo escrito em parceria com Marena Salles intitulado “*Carimbó: trabalho e lazer do caboclo*”³⁹ há uma vasta relação de fontes bibliográficas sobre o que até então havia sido escrito sobre o carimbó no Pará e no Brasil. A discussão que envolve o texto gira em torno da divulgação dessa documentação e do que, através de um estudo de caso, ainda se pôde observar quanto à manutenção e prática do carimbó no período em que o texto foi escrito, aqui tendo como lócus de investigação o

³⁹ Revista Brasileira de Folclore. Rio de Janeiro. Ano IX, n.25. set/dez, 1969.

praticado no Município de Vigia, um dos celeiros, segundo o autor, da tradição desta manifestação na região do Salgado Paraense. Em suas citações sobre a área de correspondência da existência do “folgado” afirma:

O carimbó é dançado numa área relativamente extensa, populosa e próxima de Belém, onde ocorre principalmente. Outrora, foi dançado na própria capital paraense (...) O carimbó de Marapanim é, sem dúvida o mais conhecido ou, o mais “promovido”. Todavia, o estudioso encontrará área de ocorrência muito mais extensa, que abrange praticamente todos os municípios litorâneos (zona Atlântica) e ainda Soure, na Ilha do Marajó, com alguma penetração nas terras do interior, zonas rurais e pastoris (SALLES, 1969 p. 262).

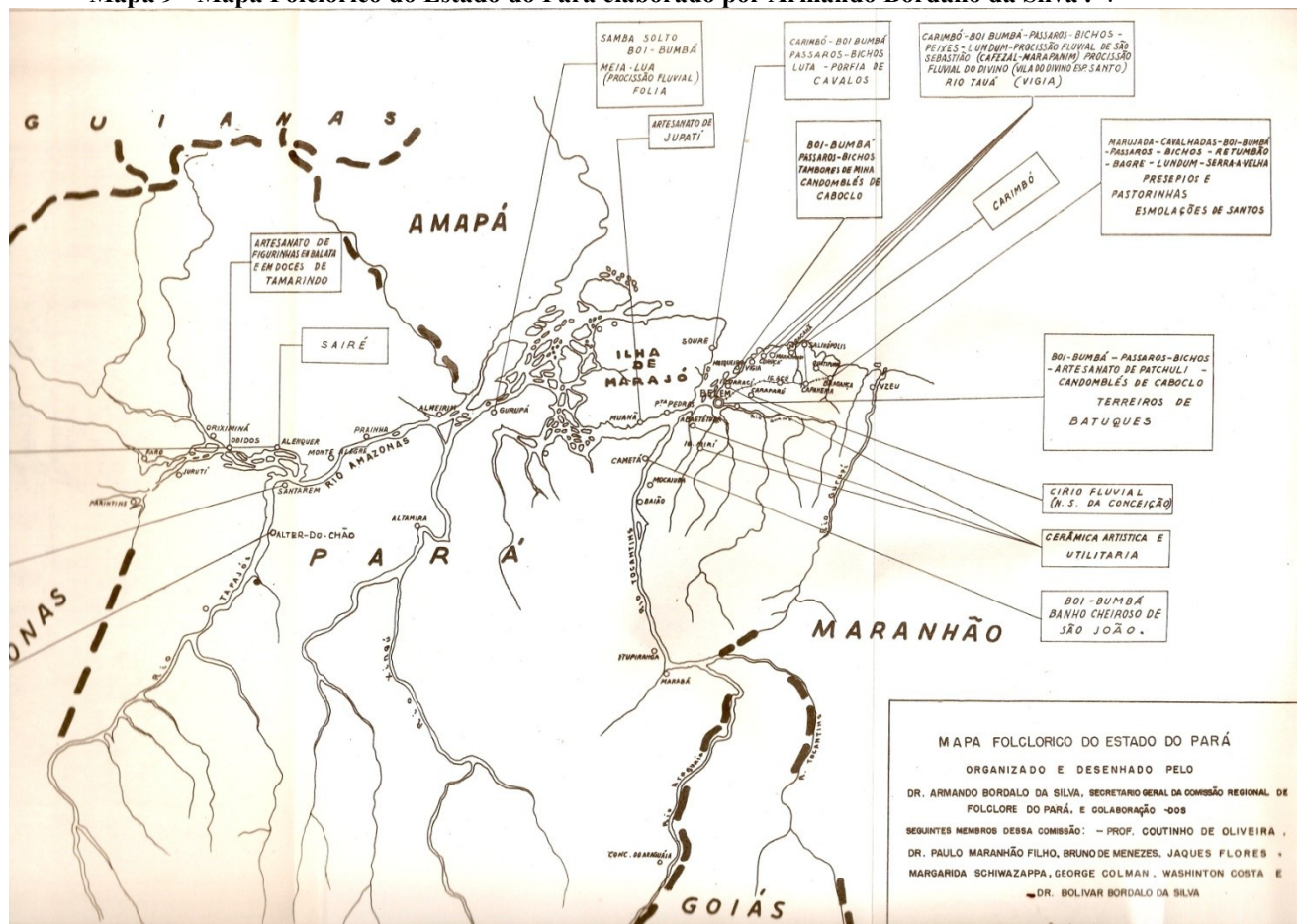
Em outra citação, observa que Bruno de Menezes “sugeriu a classificação do carimbó em três tipos, atendendo a área de distribuição:”

- 1 – Carimbó praieiro, da zona atlântica do Pará (Salgado);
- 2 – Carimbó pastoril (Soure, Marajó);
- 3 – Carimbó rural ou agrícola (Baixo Amazonas: Santarém, Óbidos e Alenquer), (SALLES, 1969 p. 262-263).

No entanto, suspeita que, neste caso, houve o uso da palavra carimbó de forma genérica e que pode ter havido a inclusão nele de outras danças como o lundu, o gambá e outras localizadas na região oeste do Pará.

Há ainda o trabalho de Armando Bordallo da Silva que possui em anexo um mapa de localização de diversas manifestações culturais do Estado do Pará e com ele também a localização do carimbó, aqui restrita a alguns poucos municípios do Salgado Paraense e o município de Soure no Marajó.

Mapa 9 - Mapa Folclórico do Estado do Pará elaborado por Armando Bordallo da Silva .⁴⁰



Há ainda outros documentos que informam sobre a presença do carimbó no Estado, porém, tendo a mesma referência geográfica dos trabalhos acima citados.

O *Levantamento Preliminar do Carimbó* realizado pela Superintendência do IPHAN no Pará foi elaborado seguindo as referências dos documentos existentes e também das informações surgidas ao longo do trabalho de campo iniciado em 2009. Assim foram feitos trabalhos de coleta na área que corresponde à região Nordeste do Estado (ver mapa 1) em alguns municípios onde a presença do carimbó fosse marcante, seja na memória dos lugares ou de forma vigente.

⁴⁰ Fonte: BORDALLO, Armando da Silva. Contribuição ao estudo do folclore amazônico na zona bragantina. 2ª Ed. Belém. Ed. Falângola, 1981.



No que se refere ao presente trabalho, deve-se considerar que a microrregião Cametá⁴¹ foi relacionada como área de pesquisa na medida em que se intensificaram os levantamentos nas suas proximidades e principalmente pela contribuição de alguns municípios desta região em relação à difusão e propagação de um carimbó marcadamente diferenciado, seja pelo ritmo ou pelo instrumental utilizado, mas também pela inserção no cenário musical paraense, principalmente na década de 1970, de grupos, músicos e compositores que se notabilizaram através da gravação de músicas de carimbó como o Conjunto “Os Muiraquitãs”, de Abaetetuba, e o “Mestre Cupijó”, de Cametá.

Observou-se que, diferentemente do carimbó praticado na área litorânea do Estado, não foram encontradas na microrregião Cametá formas de organização social em torno da manifestação como a existência de grupos voltados para a prática do carimbó em momentos festivos de cada município ou mesmo relacionados a celebrações religiosas. As principais referências estão relacionadas a um contexto de época (década de 1970 principalmente) em que o carimbó se torna um dos gêneros musicais mais apreciados em festas, bailes e nas rádios da capital do Estado. Desta forma, as principais indicações do carimbó nesta região estão relacionadas a estes conjuntos e compositores do passado. Na atualidade há alguns grupos de música e dança regionais denominados para-folclóricos que fazem o uso do ritmo/dança, porém com ênfase ao formato do carimbó “pau-e-corda” tradicionalmente executado em cidades como Marapanim e Curuçá. Estes grupos normalmente se apresentam em eventos oficiais dos municípios e durante a quadra junina, não tendo, portanto, maiores imbricações com uma sociabilidade cultural relativa

⁴¹ A microrregião Cametá envolve sete municípios: Abaetetuba, Baião, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajurú, Mocajuba e Oeiras do Pará. No entanto, este levantamento foi realizado apenas nos municípios de Abaetetuba, Cametá e Igarapé-Miri conforme motivos expostos na apresentação deste relatório.



ao lugar de origem. Assim, não foram identificados grupos voltados especificamente para a prática do carimbó nesta microrregião, permanecendo o ritmo, enquanto gênero musical, como uma das referências artístico-culturais do lugar que marca profundamente a musicalidade da região.

No que concerne aos municípios que integraram no trabalho por reavaliação deste levantamento, foram identificados importantes experiências culturais relacionadas ao carimbó atreladas, em alguns lugares, ao calendário de celebrações religiosas de algumas localidades como é o caso de Santarém Novo, Quatipurú e Irituia. Mesmo com as transformações destas práticas e, em alguns casos, a relativa diminuição de importância do fato religioso, na prática o ato devocional ainda mobiliza e fundamenta a festa. Neste sentido, a prática do carimbó é transformada temporalmente (no mês do Santo) em uma espécie de oferta para alegrar o Santo o que se faz de forma gratuita e sem intermédios contratuais. Esta situação está bem mais presente, como identificado, na Irmandade de São Benedito em Santarém Novo e na Marujada de Quatipurú em que o carimbó é um dos elementos que ainda marca o tempo e o espaço das celebrações.

Essas indicações abrem espaço para investigações mais profundas na busca de um entendimento mais claro das relações festa/celebração que acontecem nestes lugares. No entanto, já indicam uma possibilidade de reaver alguns escritos ao menos para reafirmá-los ou reavaliá-los:

(...) No Pará, à exceção talvez da ilha de Marajó, onde às vezes em algumas localidades aparece associado à festa de São Benedito (8 de dezembro), não tem ligação especial a qualquer festividade religiosa. É dançado preferentemente no período marcado pelo começo do verão e primeiros meses do inverno (novembro-dezembro), durante o qual há muitas festividades religiosas (o ciclo junino, as réplicas sertanejas do Círio de Nazaré, o ciclo de dezembro-janeiro). Mas o próprio carimbó marajoara não tem conotação estreita com a festa de São



Benedito, embora Nunes Pereira e Gentil Puget a ela se refiram expressamente; é mais divertimento, puro lazer que sucede às duras fainas diárias (SALLES, 1969 p. 263).

Normalmente o carimbó possui a função de encerrar a festa depois das celebrações religiosas. Este fato foi relatado como prática antiga e que possui significado histórico em algumas localidades, porém, há ainda uma subjunção de fatores que parecem associar o sentimento de pertença àquele ritual ao ato da prática do carimbó como forma de legitimar a participação de cada membro dos grupos em favor do Santo. O afastamento desta prática interposto por membros da igreja católica ao longo do tempo tem mobilizado as populações locais em razão da perda de motivação no que se refere à participação nas celebrações e festejos e, desta forma, existem atritos que já duram décadas entre os representantes da igreja e de associações culturais como é o caso da Irmandade de São Benedito (Santarém Novo) e a Marujada de Quatipuru. O mesmo acontece em Irituia onde, ao que se verificou, este litígio está mais intenso. Neste município, o carimbó é praticado com mais intensidade nas mesmas datas em que se comemora São Benedito, São Sebastião e Santos Reis, porém já praticamente sem ligação alguma com os rituais religiosos. Contudo, nestes municípios, o carimbó ainda é marcante nos principais momentos festivos, havendo um relativo número de grupos em atividade que formam a rica paisagem cultural da região.

10. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

As referências sobre o carimbó foram levantadas em fontes bibliográficas, áudio, vídeo, jornais, revistas, documentos históricos, *sites*, *blogs* e nos vários órgãos públicos de Belém e também das



localidades visitadas, além de acervos particulares. As leituras foram direcionadas ao bem cultural pesquisado e também aos locais onde ele acontece, notadamente sobre a região Nordeste do Estado do Pará. Foram visitados órgãos e instituições de cultura de Belém e os arquivos sonoros do folclorista Vicente Salles, no museu da Universidade Federal do Pará, bem como os arquivos do Museu da Imagem e do Som (MIS) e o Arquivo Público do Pará.

Para este relatório, foram consultadas as seguintes obras:

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth Et al. Quilombolas de Irituia (Pará) em luta pelo reconhecimento de direitos territoriais no século XXI. Belém: Associação das Universidades Amazônicas – UNAMAZ; Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Superintendência Regional do Pará (SR-01), 2008.

BORDALLO, Armando da Silva. Contribuição ao estudo do folclore amazônico na zona bragantina. Belém. Ed. Falângola, 1981 2ª ed.

CASCUDO, Luís Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1993.

Círio de Nazaré. – Rio de Janeiro: Iphan, 2006

JANSEN, Karine; AMORIN, A, K, J.; Um fogo que se deita no mar. Um estudo sobre a marujada do município de Quatipurú do Estado do Pará. Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. I. Belém: Cejup. 1995.

MACIEL, Antonio Francisco de A. Carimbó um canto caboclo. Campinas: Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1983. (Dissertação de Mestrado em Lingüística) 198 f.

MENEZES, Bruno de. Obras Completas de Bruno de Menezes: Folclore. Vol. 2. Belém: Secretaria Estadual de Cultura/ Conselho Estadual de Cultura, 1993. 3. v. (Lendo o Pará;14)

MODESTO, Márcia. "A influência negra na dança e no canto paraense". In: Revista Cultura. Publicação trimestral da Fundação

Cultural do Pará "Tancredo Neves". Ano I, No. 3, março/abril/maio. 1988. p. 18.

PEREIRA, Nunes. O Sahiré e o Marabaixo. Recife: Massangana, 1989.

SALLES, Vicente. O negro no Pará: sob o regime da escravidão. Belém/ Pará: IAP, Programa Raízes, 2005.

_____, Vicente. A Modinha no Grão-Pará: estudos sobre ambientação e (re) criação da Modinha no Grão-Pará. Belém: Secult/IAP/AATP, 2005.

_____, Vicente. A Folga do Negro. In O Negro na Formação da Sociedade Paraense. Belém: Paka-Tatu, 2004.

_____, Vicente. Vocabulário Crioulo: contribuição do negro ao falar regional amazônico. Belém: IAP, Programa Raízes, 2003

_____, Vicente. Música e Músicos no Pará. 2ª edição do autor, 2002.

_____, Vicente. Ritos populares: pajelança e catimbó (mimeo.), s.d.

_____, Vicente. Sociedades de Euterpe. Brasília: edição do autor, 1985.

_____, Vicente. A Música e o tempo no Grão-Pará. Conselho Estadual de Cultura. Belém/Pará: 1980.

_____, Vicente; SALLES, Marena Isdebski. Carimbó: Trabalho e lazer do Caboclo. Revista Brasileira de Folclore. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, p. 257-282, 9 (25), set./dez. 1969.

SOEIRO, Francisco Siqueira. Zimba. Vigia: [s.n.], s/d

VERGOLINO-HENRY Anaiza; FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. A presença africana na Amazônia colonial: uma notícia histórica. Belém: Governo do Estado do Pará. Secretaria de Estado de Cultura. Arquivo Público do Pará, 1990. 280 p.: quadros, mapas.

_____. História comum, tempos diferentes. In: D'INCAO, M. Angela; SILVEIRA, Isolda M. (orgs.) *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: MPEG, 1994, p. 199-206.

Relatórios técnicos



Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. Fascículo 3. Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará. Brasília, março de 2007.

IBGE/SIDRA, 2000

IBGE/Censo, 2010

PNUD. Atlas de Desenvolvimento Humano, 2000.

Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Santarém Novo, 2011.

Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Quatipurú, 2011.

Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Irituia, 2011.

Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Mojú, 2011.

Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Igarapé-Miri, 2011.

Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Abaetetuba, 2011.

Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças – SEPOF e Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. Estatísticas Municipais: Cametá, 2011.

Sites e blogs

<<http://gengibirradigital.blogspot.com>> acessado em 23 de janeiro de 2011.

<<http://intervencoesvirtuais.blogspot.com>> acessado em 23 de janeiro de 2011.

<<http://maria-pretinha.blogspot.com>> acessado em 15 de janeiro de 2011.

<www.manamani.org.br> acessado em 10 de janeiro de 2011.

<www.quatipuru.pa.gov.br> acessado em 8 de janeiro de 2011.

<<http://campanhacarimbo.blogspot.com>> acessado em 16 de janeiro de 2011.

Discografia

CUPIJÓ. O Melhor de Mestre Cupijó, Cultura Laser da Amazônia, NH 2245. 1 CD.

GRUPO DA PESADA. Explosão do Carimbó. São Paulo: Continental, 1975. 1 disco sonoro. 33 1/3 rpm, estéreo. 30 cm. 107405.050. CGC 61.186.300/001.

MESTRE CUPIJÓ E SEU RITMO. São Paulo: Continental, 1975. 1 disco sonoro, 33 rpm, estéreo. 30 cm. 1.07.405.029. CGC 61.186.300/001.

MESTRE CUPIJÓ. Dance o Siriá: mestre Cupijó e seu ritmo. Recife: Rozemblit, S.D. 1 Disco sonoro, 33 rpm, estéreo. 30 cm. SCLP 7006. CGC. 10.823.003.

O FOLCLORE DA AMAZÔNIA; Carimbó Belém: Amazon Recori, S.D. 1 Disco sonoro, 33 1/3 rpm, estéreo, 30 cm. SLP - 1001. CGC. 61.160842/001.

RITMOS DA AMAZÔNIA: Grupo Folclórico do Pará do Colégio Estadual Augusto Meira. Belém: Tapeçar/Gravasom, [s.d.]. 1 Disco sonoro, 33 1/3 rpm, estéreo, 30 cm. LP-GOM-3001. CGC. 33.631.433/001.



11. MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

O material de divulgação do Levantamento Preliminar da Microrregião Cametá e entorno foi o mesmo utilizado nas etapas anteriores, com o intuito de manter a identidade do projeto.

A distribuição de folders explicativos do projeto possibilitou uma maior interação com o público pesquisado e com os demais habitantes da região na medida em que, depois de compreendidos os objetivos deste projeto, normalmente a equipe foi chamada para novas rodas de conversa e também de carimbó (Para visualização do material de divulgação, ver anexo V).



ANEXOS

ANEXO I. QUADRO SÍNTESE COM OS RESULTADOS PRELIMINARES

	Celebrações	Formas de Expressão	Ofícios e Modos de Fazer	Edificações e Lugares	Total
Cametá		1			1
Abaetetuba		1			1
Igarapé-Miri		3			3
Irituia	2	6		3	11
Mojú		1			1
Quatipuru	3	5	1	3	12
Santarém Novo	2	22	2	1	27
Total	7	39	3	7	56

ANEXO II. QUADRO DE BENS POR CATEGORIA

01	CAMETÁ	Categoria	Estado
1	Carimbó de Mestre Cupijó	Formas de expressão	Vigente

02	ABAETETUBA	Categoria	Estado
1	Conjunto Muiraquitãs	Formas de expressão	Vigente

03	IGARAPÉ-MIRI	Categoria	Estado
1	Os bangüês de Igarapé-Miri	Formas de expressão	Vigente
2	Carimbó do “Pim”	Formas de expressão	Vigente
3	Conjunto Os Populares de Igarapé-Miri	Formas de expressão	Vigente

04	IRITUIA	Categoria	Estado
1	Folia de Santos Reis e outras manifestações acompanhadas por conjunto de carimbó	Celebração	Vigente
2	Folia de São Benedito	Celebração	Vigente
3	Complexo Dona Carmem	Edificações e Lugares	Vigente
4	Antigo barracão de São Benedito	Edificações e Lugares	Vigente
5	Capela de São Benedito	Edificações e Lugares	Vigente
6	Conjunto Beija-Flor – “Carimbó do Machado”	Formas de expressão	Vigente
7	Cantor e compositor “Tio Minga”	Formas de expressão	Vigente
8	Conjunto Arauaítê	Formas de expressão	Vigente
9	Conjunto Os Lagoanos	Formas de expressão	Vigente

10	Festival da Cultura de Irituia	Formas de expressão	Vigente
11	Grupo de Carimbó da Terceira Idade	Formas de expressão	Vigente

05	MOJÚ	Categoria	Estado
	Carimbó de Mestre Jorge	Formas de expressão	Vigente

06	QUATIPURU	Categoria	Estado
1	Festa da Marujada de São Benedito	Celebrações	Vigente
2	Festa da Marujada de Boa Vista	Celebrações	Vigente
3	Carimbó de Mestre “Come Barro”	Formas de expressão	Vigente
4	O carimbó na Marujada de Boa Vista	Formas de expressão	Vigente
5	Conjunto Raios de Sol	Formas de expressão	Vigente
6	Conjunto Raízes Quatipurenses	Formas de expressão	Vigente
7	Conjunto Aratu	Formas de expressão	Vigente
8	Confecção da rabeca	Ofícios e Modos de Fazer	Memória
10	Barracão de São Benedito de Boa Vista	Edificações e Lugares	Vigente
11	Barracão de São Benedito de Quatipuru	Edificações e Lugares	Vigente
12	Barracão Mestra Verequete	Edificações e Lugares	Vigente

07	SANTARÉM NOVO	Categoria	Estado
1	Festa do Glorioso São Benedito	Celebrações	Vigente
2	Festa de carimbó da Vila de Peri Meri	Celebrações	Vigente
3	Ladainhas e Folias	Formas de expressão	Vigente
4	Cordões e Comédias	Formas de expressão	Vigente
5	Danças de carimbó	Formas de expressão	Vigente
6	Conjunto Raios de Sol	Formas de expressão	Vigente
7	Conjunto Cheiro do Pará	Formas de expressão	Vigente
8	Conjunto Renascer	Formas de expressão	Vigente
9	Irmadade do carimbó de São Benedito	Formas de expressão	Vigente
10	Conjunto Dois Amores	Formas de expressão	Memória
11	Conjunto Curumins da Madrugada	Formas de expressão	Memória
12	Conjunto Rouxinol	Formas de expressão	Vigente
13	Conjunto Unidos da Tradição	Formas de expressão	Memória
14	Conjunto Trinca Ferro	Formas de expressão	Vigente

	Mirim		
15	Conjunto Quentes da Madrugada	Formas de expressão	Vigente
16	A comédia “Rei Coriongo”	Formas de expressão	Memória
17	“Tio Celé” e os “antigos” do carimbó de Santarém Novo	Formas de expressão	Memória
18	Conjunto unidos de Peri-Meri e o tocador “Bené da rabeca”	Formas de expressão	Vigente
19	Conjunto Trinca Ferro	Formas de expressão	Vigente
20	Conjunto Passarinho	Formas de expressão	Vigente
21	Conjunto Herdeiros da Tradição - “HT”	Formas de expressão	Vigente
22	Conjunto Unidos da Liberdade	Formas de expressão	Vigente
23	Grupo de dança “Os Pretinhos”	Formas de expressão	Vigente
24	Grupo Aracê da Amazônia	Formas de expressão	Vigente
25	Barracão da Irmandade de São Benedito	Edificações e Lugares	Vigente
26	Confecção de instrumentos de percussão	Ofícios e Modos de Fazer	Vigente
27	Feitura do Beiju Chica – iguaria servida durante as festas de carimbó	Ofícios de Modos de Fazer	Vigente

ANEXO III. QUADRO GERAL DE GRUPOS VIGENTES E EM MEMÓRIA

Vigentes	26
Memória	04

ANEXO IV. QUADRO SÍNTESE GERAL DE ENTREVISTAS REALIZADAS

MUNICÍPIOS	ENTREVISTAS
Cametá	02
Abaetetuba	05
Igarapé-Miri	05
Irituia	17
Mojú	10
Quatipuru	20
Santarém Novo	46
Total	105

ANEXO V. LISTA DE TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**Cametá**

1. Joaquim Maria Dias de Castro (Mestre Cupijó)
2. Manoel do Socorro Valente Corrêa

Abaetetuba

1. Antônio de Oliveira (Coroné Tonico)
2. Clorimar Trinidade Margalho
3. Maria de Nazaré Carvalho Lobato
4. Raimundo Cláudio dos Santos Lobato

Igarapé-Miri

1. Benedita dos Santos Miranda
2. Paulo Gonçalves
3. Rosibel Pantoja Serrão

Irituia

1. Alcemir Cordeiro Bastos
2. André Pinho Borges
3. Bento dos Santos Oliveira
4. Carolina de Lima Nunes
5. Charles Ferreira Dantas
6. Helton Jones Monteiro da Rocha
7. Ilda Cabral Cordeiro
8. Ivo dos Anjos Silva
9. Luzia Cordeiro Bastos
10. Manoel Fernandes Cordeiro
11. Marcelo Junior Nunes de Lima
12. Miguel Ângelo Cunha de Oliveira
13. Rosendo de Castro Vieira
14. Rufino Corrêa da Rocha Junior
15. Solano de Oliveira
16. Tomaz Ferreira da Silva

Moju

1. Jorge Trindade da Silva

Quatipurú

1. Domingos Fonseca da Silva
2. João Batista da Silva Oliveira
3. José Abdias Pereira dos Santos
4. José Balbino Prestes
5. Luiza Oliveira Brandão
6. Maria Rosa Reis do Rosário
7. Pedro Silva Figueiredo
8. Raimunda Conceição dos Santos



9. Raimundo Rodrigues Borges
10. Waldeth da Luz Fernandes

Santarém Novo

1. Agnello Silva da Costa
2. Aldery Dias dos Santos
3. Ana Lopes Botelho de Souza
4. Antônio dos Reis Moreira
5. Antônio Max Correa Farias
6. Antônio Waltesson de Freitas Corrêa
7. Arcelina dos Santos Loureiro
8. Benedito Bentes
9. Bento Correa Pimentel
10. Edson Costa Corrêa
11. Fernando Aleixo
12. Fernando Edison dos Santos Loureiro
13. Gilberto do Vale Anselmo
14. Graça Silva da Conceição
15. Irinéia Maria de Jesus Loureiro
16. João Batista Ferreira
17. João Bernardo de Souza
18. João Feliciano Loureiro
19. João Pires
20. José Carlos do Carmo Sota
21. José Duarte Gomes
22. Kzan Marques Mendes
23. Luis Corrêa Dias
24. Matthew Nadilan Silva Marques
25. Paulo Ronaldo de Lima Costa
26. Pedro Geovane Corrêa
27. Raimundo Corrêa Costa
28. Raimundo Costa Corrêa
29. Sebastião Almeida da Silva

Total: 65

ANEXO VI. QUADRO DE REGISTROS AUDIOVISUAIS

Lista de Audiovisuais de Santarém Novo		
Numeração	Discriminação	Formato
IC05.07_0001 à 0004	Agnello Silva da Costa	Jpeg
IC05.07_0005 à 0009	Antônio Custódio da Silva - antigo festeiro	Jpeg
IC05.07_0010 e 0011	Antonio Max Correa Farias Grupo Herdeiros da Tradição – HT	Jpeg
IC05.07_0012 à 0019	Antonio Watesson de Freitas Correa - grupo Unidos da Liberdade	Jpeg
IC05.07_0020 e 0021	Arcelina dos Santos Loureiro	Jpeg
IC05.07_0022 à 0045	Aspectos da cidade	Jpeg
IC05.07_0046 à 0049	Barracão da Irmandade de São Benedito	Jpeg
IC05.07_0050 à 0061	Bento Correa Pimentel	Jpeg
IC05.07_0062 à 0064	Casarão	Jpeg
IC05.07_0065 à 0071	Casarão da esquina	Jpeg
IC05.07_0072 à 0073	Fernando Aleixo	Jpeg
IC05.07_0074 à 0076	Gilberto do Vale Anselmo	Jpeg
IC05.07_0077 à 0086	Graça Silva da Conceição - Feitura do Beiju	Jpeg
IC05.07_0087 à 0089	Barracão da Festividade de São Benedito	Jpeg
IC05.07_0090 à 0093	Benedito Bentes - (Perema) - Vila Sapoteua - Bom Jesus - Conjunto Unidos de Perimeri	Jpeg
IC05.07_0094 à 0102	Capela de São Benedito - Vila Amapazinho	Jpeg
IC05.07_0103 à 0115	Casa Grande - Santarém Novo	Jpeg
IC05.07_0116	Paulo Sérgio Araujo Pimentel	Jpeg
IC05.07_0117 à 0128	Edson Costa Corrêa (filho de mestre Celé - Celestiano da Silva Costa Corrêa)	Jpeg
IC05.07_0129 à 0130	Fernando Edson dos Santos Loureiro - ex-presidente da Irmandade de S. Benedito e ex-prefeito	Jpeg
IC05.07_0131 à 0137	Gilberto do Vale Anselmo - Vila Amapazinho - Conjunto Passarinho	Jpeg

IC05.07_0138 à 0141	Palhaços de derrubação do mastro de São Benedito	Jpeg
IC05.07_0142 à 0154	João Bernardo de Souza e Ana Lopes Botelho de Souza - Dançarinos e organizadores do Conjunto Trinca Ferro Miri	Jpeg
IC05.07_0155 à 0156	José Carlos do Carmo Sota - Zé Pitanga - Conjunto Os Quentes da Madrugada	Jpeg
IC05.07_0157 à 0164	José Duarte Gomes - Vila de Perimeri - Diretoria de São Sebastião	Jpeg
IC05.07_0165 à 0166	Orla de Santarém Novo	Jpeg
IC05.07_0167 à 0171	Raimundo Corrêa Costa - Tico - Conjunto Os Quentes da Madrugada	Jpeg
IC05.07_0172 à 0174	Raimundo Costa Corrêa - Dicoboi - Conjunto Os Quentes da Madrugada	Jpeg
IC05.07_0175 à 0191	Sebastião Almeida da Silva - Artesão- Conjunto Os Quentes da Madrugada	Jpeg
IC05.07_0192 à 0194	Vila de Sapoteua	Jpeg
IC05.07_0195	Irinéia Maria de Jesus Loureiro - costureira de roupas de carimbo	Jpeg
IC05.07_0196 à 0208	João Batista Ferreira - artesão grupo Raio de Sol	Jpeg
IC05.07_0209 à 0210	João Feliciano de Loureiro - Coordenador do grupo Curumins da Madrugada	Jpeg
IC05.07_0211 à 0212	João Pires Grupo Rouxinol	Jpeg
IC05.07_0213 à 0215	José Duarte Gomes	Jpeg
IC05.07_0216	Kzan Marques Mendes - Grupo Os Pretinhos	Jpeg
IC05.07_0217 à 0223	Localidade Faustina	Jpeg
IC05.07_0224 à 0234	Localidade Peri-Meri	Jpeg
IC05.07_0235 à 0240	Luis Correa Dias - grupo Renascer	Jpeg
IC05.07_0241 à 0243	Nadilan Marques - Grupo Aracê da Amazônia	Jpeg
IC05.07_0244	Pedro Geovane Correa - Grupo Unidos da Tradição	Jpeg
IC05.07_0245	Felipe Neri de Almeida	Jpeg
IC05.07_0246 à 0248	Santarém Novo – vídeo	Vídeo AVI

IC05.07_0249	Antonio Custodio da Silva - Farol	Audio Wav
IC05.07_0250	Antônio Max Correa Farias - HT	Audio Wav
IC05.07_0251	Antônio Watesson de Freitas Corrêa - Unidos da Liberdade	Audio Wav
IC05.07_0252	Giberto do Vale Anselmo - Vila Amapazinho	Audio Wav
IC05.07_0253	Graça Silva da Conceição - Beiju	Audio Wav
IC05.07_0254	Irinéia Maria de Jesus Loureiro - Indumenária	Audio Wav
IC05.07_0255	João Batista Ferreira - Vila Pacujá	Audio Wav
IC05.07_0256	João Feliciano de Loureiro	Audio Wav
IC05.07_0257	Kzan Marques – Pretinhos	Audio Wav
IC05.07_0258	Luis Correa Dias – Faustina	Audio Wav
IC05.07_0259	Matthew Nadilan Silva Marques - Aracê da Amazônia	Audio Wav
IC05.07_0260	Pedro G Correa - Filhos da Tradição	Audio Wav
IC05.07_0261	Santarém Novo_Arcelina dos Santos Loureiro_Boi-bumbá_Festa de São Benedito_09 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0262	Santarém Novo_Bacuriteua_Bento Corrêa Pimentel_Conjunto de Carimbó Trinca Ferro_07 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0263	Santarém Novo_Felipe Neri de Almeida_Carimbó de Santarém Novo_08 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0264	Santarém Novo_Irailde Carmem de Jesus Raiol_Festa de São Benedito_08 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0265	Santarém Novo_Jean Carlos Pimentel Corrêa_Grupo de Carimbó Cheiro do Pará_08 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0266	Santarém Novo_Maria Teodorina dos Santos Loureiro_Festa de São Benedito_Boi-bumbá_08 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0267	Santarém Novo_Martinho Corrêa de Souza_Viola_Folias_Ladainhas_08 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0268	Santarém Novo_Pacujá_Joel Pires da Costa_Conjunto de Carimbó Raio do Sol_07 de janeiro de 2011	MP3



IC05.07_0269	Santarém Novo_Paulo Pimentel_Casa Grande_09 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0270	Santarém Novo_Paulo Pimentel_Casa Grande_09 de janeiro de 2011_I	MP3
IC05.07_0271	Santarém Novo_Pedro Corrêa_Irmandade de São Benedito_08 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0272	Santarém Novo_Pedro Corrêa_Irmandade de São Benedito_08 de janeiro de 2011_	MP3
IC05.07_0273	Santarém Novo_Peri Meri_Agnello Silva da Costa_Viola e Banjo_07 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0274	Santarém Novo_Peri Meri_Fernando Aleixo_Dança do Carimbó_07 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0275	Santarém Novo_Peri Meri_Fernando Aleixo_Dança do Carimbó_07 de janeiro de 2011_	MP3
IC05.07_0276	Santarém Novo_Peri Meri_José Duarte_Festa de carimbó_07 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0277	Santarém Novo_Ramira Almeida Dias_Festa de São Benedito_08 de janeiro de 2011	MP3
IC05.07_0278	Santarém Novo_Ramira Almeida Dias_Festa de São Benedito_2011	MP3
IC05.07_0279	Aldery dos Santos - Banda Municipal de Santarém Novo	Audio Wav
IC05.07_0280	Antônio – Conj. Dois Amores	Audio Wav
IC05.07_0281	Bené da Rabeca I	Audio Wav
IC05.07_0282	Bené da Rabeca II	Audio Wav
IC05.07_0283	Bernardo de Souza - Tio Bernardo – Conj. Trincaferro Mirim	Audio Wav
IC05.07_0284	Edson Corrêa - filho de Mestre Celé	Audio Wav
IC05.07_0285	Fernando Loureiro - ex-pres. da Irmandade de São Benedito	Audio Wav
IC05.07_0286	João Pires	Audio Wav
IC05.07_0287	José Sota - Zé Pitanga	Audio Wav

IC05.07_0288	Paulo Lima - Conj Raio do Sol	Audio Wav
IC05.07_0289	Raimundo Corrêa – Dicoboi	Audio Wav
IC05.07_0290	Raimundo Corrêa - Dicoboi II	Audio Wav
IC05.07_0291	Raimundo Costa – Tico	Audio Wav
IC05.07_0292	Sebastião da Silva – Sabá	Audio Wav

Lista de Audiovisuais de Quatipuru		
Numeração	Discriminação	Formato
IC05.06_0293	Sede do Grupo de Carimbó Aratú de Boa Vista – Quatipurú	Jpeg
IC05.06_0294 à 0301	Antonio Costa	Jpeg
IC05.06_0302 à 0304	Antonio Costa	Vídeo AVI
IC05.06_0305 à 0310	Barracão Mestre Verequete	Jpeg
IC05.06_0311 à 0316	Barracão S Benedito Boa Vista	Jpeg
IC05.06_0317 à 0347	Grupo Raio de Sol e Raimundo Rodrigues Borges - Come Barro	Jpeg
IC05.06_0348 à 0354	Grupo Raio de Sol e Raimundo Rodrigues Borges - Come Barro	Vídeo AVI
IC05.06_0355 à 0367	Quatipuru	Jpeg
IC05.06_0368 à 0379	Imagens Boa Vista	Jpeg
IC05.06_0380 à 0387	Aspectos da cidade - Quatipuru	Jpeg
IC05.06_0388 à 0390	Boa Vista	Jpeg
IC05.06_0391 à 0407	Localidade de Boa Vista - Conjunto Aratu	Jpeg
IC05.06_0408	Localidade de Boa Vista - Conjunto Aratu - Domingos Fonseca da Silva - Brincadeira de Passaro e Boi-bumbá	Jpeg
IC05.06_0409	Localidade de Boa Vista - Conjunto Aratu - Francisco Aurino Corrêa – vocalista	Jpeg
IC05.06_0410	Localidade de Boa Vista - Conjunto Aratu - José Balbino Prestes - Mestrinho - banjista	Jpeg

IC05.06_0411 à 0420	Maria R. R. do Rosario (filha de Manoel Raimundo Reis dos Santos - tocador e artesão de rabeca)	Jpeg
IC05.06_0421 à 0441	Olivar Lisboa Pereira - Conjunto Raízes Quatipuruenses	Jpeg
IC05.06_0442 à 0447	Pedro Silva Figueiredo - Capitão da Marujada	Jpeg
IC05.06_0448 à 0459	Pedro Silva Figueiredo - Capitão da Marujada - Casa de Mina	Jpeg
IC05.06_0460 à 0462	Waldeth da Luz Fernandes - Conjunto de seresta e carimbó Lembranças do Passado - Localidade de Boa Vista	Jpeg
IC05.06_0463 e 0464	José Abdias Pereira dos Santos	Jpeg
IC05.06_0465 e 0466	Prof. João Batista	Jpeg
IC05.06_0467 e 0472	Raimunda Conceição dos Santos	Jpeg
IC05.06_0473	Quatipuru_Antônio Moreira da Fonseca_Associação da Marujada de Quatipuru_14 de janeiro de 2011	MP3
IC05.06_0474	Quatipuru_Boa Vista_Antônio Costa_Festa da Marujada_Boi-bumbá_Carimbó_15 de janeiro de 2011	MP3
IC05.06_0475	Quatipuru_Boa Vista_João Batista da Silva Oliveira_História e Cultura de Quatipuru_15 de janeiro	MP3
IC05.06_0476	Quatipuru_Boa Vista_João Batista da Silva Oliveira_História e Cultura de Quatipuru_15 de janeiro	MP3
IC05.06_0477	Quatipuru_Boa Vista_José Abdias Pereira dos Santos_Festa de São Benedito_15 de janeiro de 2011	MP3
IC05.06_0478	Quatipuru_Mestre Come Barro_Carimbó de Quatipuru_14 de janeiro de 2011	MP3
IC05.06_0479	Quatipuru_Mestre Come Barro_Carimbó de Quatipuru_14 de janeiro de 2011_I	Audio Wav
IC05.06_0480	Quatipuru_Mestre Come Barro_Carimbó de Quatipuru_14 de janeiro de 2011_II	MP3
IC05.06_0481	Quatipuru_Pedro Ramos dos Reis_Carimbó de Quatipuru_14 de janeiro de 2011_I	MP3

IC05.06_0482	Quatipuru_Pedro Ramos dos Reis_Carimbó de Quatipuru_14 de janeiro de 2011_II	MP3
IC05.06_0483	Quatipuru_Pedro Ramos dos Reis_Cultura de Quatipuru_14 de janeiro de 2011	MP3
IC05.06_0484	Quatipuru_Raimundo Nonato_Festa da Marujada_14 de janeiro de 2011	MP3
IC05.06_0485	Cirllem J. Lisboa do Rosário - Secretário de Cultura	Audio Wav
IC05.06_0486	Luiza Oliveira Brandão - Capitoa da Marujada de Quatipuru e José Oliveira da Silva - colaborador	Audio Wav
IC05.06_0487	Maria do Rosario - filha do rabequeiro Manoel Raimundo	Audio Wav
IC05.06_0488	Mestrinho e Conjunto Aratu	Audio Wav
IC05.06_0489	Olivar Pereira - Conj Raizes Quatipuruenses	Audio Wav
IC05.06_0490	Olivar Pereira II	Audio Wav
IC05.06_0491	Olivar Pereira III	Audio Wav
IC05.06_0492	Pedro Figueiredo - Capitão da Marujada	Audio Wav
IC05.06_0493	Waldeth Fernandes – Conj. Lembrança do Passado	Audio Wav
IC05.06_0494	Waldeth Fernandes II	Audio Wav

Lista de Audiovisuais de Moju		
Numeração	Discriminação	Formato
IC05.05_0495 à 0504	Africa-Laranjituba	Jpeg
IC05.05_0505 à 0507	Alcides dos Santos Tavares - Bufito	Jpeg
IC05.05_0508 à 0520	Aspectos da cidade	Jpeg

IC05.05_0521 à 0564	Comunidade Sta Luzia do Bom Prazer	Jpeg
IC05.05_0565 à 0567	Comunidade Sta Luzia do Bom Prazer	Vídeo AVI
IC05.05_0568 à 0570	Dona Lili	Jpeg
IC05.05_0571 à 0575	Moju_África-Laranjatuba_Jorge Trindade da Silva_30 de Janeiro de 2011	Jpeg
IC05.05_0576 à 0577	Moju_Germano dos Santos_Boi-bumbá Caprichoso_29 de Janeiro de 2011.I	Jpeg
IC05.05_0578 à 0588	Moju_Sta Luzia do Bom Prazer-Puacê_29 de Janeiro de 2011	Jpeg
IC05.05_0589 à 0594	Germano Costa dos Santos - Gení	Jpeg
IC05.05_0595	Germano Costa dos Santos - Gení	Vídeo AVI
IC05.05_0596 à 0627	Jorge Trindade da Silva - Mestre Jorge	Jpeg
IC05.05_0628 à 0635	Jorge Trindade da Silva - Mestre Jorge	Vídeo AVI
IC05.05_0636	Alcides dos Santos Tavares	Audio Wav
IC05.05_0637	Carmem Helenice de Souza	Audio Wav
IC05.05_0638	Herivelton Martins e Silva - Vetinho	Audio Wav
IC05.05_0639	Itamar do Espírito Santo	Audio Wav
IC05.05_0757	Africa-Laranjituba	MP3
IC05.05_0758	Contato do Edgar_Presidente Quilombola	MP3
IC05.05_0759	Germano dos Santos_Boi-bumbá Caprichoso	MP3
IC05.05_0760	Sta Luzia do Bom Prazer-Puacê_Leonarda Martins_Cultura de Moju	MP3
IC05.05_0761	Sta Luzia do Bom Prazer-Puacê_Mário_Cultura de Moju	MP3
IC05.05_0762	Sta Luzia do Bom Prazer-Puacê_Waldirene Santos_Cultura de Moju	MP3

Lista de Audiovisuais de Irituia

Numeração	Discriminação	Formato
IC05.04_0640	Antigo barracão de São Benedito	Jpeg
IC05.04_0641	Capela de São Benedito	Jpeg
IC05.04_0642 à 0659	Aspectos da localidade	Jpeg
IC05.04_0660 à 0710	Carolina de Lima Nunes - artesã e fundadora do Festival de Cultura	Jpeg
IC05.04_0711 à 0713	Conjunto Os Lagoanos	Jpeg
IC05.04_0714	Conjunto Os Lagoanos - Alcemir Cordeiro Bastos - organizador da festa de carimbó e do conjunto	Jpeg
IC05.04_0715	Conjunto Os Lagoanos - Miguel Ângelo Cunha de Oliveira - Miguelito - vocalista	Jpeg
IC05.04_0716 e 0717	Ivo dos Anjos Silva - Tio Minga - compositor e cantor	Jpeg
IC05.04_0718 e 0732	Manoel Fernandes Cordeiro - Folia de São Benedito	Jpeg
IC05.04_0733 e 0743	Movimento Quem-te-dera	Jpeg
IC05.04_0744	Irituia_Francisco Sales Pereira_Conjunto de Carimbó Arauí-tê_21 de janeiro de 2011	MP3
IC05.04_0745	Irituia_Júlio Raimundo Rodrigues Lourenço_História de Irituia_21 de janeiro de 2011	MP3
IC05.04_0746	Irituia_Maria Olinda Ferreira de Oliveira_Carimbó dos Idosos_21 de janeiro de 2011	MP3
IC05.04_0747	Irituia_Movimento Quem-te-Dera_Cultura de Irituia_21 de janeiro de 2011	MP3
IC05.04_0748	Irituia_Solano Antonio de Oliveira_Sanfoneiro do Conj de Carimbó Os Populares	MP3
IC05.04_0749	Irituia_Tomás Ferreira da Silva_Carimbó do Machado_22 de janeiro de 2011	MP3
IC05.04_0750	Bento dos Santos Oliveira - Comunidade Família Unida - Itabocal - Irituia	Audio Wav

IC05.04_0751	Alcenir Bastos e Miguel de Oliveira - Conj Os Lagoanos	Audio Wav
IC05.04_0752	Carolina Nunes - Festival de Cultura	Audio Wav
IC05.04_0753 à 0755	Manoel Cordeiro - Folias de São Benedito	Audio Wav
IC05.04_0756	Movimento Quem te Dera	Audio Wav

Lista de Audiovisuais de Igarapé-Mirim		
Numeração	Discriminação	Formato
IC05.03_0757 à 0794	Aspectos da localidade	Jpeg
IC05.03_0795 à 0797	Benedita dos Santos Miranda - Secret de Cultura	Jpeg
IC05.03_0798 à 0807	Paulo Gonsalves - Pim	Jpeg
IC05.03_0808 à 0823	Raimundo Farias de Souza - Mestre Socó	Jpeg
IC05.03_0824	Odivaldo Castelo Branco - Os Populares de Igarapé-Miri	Jpeg
IC05.03_0825 à 0833	Raimundo Farias de Souza - Mestre Socó	Videoclipe

Lista de Audiovisuais de Abaetetuba		
Numeração	Discriminação	Formato
IC05.02_0834	LP do Grupo Maratauíra	Jpeg
IC05.02_0835	Professora Nazaré Lobato	Jpeg
IC05.02_0836	Raimundo Cláudio dos Santos Lobato - Ney Lisboa - cantor e compositor	Jpeg
IC05.02_0837 à 0941	Aspectos da localidade	Jpeg
IC05.02_0942	Muiraquitãs	Jpeg
IC05.02_0943 à 0945	Muiraquitãs - Antônio de Oliveira	Jpeg

IC05.02_0946	Muiraitãs - Baterista dos Muiraitãs	Jpeg
IC05.02_0947 e IC05.02_0948	Muiraitãs - Clorimar Trindade Margalho	Jpeg
IC05.02_0949 e IC05.02_0950	Muiraitãs - Nonato	Jpeg

Lista de Audiovisuais de Cametá		
Numeração	Discriminação	Formato
IC05.01_0951 à 0985	Aspectos da localidade	Jpeg
IC05.01_0986 à 1011	Joaquim Maria Dias de Castro - Mestre Cupijó	Jpeg
IC05.01_1012 e 1013	Manoel do Socorro Valente Correia	Jpeg
IC05.01_1014	Manoel Valente	Audio Wave
IC05.01_1015	Mestre Cupijó	Audio Wave

ANEXO VII. ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Qual seu envolvimento com o carimbó neste lugar?
2. Quando e como o(a) senhor(a) começou a praticá-lo?
3. Aprendeu com quem? É uma tradição familiar?
4. Existem membros na família que praticam?
5. Pretende dar continuidade a este bem cultural, repassá-lo para os mais jovens?
6. Quais as principais dificuldades enfrentadas?
7. Tem notícias de comunidades de negros ou índios no lugar?
8. Quais as principais referências (os mais antigos) do carimbó que conhece?
9. Tem constatado transformações significativas na reprodução da música, dança e manifestações festivas associadas ao carimbó?

10. Conhece outras pessoas (músicos, artesãos, costureiras, cozinheiras, cantores, compositores, etc.) que estão ligados direta ou indiretamente ao carimbó, bem como os locais (barracões, sedes, bosques, etc) onde o mesmo é praticado?

ANEXO VIII. LISTA PRELIMINAR DE POSSÍVEIS ENTREVISTADOS EM SANTARÉM NOVO ENVIADA POR ISAAC LOUREIRO

- **Fortaleza:** João Pires – também conhecido por “Batata”, cantador, compositor de carimbó e dono do grupo Rouxinol;
- **Faustina:** Luis Dias – cantador de carimbó e fundador do grupo “Relâmpago” que posteriormente mudou de nome para “Renascer”;
- **Peri-Meri:** Bené da Rabeca – músico antigo, artesão de banjo, rabeca e viola, mestre do grupo “Unidos de Peri-Meri”; Agnelo – tocador de viola e banjo do grupo “Unidos de Peri-Meri”, cantador de carimbó, folias e cordões de bicho; Fernando “Pote” – guardião da tradicional dança da “Roda Grande” que existe na vila; Zé Duarte – realizador de uma festa tradicional de carimbó que se realiza sempre no dia 6 de janeiro, dia de Reis;
- **Pacujá:** Paulo Lima – cantor e compositor do grupo “Raio de Sol”; João Batista – artesão de curimbós (tambores do grupo “Raio de Sol”); Joel – cantor e compositor de carimbó;
- **Santo Antônio:** Antônio Moreira – antigo cantador e compositor de carimbó, fundou o grupo “Dois Amores” e organizou a Irmandade de São Benedito na vila;
- **Amapazinho:** Gil – tocador de carimbó do grupo “Passarinho”;
- **Bacuriteua:** Bento Pimentel – compositor, cantador e fundador do grupo “Trinca-Ferro”.
- **“Dico Boi”** – tocador de carimbó e membro do grupo “Quentes da Madrugada” e da Irmandade de São Benedito;



- **"Sabá"** – artesão construtor de instrumentos de percussão e membro do grupo "Quentes da Madrugada" e da Irmandade de São Benedito;
- **"Dico Ticó"** – cantador do grupo "Quentes da Madrugada", diretor de carimbó da Irmandade, puxador de alvoradas, folias e da "levantação" do mastro de São Benedito e mestre de cultura popular;
- **"Zé Pitanga"** – diretor de patrimônio da Irmandade, tocador do grupo de carimbó "Quentes da Madrugada", brincante do "Rei Cariongo" e outras manifestações, filho do mestre Felipe Sota (falecido) que introduziu o triângulo no carimbó;
- **Néris "Caiara"** – antigo cantador de carimbó e pescador;
- **Martinho Souza** – violeiro e banjista que sempre toca ladainhas e folias de São Benedito;
- **Mestre Bernardo Souza** – antigo tocador e dançarino de carimbó e fundador do grupo "Trinca Ferro Mirim";
- **Ana Souza** – antiga dançarina e também responsável pelo grupo "Trinca Ferro Mirim";
- **Teodorina Loureiro** – antiga dançarina e membro da Irmandade;
- **Alderí Dias** – dançarino, percussionista e coordenador da Orquestra de Carimbó de Santarém Novo;
- **Arcelina Loureiro "Lôla"** – rezadora de ladainha e guardiã de cordões de pássaros;
- **Fernando Loureiro** – festeiro, foi presidente da Irmandade por mais de uma década e responsável pela construção do 1º barracão da entidade;
- **Pedro Corrêa** – festeiro e ex-presidente da Irmandade;
- **Ramira Almeida Dias** – antiga festeira e dançarina;
- **Edson Silva "Carataí"** – filho de mestre "Celé" (falecido), antigo diretor e guardião da tradição do carimbó de São Benedito;



- **Aubetimar de Jesus** – festeira, membro da Irmandade e filha do mestre Olinto Raiol (falecido);
- **Antônio Max** – músico, membro da Irmandade e fundador do grupo “Herdeiros da Tradição”;
- **Graça Silva** – produtora do tradicional “beiju-chica”, iguaria doada durante os festejos de São Benedito;
- **Nadilan Marques** – músico e fundador do grupo “Aracê da Amazônia”;
- **“Piá”** – tocador do grupo de carimbó “Quentes da Madrugada”, membro da Irmandade e fundador do grupo “Unidos da Liberdade”.
- **João Feliciano** – fundador do grupo de carimbó “Curumins da Madrugada”, primeiro grupo de carimbó mirim da cidade;
- **Pedro Geovane Corrêa** – festeiro e criador do grupo de carimbó “Filhos da Tradição”;
- **Jean Corrêa** – criador do grupo de carimbó “Cheiro do Pará”;
- **Kzan** – responsável pelo cordão “Os Pretinhos”;
- **Irinéia** – costureira, confecciona as roupas utilizadas para dançar o carimbó durante os festejos de São Benedito;
- **Isaac Loureiro** – presidente da Irmandade.

**ANEXO IX. LISTA PRELIMINAR DE POSSÍVEIS ENTREVISTADOS ENVIADA
PELO SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA DE QUATIPURÚ,
CIRLLEM DO ROSÁRIO**

Relação para o IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Órgão do Ministério da Cultura - MinC)

- **Pedrinho** (Capitão da marujada), 8464 4519
- **Maria Antonia** (Descendente de escravos) Fone: 8415-9025
- **Dona Luíza** (Capitão da marujada), Fone: 3822-2057
- **Seu Zé Maria** (Ex-capitão) 96 anos de idade
- **Maria Antonia** – Descendente de Escravo 8415 9023
- **Tio Rosa** (Ex-capitão Quatipuru e Tracuateua), 84240682
- **Mestre Come Barro** e Grupo de Carimbó Raio do Sol 8400 2020
- **Mestre Olivá** (Fone: 8449-1252) e Grupo de Carimbó Raízes Quatipuruenses
- **Cacuri** (Juiz da marujada 2010/2011), 8447 4143
- **Dona Dica** (Ex-Juíza da marujada), Fone: 8445-5188 / 84455181
- **Pedro Ramos** (músico)
- **Dário Ramos** (Cantor e vocalista), Fone: 8447-4139
- **Cirlem Lisboa** – Secretário de Cultura 8447 5279

Localidade de Boa Vista

- **Mestre Aurino** e Grupo Aratu, Responsável **Gustavo** (genro do Canindé)
- **Prof. Batista**
- **Seu Valdete** (Ex-vereador)

ANEXO X. LISTA DOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE IRITUIA⁴² E MOJÚ⁴³**IRITUIA**

- São Francisco de Maracaxeta
- Sítio Retito
- Nova Laudicéia
- Sítio Santo Antônio
- Nossa Senhora Medianeira das Graças da Boa Vista
- Tapera
- São José do Pataueteua
- Nossa Senhora do Carmo (ou Igarapé Ponte)
- São José do Açaiteua
- Nossa Senhora do Rosário

MOJÚ

- Bom Jesus do Centro Ouro
- Vila Nova
- São Bernardino
- Santana do Baixo
- Nossa Senhora das Graças
- Santa Luzia do Traquateua
- Santa Maria do Traquateua
- São Sebastião
- Santo Cristo
- Conceição do Mirindeua
- Santa Maria do Mirindeua

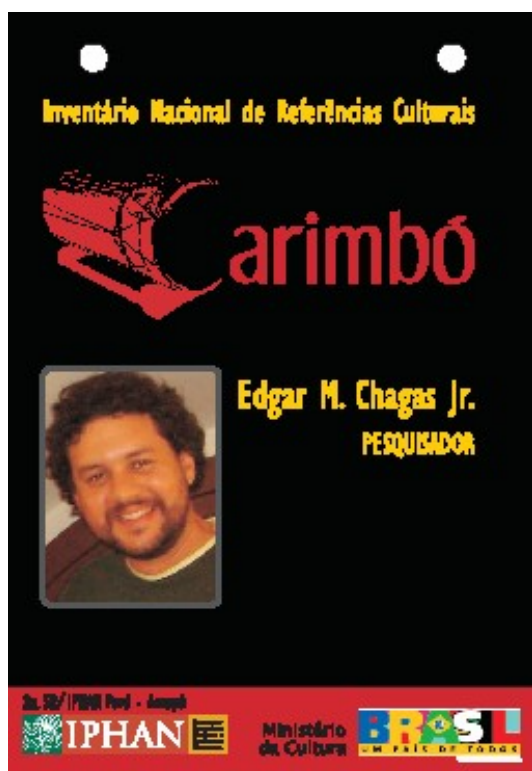
⁴² ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth Et al. Quilombolas de Irituia (Pará) em luta pelo reconhecimento de direitos territoriais no século XXI. Belém: Associação das Universidades Amazônicas – UNAMAZ; Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Superintendência Regional do Pará (SR-01), 2008.

⁴³ Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. Fascículo 3. Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará. Brasília, março de 2007.

- São Manoel
- Jacundaí
- Ribeira

ANEXO XI. MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Crachá



Camisetas



Folder

Inventário Nacional de Referências Culturais

O que é o Iphan

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vinculado ao Ministério da Cultura, é a instituição responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro

Criado em 1937, o Iphan tem como objetivo identificar, proteger, valorizar e divulgar o conhecimento do nosso patrimônio histórico e artístico, de forma permanente. Para tanto, conta com a parceria de governos estaduais e municipais e, também, de segmentos organizados da sociedade.

O que é o INRC

O Brasil precisa conhecer melhor o Brasil, principalmente suas referências culturais espalhadas por seu imenso território. Para isso, o Iphan está realizando o Inventário Nacional de Referência Culturais, para identificar e sistematizar informações sobre as diversas manifestações e bens culturais produzidos por todo o nosso país.

Qual o objetivo do INRC - CARIMBÓ

O INRC é um instrumento que permite identificar e conhecer um pouco melhor a diversidade cultural da região, refletida em manifestações como a do ritmo e da dança do carimbó. Dessa forma, o Iphan pretende colaborar na produção e promoção desse importante patrimônio, divulgando e produzindo conhecimento sobre tal manifestação cultural no Estado do Pará.

Como e onde será feita a coleta de informações?

Além de levantamentos bibliográficos e documentais feitos em bibliotecas, arquivos públicos e particulares e instituições de ensino e pesquisa como universidades e museus, os pesquisadores do Iphan farão viagens periódicas aos municípios de ocorrência deste bem cultural a fim de realizar entrevistas com moradores e personagens da cultura local.

O trabalho está sendo realizado em várias etapas seguindo os critérios de pesquisa do INRC: Levantamento preliminar, seguido do Inventário e elaboração de um dossiê final.

De que forma você pode participar

Os habitantes das regiões pesquisadas desempenharão um papel de extrema importância nesse trabalho, apontando os grupos de carimbó em atividade e aqueles que existem apenas na memória coletiva ou individual dos moradores das localidades, além de indicações de outras manifestações, modos de fazer (a culinária relacionada à manifestação, a indumentária usada nas apresentações, artesões de instrumentos como o curimbó, maracas, benjo, dentre outros) e lugares (casa, barracões, espaços associados à reprodução do carimbó) que julguem mais significativas e representativas da cultura local, sobretudo aqueles associados ao carimbó.

ANEXO XII – TERMOS DE CESSÃO GRATUITA PARA USO DE DOCUMENTOS SONOROS, VISUAIS, AUDIOVISUAIS E ESCRITOS EM PESQUISAS, INVENTÁRIOS, DOSSIÊS E EDIÇÕES

Modelo 1

1) Local e data

Belém, _____ de _____ de 2011.

2) CESSIONÁRIO:

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN, autarquia federal, vinculada ao Ministério da Cultura, criado pela Lei nº 8.029, de 12 de abril de 1990, com sede em Brasília, DF – o CESSIONÁRIO.

3) Representante do CESSIONÁRIO:

Maria Dorotéia de Lima, CPF 081480072 68, residente e domiciliada à Trav. Apinagés nº 808/201, na cidade de Belém/PA.

4) CEDENTE.:

ANDREY FARO DE LIMA, inscrito no CPF sob o nº 71271694204, com residência à Trav. Enéas Pinheiro, nº 622 – Bairro Perdreira – Belém/PA, CEP: 66080-290 doravante denominado CEDENTE.

5) Objeto:

O CEDENTE cede ao CESSIONÁRIO o uso de textos dos relatórios e de produtos audiovisuais (fotos e vídeos) resultantes do Levantamento Preliminar do INRC Carimbó, ciente de que tais documentos podem ser incorporados em AÇÕES DE PESQUISA, BASES DE DADOS, INVENTÁRIO, REGISTRO E EDIÇÕES DO IPHAN e podem compor obra textual ou audiovisual, a ser distribuída e exibida, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade, existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, em edições impressas, cinema, teledifusão, home vídeo, DVD, CD-ROM, sítios na internet, em exposições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição público ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exposições em festivais ou outros meios que se fizerem necessários

6) Caso o(s) documento(s) seja(m) utilizado(s) em qualquer tipo de material de divulgação, livros, ou caso, ainda seja(m) o(s) mesmo(s) exposto(s) em qualquer lugar aberto ao público, o cessionário se obriga a indicar clara e expressamente sua origem, bem como a autoria da(s) mesma(s).



7) A presente cessão de direitos é firmada em caráter gratuito para o cessionário.

8) Prazo:

A cessão vigorará por prazo indeterminado podendo ser interrompida se o CESSIONÁRIO não observar as normas estabelecidas no presente termo.

9) Rescisão:

A cessão de uso será rescindida pelo CEDENTE: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento, (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.

10) Foro:

O foro eleito é a Seção Judiciária Federal do Distrito Federal, competente para dirimir questões decorrentes da execução deste instrumento, com renúncia expressa a qualquer outro, por mais privilegiado que seja.

11) Publicação, vias, assinaturas das partes e das testemunhas:

O presente termo de cessão de uso é firmado em 02 (duas) vias de igual teor, forma e data, para um só efeito.

CEDENTE

MARIA DOROTÉA DE LIMA
CESSIONÁRIO

TESTEMUNHA

TESTEMUNHA

Modelo 2:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, _____,
inscrito no CPF sob o número _____ residente e
domiciliado na _____ neste ato denominado
AUTORIZANTE, outorga o seguinte termo de autorização:

1. O **AUTORIZANTE** autoriza a captação, fixação e utilização de sua imagem e de todos os elementos que a compõe para fins de pesquisa, elaboração de produtos e divulgação de projetos desenvolvidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/MINC).
2. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é uma instituição sem fins lucrativos que tem por objetivo a elaboração de pesquisas e produtos que valorizem e divulguem o patrimônio cultural do Brasil.
3. A imagem autorizada poderá compor obra audiovisual, a ser distribuída e exibida, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade, existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, em cinema, teledifusão, home vídeo, DVD, CD-ROM, em exposições públicas e privadas, assim como na divulgação e/ou publicidade do audiovisual em rádio, cinema e televisão, para exibição público ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no exterior, exposições em festivais ou outros meios que se fizerem necessários
4. A presente autorização é firmada em caráter gratuito, por prazo indeterminado, pelo que nenhum pagamento será devido pelo IPHAN ao **AUTORIZANTE**, a qualquer tempo e título.
5. Esta autorização poderá ser suspensa pelo **AUTORIZANTE**: (1) por descumprimento de qualquer condição estabelecida neste instrumento; (2) por acordo entre as partes; (3) na superveniência de norma legal obstativa.

_____, ____ de _____ de _____

AUTORIZANTE

INRC

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS

LEVANTAMENTO PRELIMINAR DO CARIMBÓ
MICRORREGIÃO CAMETÁ

IPHAN

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NO PARÁ

Av. Governador José Malcher, 563 – Nazaré

Belém 66.035-1000 Pará

Tel: (91) 3224-0699 / Fax (91) 3224-1825

e-mail: iphan-pa@iphan.gov.brwww.iphan.gov.brMiguilim: Cultura, Arquitetura, Projeto, Turismo, Ecologia e Meio
Ambiente Ltda.

Avenida Augusto de Lima, 233 – sobreloja 11 – Centro – Belo

Horizonte/MG Cep: 30.190-000

miguilim.cultural@gmail.com, miguilim@miguilim.comwww.miguilim.com